

O BRASIL AGRÍCOLA

FEVEREIRO/2010 - Nº 734 - ANO 66 - R\$ 11,90 - www.agranja.com

agranja



FITOSSANIDADE EM DESTAQUE

Os percevejos que
ameaçam os arrozais

COLHEITADEIRAS

Como deixar a máquina
ideal para a colheita

65
ANOS

COMO PRODUZIR SEM DESTRUIR

20 REPORTAGEM DE CAPA

O enlace sem crises entre meio ambiente & agricultura

30 COLHEITADEIRAS

Os detalhes que evitam o desperdício

35 SEGURO RURAL

O ano promete ser um divisor de águas

36 SOJA

Chapadões do Centro-Oeste já enchem seus silos

38 MILHO SAFRINHA

Um cultivo com características próprias

41 SHOW RURAL COOPAVEL

A feira que "abre" 2010



Leandro M. Mittmann

SEÇÕES

4 O SEGREDO DE QUEM FAZ

Xico Graziano, secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo

52 LINHA DE FRENTE

Sindag: na defesa do segmento

10 Vitrine

12 Primeira Mão

14 Aqui Está a Solução

16 Cartas, Fax, E-mails

18 Na Hora H

54 Agricultura Familiar

56 Notícias da Argentina

57 Plantio Direto

60 Agribusiness

64 Flash

66 Biodiesel

68 Novidades no Mercado

70 Escolha seu Trator e sua Colheitadeira

75 Agroguia

82 Eduardo Almeida Reis

Fitossanidade

em destaque



44 ARROZ

Os percevejos sempre na mira

48 NEMATOIDES

A ameaça é subterrânea

51 GENTE EM AÇÃO

O EQUILÍBRIO ENTRE P



Divulgação

Para o secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, **Xico Graziano**, a defesa da agricultura e da natureza não representam trabalhos distintos. Pelo contrário. São atividades que precisam caminhar juntas. Natural de Araras/SP, Francisco Graziano Neto é engenheiro agrônomo e nos anos 70 já se dedicava a pesquisar alternativas de produção enquanto cultivava uma horta orgânica. Mestre em Economia Rural e doutor em Administração, ele ainda se diz um “caipira” e cultiva suas origens produzindo cana e criando gado. Na carreira pública, também foi deputado federal, presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e secretário estadual da Agricultura em São Paulo. Hoje, ao mesmo tempo em que comemora conquistas e enumera desafios, Graziano defende uma política ambiental mais propositiva e o equilíbrio entre agricultores e ambientalistas.

PRODUÇÃO E NATUREZA

Denise Saueressig
denise@agranja.com

A Granja - O senhor acompanha a agricultura brasileira há décadas. O que mudou no perfil do produtor rural em relação ao meio ambiente? Atualmente, há uma maior consciência ambiental?

Xico Graziano - Sim, claramente se percebe uma mudança de postura, uma maior conscientização ambiental do produtor rural. E essa diferença está surgindo a partir das novas gerações. Nossos filhos e netos são mais sensíveis ao problema ecológico em relação ao que nós fomos no passado. Tudo evolui.

A Granja - Muitas vezes o produtor rural é considerado vilão na relação entre agricultura e meio ambiente. Como o setor pode desfazer esse rótulo e trabalhar preservando os recursos naturais?

Graziano - A resposta é óbvia, mas fundamental: fazendo as coisas acontecerem na prática, como, aliás, muitos agricultores já executam há tempos. A teoria do desenvolvimento sustentável está boa, mas na prática ela se torna difícil. Meio ambiente e produção rural precisam caminhar juntos.

A Granja - O Brasil já tem algumas iniciativas interessantes de pagamento por serviços ambientais a produtores rurais, inclusive em São Paulo. O senhor acredita que um programa desse tipo pode ser adotado de forma ampla, em todo o país?

Graziano - Sim, claro, acredito e luto por isso há muitos anos. A sociedade deve remunerar quem presta serviços ambientais. Esse é o melhor estímulo para o conservacionismo, valorizando quem o pratica. A política ambiental do nosso país sempre foi apenas repressora, cheia de “nãos”. Está

na hora de colocar um “sim” na política ambiental, um “pode fazer” que eu ajudo! Por isso que no estado de São Paulo já estamos elaborando uma Política Ambiental de Pagamento por Serviços Ambientais, que também chamamos de PSA. Nessa política vamos definir o que é PSA e quais são as ações prioritárias, como a proteção e restauração de florestas nativas, adoção de práticas de conservação do solo e da água e manejo da fauna silvestre.

A Granja - Quais projetos ligados ao meio rural o senhor considera como suas conquistas mais importantes à frente da Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo?

Graziano - Destaco o Protocolo do Projeto Etanol Verde e o Zoneamento Agroambiental para a cana-de-açúcar, que objetiva o fim das queimas de cana e a recuperação das matas ciliares entre os canaviais. Pela legislação estadual vigente, o setor sucroenergético teria até 2021 para queimar a palha da cana-de-açúcar em áreas mecanizáveis e até 2031 para as áreas não mecanizáveis – com declividade acima de 12%. Em 2007, criamos este Protocolo Agroambiental e tivemos a adesão de 85% das usinas e de 100% dos produtores rurais de cana. Neste documento, eles se comprometeram a eliminar a queima da palha até 2014 nas áreas mecanizáveis e até 2017 nas áreas não mecanizáveis. Um prazo possível e muito mais sensato para o meio ambiente. Era um absurdo ver toda aquela queima, a população incomodada com o ar, com o carvãozinho (fuligem) que sujava as casas. Na época, 30% da produção, apenas, era mecanizada. Hoje, três anos depois, já passa dos 50%. Existe uma estimativa de que no ano 2014 haverá no estado de São Paulo cerca de 7 milhões de hec-

tares de cana plantada. Dessa área, aproximadamente 85%, ou mais, será em áreas mecanizáveis. Se não existisse o protocolo, em 2014 ainda 3,8 milhões de hectares seriam queimados, ou seja, mais de 50% da área de cana-de-açúcar plantada. Com o protocolo, toda a área mecanizável será colhida crua, sem queima. O protocolo também induz em conjunto com os outros instrumentos da Secretaria do Meio Ambiente uma redução na utilização de água no processo industrial, normatizando o uso de água para, no máximo, um metro cúbico de água por tonelada de cana-de-açúcar moída. Além disso, pelo protocolo, o setor também se comprometeu a recuperar as matas ciliares. Em todo o estado, cerca de 400 mil hectares de matas ciliares se encontram cadastrados como áreas em recuperação ambiental. Isso é fantástico, um exemplo de desenvolvimento sustentável na prática. Já o Zoneamento Agroambiental, que citei anteriormente, foi uma iniciativa nossa e da Secretaria da Agricultura em 2008 para ordenar a ocupação do solo e nortear o licenciamento de empreendimentos sucroenergéticos.

A Granja - No ano passado, foi aprovada em São Paulo a Política Estadual de Mudanças Climáticas, que tem a meta de reduzir em 20% a emissão de gases de efeito estufa até 2020. De que formas o estado pretende cumprir essa meta e qual será a participação da agropecuária nesse processo?

Graziano - Será uma década de muito trabalho, visando a reduzir as emissões de gases do efeito estufa. Mais difícil será a equação no setor de transportes. Na agricultura, a movimentação de cargas e insumos, a fermentação entérica dos ruminantes, o

A sociedade deve remunerar quem presta serviços ambientais. Esse é o melhor estímulo para o conservacionismo

plântio direto, a energia da biomassa, são várias as possibilidades de contribuição para o processo. Pela nossa política estadual, temos o prazo de até o final de 2010 para elaborarmos um inventário de emissões de todos os setores produtivos. A partir daí e com o auxílio do Conselho Estadual de Mudanças Climáticas, criado junto com a política estadual, vamos conseguir traçar diretrizes, orientar a sociedade e os setores sobre as formas de reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Queremos traçar linhas de ações claras e objetivas para enfrentarmos o problema e estabelecer um calendário para o seu cumprimento. A impressão que tenho é de que todos concordam com essa tese de que é preciso reduzir as emissões, mas poucos sabem como fazer isso na prática. Com a nossa Política de Mudanças Climáticas queremos liderar esse processo de transformação, que não é possível sem uma ação firme de governo.

A Granja - A legislação ambiental brasileira é a mesma desde a década de 60 e há muitas propostas defendendo mudanças na lei. O que precisa ser modificado?

Graziano - Sempre tudo precisa mudar, adequar-se, melhorar, renovar-se, inclusive os próprios seres humanos. Basicamente, sem entrar no detalhe, defendo que a legislação ambiental precisa conter mais incentivos, ser positiva, não apenas ser repressiva. A legislação precisa ser capaz de trazer e envolver as pessoas na proatividade e não colocar o fulano contra a defesa ambiental do planeta.

A Granja - O Governo prorrogou mais uma vez o prazo para a averbação da Reserva Legal no Brasil. Como o senhor avalia o cumprimento dessa lei, uma vez que os produtores rurais alegam prejuízos incalculáveis para o setor?

Graziano - Sou moderado nessa matéria, nem tanto ao céu, nem tanto ao mar. O Governo Federal mostrou-se extremamente incompetente para resolver essa questão, afinou da tarefa e jogou os agricultores ao léu. Se Deus quiser, no próximo governo nós resolvemos isso, negociando, compondo, numa grande “concertação” nacional entre ambientalistas e agricultores. Se todos cederem um pouco, podemos resolver bem a questão. Não dá para pender apenas para um lado ou para o outro. Temos que encontrar um equilíbrio nessa agenda.

A Granja - Como funciona o licenciamento ambiental unificado em São Paulo? O que mudou a partir dessa medida de unificação?

Graziano - O licenciamento ambiental em São Paulo está funcionando muito bem, agora unificado na Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb). Existe certa burocracia, mas não dá mais para sair fazendo obra por aí sem avaliar os impactos ambientais e sem realizar as devidas compensações. Basta, apenas, saber organizar esse processo para que ele seja menos cansativo e demorado. Até ano passado, em São Paulo, existiam quatro portas de entrada para o licenciamento. A Cetesb, o Departamento de Avaliação de Impacto Ambiental (Daia), o Departamento de Licenciamento e Fiscalização do Uso do Solo Metropolitano (Dusm) e o Departamento Estadual de Proteção dos Recursos Naturais (DEPRN). Era uma loucura. As pessoas iam de um lado para o outro para obter uma licença ambiental. Por isso, resolvemos unificar o licenciamento. Fizemos da Cetesb a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo e incorporamos os outros órgãos licenciadores a esta recém-nascida companhia. Agora, quem

precisa de uma licença ambiental no estado tem apenas uma porta de entrada para isso. Facilitou demais, além de integrar equipes e tornar o processo mais prático. Claro que no começo temos complicações, as equipes tendo que se adaptar a esse novo sistema. Mas as coisas estão entrando no seu devido lugar e tudo está ficando claro e prático para todo mundo.

A Granja - Como o senhor avalia os resultados da Conferência da ONU sobre as mudanças climáticas, realizada em dezembro, na Dinamarca? Muitos analistas consideram que não houve um grande avanço em benefício do meio ambiente.

Graziano - Discordo quando se diz que não houve avanços em Copenhague. Acho que os avanços foram imensos, mobilizando a sociedade mundial para uma causa em defesa da humanidade. O que não ocorreu foi um documento final mandatário, mas isso fica para o ano que vem, no México. Eu sou otimista com relação à agenda ambiental, não gosto de pessimismos exagerados, nem de ecoterrorismo, tanto quanto abomino os devastadores de florestas. Conseguir reunir as lideranças que se reuniram em Copenhague, todas discutindo um assunto tão delicado, mas procurando maneiras, caminhos, para mim é um avanço. Não dá para querer que as mudanças que esperamos – e necessitamos – ocorram da noite para o dia. Com pessimismo, então, dificilmente chegaremos a algum lugar, a alguma meta. Prefiro, então, ser otimista e acreditar que chegaremos lá. 

Eu sou otimista com relação à agenda ambiental, não gosto de pessimismos exagerados, nem de ecoterrorismo



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann



MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 – 10º andar
CEP 01045-001 – São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

DIREÇÃO-EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor

Leandro Mariani Mittmann

Reportagem

Denise Saueressig

Editoração

Jair Marmet e Gustavo Meneghetti

Produção da Capa

Gustavo Meneghetti

Revisão

Jorge Sant'Ana

Estagiário

Luís Henrique Vieira

ASSINATURAS

Gerente de Operações

Amália Severino Bueno

Gerente de RH

Fabrizio dos Santos

Circulação

Jaderson Alberto Domingues Soares

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo – José Geraldo Silvani Caetano (gerente)

Porto Alegre – Maria Cristina Centeno (gerente RS/SC)

Agroguia – Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais – José Maria Neves

Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222

Conj. 105 – Luxemburgo – CEP 30380-530

Belo Horizonte/MG – Fone/Fax: (31)

3297-8194 – Fone: (31) 3344-9100

Celular: (31) 9993-0066

E-mail: josemarianeves@uol.com.br

Brasília – Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.

SCS – Quadra 1 – Bloco K – Ed. Denasa

13º andar – Sala 1.301 – CEP 70398-900

Brasília/DF – Fone/Fax: (61) 3321-3440

Celular: (61) 9618-1134

E-mail: armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio Editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob

nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:

Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus

CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS

Fone/Fax: (51) 3233-1822

Exemplar atrasado: R\$ 13,00

AGRICULTURA E MEIO AMBIENTE SÃO TEMAS SIAMESES

Um assunto entremeia as conversas sobre agricultura nos últimos tempos ao lado das permanentes discussões sobre cotações, técnicas de cultivo, controle de moléstias, problemas de escoamento e assim por diante: a produção sustentável. Ou, por outro ângulo, como é viável praticar a atividade agrícola interferindo o mínimo possível no meio ambiente e em seus recursos naturais. Este tema passou a ser recorrente – e o será para sempre – por duas razões básicas: 1ª – a produção autossustentável é a única via possível de se extrair safra após safra no mesmo terreno; 2ª – as sanções estão cada vez mais severas sobre aqueles que desdenham as legislações ambientais. Por tudo isso, o assunto agricultura & meio ambiente é o tema da reportagem de capa desta edição, assim como do entrevistado da seção O Segredo de Quem Faz, Xico Graziano, secretário do Meio Ambiente de São Paulo.

Fundamental para a sustentabilidade, mas a do bolso, é realizar uma colheita primorosa. É uma obviedade: não adianta conduzir uma safra com maestria se lá no final, na hora da coleta dos

grãos, a colheitadeira estiver mal regulada e deixar grãos pelas fileiras. Um artigo descreve detalhe a detalhe como a gigante máquina colhedora deve estar calibrada.

As colheitadeiras, perfiladas, estão em campo, como fomos conferir na região chamada de Chapadões, entre Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, mas nós já estamos de olho no plantio do milho de segunda safra. Outro artigo dá dicas interessantes e traça um perfil do milho safrinha, que até pouco tempo levava este diminutivo em razão da baixa produtividade, mas que hoje já representa um terço na nossa produção do cereal.

A edição ainda alerta para três perigos da lavoura – nem sempre perceptíveis, ou às vezes ignorados: na seção Fitossanidade em Destaque, artigos sobre os percevejos, que atacam os arrozais, e os nematoides, um problema de todas as culturas comerciais. E o Linha de Frente com o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal, o Sindag, adverte sobre o perigo dos defensivos ilegais.

Boa leitura! Boa colheita!



Leandro M. Mittmann

Para assinar: (51) 3232-2288

Commodities em alta

Apesar da crise financeira mundial, em 2009, as principais commodities agrícolas tiveram elevação de preço no mercado internacional. Cálculos do Valor Data baseados nas médias mensais dos contratos de segunda posição de entrega (normalmente os de maior liquidez) comprados e vendidos nas bolsas de Chicago (soja, milho e trigo) e de Nova York (açúcar, algodão, cacau, café e suco de laranja) mostram que, com a exceção do trigo, as sete demais commodities encerraram dezembro mais valorizadas do que em dezembro de 2008.

Commodities em alta II

Segundo os cálculos do Valor Data, os preços médios de dezembro de 2009 em comparação ao mesmo mês de 2008, a commodity que mais subiu foi o açúcar (105,14%). Na sequência, suco de laranja (76,89%), algodão (64,94%), cacau (37,17%), café (29,91%), soja (19,12%) e milho (8,38%). O trigo recuou 0,16%. Mas o preço e a rentabilidade em nível de produtor brasileiro sofrem, naturalmente, a influência do câmbio e dos custos de produção.

ESPERAR PARA VER

A informação é de que o Governo planeja antecipar o Plano Agrícola e Pecuário 2010/2011 para maio (os dois últimos planos foram lançados no final de junho e no início de julho) e dar melhores condições de juros e seguro aos produtores. Segundo o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, a ideia é evitar prejuízos aos produtores, que muitas vezes só conseguem financiamentos com atraso e têm um custo maior de produção. Segundo ele, deverão ser diminuídas as taxas de juros e reduzido o prêmio de seguro para quem adotar tecnologias mais sustentáveis, como o plantio direto.

ESPERAR PARA VER II

O presidente Lula sancionou no mês passado a Lei de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater), que promete melhorar o apoio e orientação ao pequeno agricultor. Apenas em 2010 a promessa é que sejam investidos R\$ 626 milhões na nova assistência técnica. Com a nova lei o Governo vai poder contratar sem licitação entidades privadas para oferecer o serviço. "A lei da Ater dá mais transparência na contratação dos serviços, mais agilidade, mais eficiência e permite que se faça uma assistência técnica de extensão rural voltada aos interesses dos agricultores e da produção", garante o ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel.

"Pão" para suínos e aves

Pelo menos 30% do trigo produzido no Brasil na safra 2009/10, cuja colheita terminou em dezembro, será transformado em alimento para frangos e suínos em outros países. O excesso de chuvas no segundo semestre do ano passado na Região Sul deteriorou a qualidade 2,5 milhões de toneladas. Com o cereal abaixo dos padrões mínimos de processamento estabelecidos pelos moinhos brasileiros, restou o mercado de rações. O Brasil é um dos maiores importadores de trigo e costuma exportar apenas quando a qualidade não atende os moinhos.

EXPORTAÇÕES DO AGRO ENCOLHEM 10%

As exportações do agronegócio brasileiro caíram 9,8% em 2009 em relação a 2008, para US\$ 64,7 bilhões. A queda se deu pela retração dos preços das commodities em consequência da crise financeira mundial, uma vez que o volume de exportações se manteve praticamente estável ante 2008 (queda de 0,4%). O complexo soja manteve a liderança entre os setores, com 26% das exportações, seguido pelas carnes, com 18%, e do complexo sucroalcooleiro, com 15%. Mas o complexo soja apresentou redução de 4,1% do valor exportado (de US\$ 17,98 bilhões para US\$ 17,24 bilhões), ainda que o volume tenha sido 16,6% maior – de 24,5 milhões de toneladas para um recorde de 28,5 milhões de toneladas.

-10%



UM PAÍS CHAMADO SOJA

Nessa safra brasileira o valor bruto da produção (o VBP, ou seja, a renda da porteira para dentro) da soja deverá atingir o recorde de R\$ 45,478 bilhões, 8,4% acima de 2009. Em outras palavras, apenas o VBP da oleaginosa no Brasil é maior que o PIB de países como Bolívia e Panamá. A soja é o carro-chefe das 20 principais culturas produzidas no Brasil, cujo VBP total em 2010 será de R\$ 159,580 bilhões, ou 4,3% a mais que o de 2009, de R\$ 153,029 bilhões. A cana está em segundo lugar, com R\$ 26,081 bilhões, 3,7% superior a 2009, e em terceiro o milho, com R\$ 13,926 bilhões, ou 13,9% menos. Os números são do Ministério da Agricultura.

Finame de 4,5% prorrogado

O Banco Central divulgou a resolução 3.820 que prorrogou de 30 dezembro último para 29 de junho de 2010 o prazo para contratação do Finame PSI - Programa de Sustentação do Investimento - com taxas de 4,5% ao ano. A linha de crédito que, além de juros subsidiados, oferece prazo de até dez anos para pagamento e carência de 24 meses, é válida para a compra de todos os tipos de maquinários e implementos agrícolas, caminhões e carretas.

Mais e mais tratores

O Programa Mais Alimentos foi responsável por quatro entre cinco vendas de motocultivadores e tratores de 11cv a 78cv em 2009. De janeiro a dezembro foram entregues 17.410 unidades por meio dessa linha de crédito facilitada do Ministério do Desenvolvimento Agrário e destinada aos pequenos agricultores, o que corresponde a 38,3% do total de vendas do segmento. Em relação a 2008, a participação na produção da indústria de máquinas até 78cv avançou de 33% para 48%.

TERRAS ESTRANGEIRAS

Os "gringos" estão cada vez mais presentes na agricultura brasileira. De 2002 a 2008, o agronegócio recebeu US\$ 46,9 bilhões em investimentos diretos estrangeiros. O grosso dos recursos foram para a agroindústria, mas também cada vez mais estrangeiros estão comprando terras por aqui. No total, já há 3,6 milhões de hectares em mãos não brasileiras nas Regiões Sul e Centro-Oeste, além de São Paulo, Minas, Bahia, Pará, Tocantins e Amazonas. O capital internacional tem buscado o alto potencial das terras locais para produzir commodities e matérias-primas para biocombustíveis. As recentes incorporações das usinas da Santelisa Vale pela francesa Louis Dreyfus e do grupo Moema pela americana Bunge são bons exemplos.

China aprova transgênicos

A China aprovou pela primeira vez cultivares de arroz e milho geneticamente modificados, o que já é classificado como um divisor de águas para a produção agrícola do mundo. Afinal, o maior produtor de grãos (gera 31% do arroz e 20% do milho do mundo) já é visto com potencial para reduzir o número de famintos no planeta com este salto tecnológico nas suas lavouras. Segundo a FAO/ONU, entre 1996 e 2007, a produtividade do milho na China recuou 1%, período em que os Estados Unidos começaram a utilizar o milho transgênico e a sua produtividade do cereal cresceu 19%.





Divulgação

VINHOS DO SERTÃO

Ouvi falar da produção de vinho no Vale do São Francisco e gostaria de saber mais sobre o potencial dessa região. Obrigado.

Marco Antônio Galvão

Guaribas/PI

R-O Vale do São Francisco, na Região Nordeste, representa a segunda maior região vinicultora do país, com características diferentes de qualquer outra parte do mundo. A produção de vinho espumante, branco e tinto do semiárido é favorecida por fatores como clima, vegetação e condições de solo, além das práticas no cultivo da videira, que permitem safras programadas para diferentes épocas do ano. As sete vinícolas dos municípios de Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco, e Casa Nova, na Bahia, processam oito milhões de litros ao ano. A região também é polo de fruticultura tropical do Brasil, responsável por mais de 97% da uva e 93% da manga exportadas, segundo o Ministério da Agricultura. Os diferenciais da região nordestina estão em fase de estudos para compor o pedido de Indicação Geográfica (IG) dos vinhos produzidos em condições ambientais originais. O termo IG é utilizado por produtores, comerciantes e consumidores para identificar produtos com características e qualidades a partir do local de origem. No Brasil, alguns produtos já receberam essa indicação, como o café do cerrado mineiro, a carne no pampa gaúcho, os doces de Pelotas/RS, a cachaça de Paraty/RJ e o vinho do Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul.

CLIMA PARA A ACEROLA

Estou em busca de informações sobre o cultivo de acerola. Por favor, quais as temperaturas e precipitações ideais para o cultivo da fruta?

Helena da Rosa Duarte

Nova Friburgo/RJ

R-A acerola pode ser cultivada em quase todo o território nacional, havendo restrições em localidades que apresentam temperaturas muito baixas e chuvas em excesso. Devido à sua rusticidade, a fruta desenvolve-se bem tanto em climas tropicais como subtropicais. Temperaturas médias em torno de 26°C são consideradas adequadas, segundo informações da Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical. Plantas adultas, cuja folhagem é persistente, têm-se mostrado resistentes a temperaturas inferiores a 0°C. Árvores adultas suportam temperaturas em torno de -2°C por curtos períodos. Em longos períodos secos e frios, todavia, o desenvolvimento da planta permanece estacionário, observando-se que temperaturas ao redor de 10°C e inferiores a esta determinam a queima de flores, causando sérios prejuízos à produção de frutos. Quanto às plantas jovens, estas são mais sensíveis ao frio, não suportando temperaturas inferiores a -1°C. Com a ocorrência de chuvas e de temperaturas mais elevadas, o crescimento vegetativo, o florescimento e a frutificação são acelerados. Em razão disso, o período de maior frutificação acontece na primavera-verão. Precipitações pluviais,

variando entre 1.200 mm e 1.600 mm, bem distribuídas ao longo do ano, são consideradas ideais. Em regiões com precipitações anuais inferiores a 800 mm, a ocorrência de déficit hídrico é mais pronunciada, sendo necessária a complementação do suprimento natural de água com irrigação.



Divulgação



PRODUÇÃO DE ERVA-MATE

Sou gaúcho, mas agora estou morando no Mato Grosso. Como sou um grande consumidor de chimarrão, gostaria de saber quais são os estados que produzem erva-mate no Brasil e qual é o perfil dessa produção.

Ademir Augusto Müller
Cuiabá/MT

R-Produto comum principalmente nas pequenas propriedades, a erva-mate, chamada cientificamente de *Ilex paraguariensis*, normalmente divide espaço com outras culturas nas regiões produtoras. Não há informações oficiais, mas estimativas indicam que o Brasil obtém em torno de 660 mil toneladas em massa verde (bruta) de erva-mate anualmente. O cultivo abrange mais de 180 mil propriedades e a atividade gera em torno de 700 mil empregos diretos e indiretos. São mais de 700 ervateiras em funcionamento no país. O Paraná é o maior produtor de erva-mate do país, com 36% do total colhido. Em seguida, aparecem os estados de Santa Catarina, com 32%, Rio Grande do Sul, com 29%, e Mato Grosso do Sul, com 3%. Com relação ao consumo, há uma inversão. Os gaúchos, que têm no chimarrão seu principal símbolo de cultura e tradição, respondem por 65% do consumo. A produção paranaense chegou a apresentar retrocesso a partir de 2001, com o avanço da fronteira agrícola e a consequente valorização de grãos como a soja e o milho. Mesmo assim, nos últimos anos, surgiram produtores mais profissionalizados, interessados em incrementar seus resultados e investir em novas técnicas de cultivo. O Brasil é o maior exportador mundial de erva-mate, e um dos principais atrativos da cultura no exterior é a sua ação fitoterapêutica. Estudos mostram que a planta tem propriedades digestivas e de antienvelhecimento, combatendo os radicais livres. Pesquisadores também detectaram a presença de vitaminas e de sais minerais na composição da planta, que produz no organismo efeitos diurético, laxante e estimulante.

Rogério Fernandes-Emater/RS

O BRASIL AGRÍCOLA

agranja

À sua disposição

ASSINATURAS Call Center

Ligue grátis
0800-5410526
Grande Porto Alegre
Fone/Fax: (51) 3232-2288
Segunda a sexta, das 8h30 às 19h30
Sábado, das 9h às 14h



INTERNET www.agranja.com

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.



NEWSLETTER

Cadastre-se e receba toda a semana: 0800.541.0526 ou no site: www.agranja.com



FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:
mail@agranja.com

Fax:
(51) 3233-1822

Cartas:
Av. Getúlio Vargas, 1.526
Porto Alegre/RS
CEP 90150-004

As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis
0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232-2288
amalia@agranja.com
ou www.agranja.com



PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488
mailsp@agranja.com
(51) 3233-1822
mail@agranja.com

RESPEITO AOS MAIS VELHOS

Aprendemos desde cedo que devemos respeitar os mais velhos. A Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), com apenas 42 anos de vida e lutas em benefício da produtividade do agronegócio brasileiro, vem respeitosamente saudar e parabenizar a experiência que os 65 anos lhes conferem. Para a mais tradicional mídia impressa do país, que agora inicia uma nova etapa. Desejamos sucesso. Vida longa para **A Granja!!!**

Eduardo Daher

diretor-executivo da Associação Nacional para Difusão dos Adubos (Anda)

CREDIBILIDADE INABALÁVEL

Desvendar o Brasil agrícola não é um desafio fácil, ainda mais se pensarmos que esta árdua tarefa começou há 65 anos. É por isso que **A Granja** é uma das revistas brasileiras mais respeitadas do mercado. Com credibilidade inabalável, suas páginas deixam registrada para sempre a história da agricultura brasileira e dão todo o apoio necessário ao homem do campo. Parabéns a todos.

Christiano Burmeister

diretor-presidente da Iharabras Indústrias Químicas

PROVEDORA DE SOLUÇÕES AOS PRODUTORES

É com satisfação e orgulho que cumprimos a revista **A Granja** pela celebração de seus 65 anos. Como uma provedora de soluções para os agricultores brasileiros, podemos afirmar o quão importante é ter uma parceria de longa data com esta publicação tão especializada e tradicional. Acompanhamos e dividimos nossos grandes momentos com a equipe da revista **A Granja**, compartilhando os novos fatos da companhia com o mercado do agronegócio, que cresce cada vez mais, impulsionando a economia deste país. Manifestamos nossos sinceros votos de sucesso e longevidade à revista, que só tem a acrescentar a todos com sua qualidade de informação.

Laércio Giampani e Gilson Moleiro

diretor-geral Brasil da Syngenta Proteção de Cultivos e diretor-geral Brasil da Syngenta Seeds

LONGEVIDADE E QUALIDADE EDITORIAL

Parabéns pela longevidade d' **A Granja** e pela qualidade editorial em área (agronegócio) que, cada vez mais, ganha espaço na mídia urbana. Também desejo-lhe um grande e bom 2010 extensivo a toda a equipe d' **A Granja**. Parabéns. Um abraço especial ao bravo Hugo Hoffmann, que apostou firme nesse projeto exitoso.

Ana Amélia Lemos

colunista Grupo RBS – Unidade Brasília

PARTE DA HISTÓRIA DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

A revista **A Granja** faz parte ativamente da história do agronegócio brasileiro. Ao longo desses 65 anos se tornou muito mais que uma formadora de opinião, mas uma fonte de informação com qualidade, cultura e inteligência. Em suas páginas a realidade do agronegócio é escrita de forma responsável e realista. Talvez esse seja o grande segredo para conquistar seus leitores fiéis durante tantos anos. Nossos cumprimentos pela comemoração de 65 anos da revista **A Granja**. Uma história de muitas conquistas, trabalho, dedicação e confiança. Qualidades que são a alma do negócio, para quem faz propaganda.

Marcelo Bugin

Forma D Comunicação



Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com



MERCADO, CLIMA E ELEIÇÕES

O ano de 2010 começou com sérias dificuldades para o agronegócio brasileiro, em várias frentes.

O cenário econômico não é muito positivo em função de diferentes fatores, com ênfase para o câmbio. A forte valorização do real frente ao dólar já tirou competitividade de produtos importantes para nossa pauta de exportações, como as carnes. Safras grandes de soja nos Estados Unidos, Brasil e Argentina são uma ameaça para os preços. Especulação global também perturba a remuneração do café, que neste ano tem safra cheia. Entre os produtos de exportação, o açúcar ainda será bom no primeiro semestre, graças à seca de dois anos seguidos na Índia, que saiu do mercado; e o suco de laranja pode ter uma recuperação por causa do frio intenso na Flórida. Mas ambos os produtos, cana-de-açúcar e laranja, vêm de dois a três anos de preços abaixo do custo, de modo que a recuperação sequer recompõe as perdas.

No Sul, a tragédia urbana das inundações teve reflexos brutais também na área rural, com grandes perdas para os produtores de arroz.

Mas é na frente política que as ameaças são mais marcantes. Isto porque os riscos de mercado e os climáticos são inerentes à atividade agropecuária, nossos produtores estão calejados com seu enfrentamento e vêm lutando para mitigá-los, com o seguro rural.

Na área política, uma legislação nova que discrimina o setor rural pode ter efeitos negativos muito mais prolongados, sendo permanentes.

É que 2010, ano de eleição, começou com a ressaca do Decreto sobre Direitos Humanos, publicado pouco antes do Natal, e que coloca a atividade rural em condições piores que antes.

Com uma coleção de mais de 500 temas tratados, o decreto mostra claro preconceito contra o agronegócio, ao sublinhar que este setor não pode oprimir o pe-

queno e o médio produtor rural.

Ora, preconceito é fruto de desinformação, de ignorância ou de coisas piores, como o revanchismo, a idiossincrasia e o ressentimento. Estão eles por trás desta questão? Há erro mesmo no conceito do agronegócio: ele é a soma das cadeias produtivas cuja coluna dorsal é a atividade rural. E o que é uma cadeia produtiva neste caso? É o conjunto de atividades realizadas por todos os atores envolvidos: começa na pesquisa, passa pelo segmento dos insumos (sementes, corretivos, fertilizantes, defensivos), dos serviços (crédito, seguro, assistência técnica, planejamento), pela atividade produtiva (do plantio à colheita) e pelo pós-colheita (transporte, ar-

Com uma coleção de mais de 500 temas tratados, o Decreto sobre Direitos Humanos mostra claro preconceito contra o agronegócio

mazenagem, industrialização, embalagem, distribuição). Portanto, uma cadeia produtiva do agronegócio começa na prancheta de um pesquisador e termina na gôndola do supermercado. E todos os seus agentes, sejam eles pequenos, médios ou grandes, pertencem ao agronegócio. Sendo assim, como oprimiria o pequeno? Estaria oprimindo a si próprio. O exemplo mais claro desta questão é o cooperativismo: nas cooperativas agropecuárias estão pequenos, médios e grandes, com a característica de que estes últimos são a força dos primeiros. Não há opressão, ao contrário, há complementação e ajuda mútua.

Em outro trecho, o decreto pede mais fiscalização na pesquisa e produção de biotecnologia e nanotecnologia. Ora, o Brasil já tem uma lei de biossegurança moderna, onde estão mecanismos eficientes de fiscalização, como o CTNBio e o Conselho de Ministros. Para que mais fiscalização?

E por último, mas não menos complicado, o decreto traz a proposta de criação de uma instância anterior à reintegração de posse dada por juízes após invasão de terras: uma audiência na qual invasores e invadidos devem se entender. Para que outra instância, que seguramente vai atrasar os processos e aumentar a insegurança no campo? Segurança jurídica e direito de propriedade são direitos humanos e garantidos pela Constituição e pela ONU. E isso cria um precedente perigoso para outros crimes.

Estas questões estão sendo vigorosamente debatidas e terão que passar pelo Congresso Nacional antes de se transformar em legislação mandatória. Mas o sinal está dado, em um ano eleitoral muito importante, quando serão eleitos não apenas um novo presidente e novos governadores, mas também uma parte do Senado, toda a Câmara dos Deputados e as Assembleias Legislativas nos estados.

A busca frenética por votos não ensinará medidas de apoio à parcela menor da população brasileira, que é rural: será dirigida à população urbana, majoritária.

Portanto, mais que ao mercado e ao clima, precisamos estar atentos ao processo eleitoral. Precisamos de muita união para eleger representantes legítimos, sobretudo para os parlamentos. E precisamos convencer os irmãos urbanos de que o apoio deles é igualmente fundamental: sem uma agropecuária forte, não haverá segurança jurídica e desenvolvimento sustentável para o nosso país.

Assim informados, os consumidores ajudarão a eleger para o Executivo e o Legislativo aqueles que realmente defenderão o desenvolvimento do Brasil. ■

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal; ex-ministro da Agricultura

REPORTAGEM DE CAPA

AGRICULTURA & O CASAMEN





MEIO AMBIENTE, ITO ETERNO

Nunca mais será possível cultivar uma lavoura ou manejar um boi no pasto descuidando de uma série de normas – e leis – ambientais. A prática agrícola pode ser a aliada número 1 na preservação da natureza, mas se empreendida de forma errônea se torna sua principal algoz. O protagonismo da agricultura no meio ambiente depende, definitivamente, da postura do produtor

Luiz Silva

Vilã ou aliada na preservação do meio ambiente? Qual é o protagonismo da agricultura? O questionamento é reproduzido à exaustão nas lavouras e nos gabinetes de empresas e organismos públicos desde que os insumos químicos passaram a ser usados em alta escala nas lavouras. Encontrar o meio-termo tem sido a meta de técnicos e produtores, e não faltam exemplos de práticas que aumentam a produtividade das culturas comerciais sem afetar o meio ambiente. A agricultura, por si só, não é

maléfica ao meio ambiente. Afinal, ela está presente na sua essência: plantar, crescer, frutificar e colher. O que agride o meio ambiente é o uso incorreto de insumos, sobretudo defensivos, que podem comprometer o equilíbrio ambiental, por meio da contaminação do lençol freático.

Para a engenheira florestal Adriana Amaral da Silva, analista da Gerência de Sustentabilidade Ambiental do Agronegócio do Ministério do Meio Ambiente, a agricultura tem que ser praticada com técnica e responsabilidade. Afinal, trata-se de

um empreendimento de alto risco. “É recomendável utilizar os conhecimentos científicos e a pesquisa a favor da produção e da conservação. Produzir sem técnica conservacionista é apostar no fracasso do setor agrícola”, adverte.

Na avaliação dela, a agricultura gera um menor impacto sobre o meio ambiente quando o produtor aplica a legislação – proteção de áreas de preservação permanente, recuperação e manutenção de reserva legal, conservação dos solos, descarte correto de resíduos, uso adequado de defensivos e outros – na propriedade como um todo. “Ele não pode dissociar os cuidados com o meio ambiente da necessidade de produzir. Isso significa que o produtor deve atentar ao nível de conservação da água, instrumento essencial para a sua atividade”, defende.

Para o supervisor de Meio Ambiente do Grupo André Maggi, empresa gigante na produção agrícola, João Shimada, a adoção da gestão ambiental na propriedade rural é um bom ponto de partida, pois parte do princípio da identificação dos possíveis impactos ambientais da atividade e da elaboração e adoção de medidas preventivas. Para ele, o grau de complexidade da gestão ambiental dependerá da escala do empreendimento e do número

de atividades desenvolvidas. “Esta flexibilidade o torna aplicável a qualquer propriedade rural, seja pequena ou grande. Num segundo momento, o produtor poderia buscar a certificação ambiental de sua propriedade, como forma de demonstrar que a propriedade produz seguindo os princípios da responsabilidade sócio-ambiental”, destaca. A seu ver, este instrumento pode ser um importante fator de competitividade, facilitando acesso ao crédito e a um mercado cada vez mais consciente e exigente.

Comparativamente aos demais setores econômicos, a agricultura provavelmente é aquela que maiores contribuições pode dar à preservação do meio ambiente, seja pela adoção das boas práticas agrícolas como o plantio direto, o manejo integrado de pragas, a rotação de culturas, o terraceamento e a adubação verde, entre outras. Shimada diz que isso também pode ser conseguido pela intensificação do uso da terra, com a busca de produtividades cada vez maiores. E, ainda, pela busca da multifuncionalidade da propriedade, com a obtenção de várias safras por ano, com a integração lavoura-pecuária e com os modelos silvopastoris. “Indiretamente, a intensificação do uso da terra contribui para diminuição da pressão para in-

A agricultura gera um menor impacto sobre o meio ambiente quando o produtor aplica a legislação

corporação de novas áreas, que por sua vez contribui na mitigação do desmatamento e na emissão de gases do efeito estufa”, explica Shimada.

O dirigente concorda que os agrotóxicos podem causar danos ao meio ambiente. Porém, são insumos importantes na manutenção da produtividade agrícola e, quando utilizados e manuseados adequadamente, mostram-se seguros. Lembra que vários cuidados devem ser seguidos, desde sua prescrição, transporte, armazenamento, manipulação, aplicação e a correta destinação das embalagens vazias. “Os riscos ambientais envolvidos em cada etapa devem ser identificados na implantação da gestão ambiental na propriedade, e procedimentos operacionais,

Já está provado ser possível adotar práticas que aumentam continuamente a produtividade das culturas comerciais sem afetar o meio ambiente

CALHAU

MORATÓRIA DA SOJA É SÍMBOLO DO COMPROMISSO COM O MEIO AMBIENTE

A Moratória da Soja é um exemplo prático – e bem-sucedido – da preocupação de empresas e de entidades com o meio ambiente. Foi um compromisso firmado em julho de 2006 pelas indústrias e exportadoras ligadas à Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) e à Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), cuja intenção era não comercializar a soja proveniente das áreas desmatadas dentro do bioma amazônico. “A iniciativa concilia a preservação do meio ambiente com o desenvolvimento econômico por meio da utilização responsável e sustentável dos recursos naturais”, observa o supervisor de Meio Ambiente do Grupo André Maggi, João Shimada (foto).

Com a tarefa de realizar o monitoramento da produção, o setor empresarial e as organizações da sociedade civil (como ONGs) estão unidos por meio do Grupo de Trabalho da Soja (GTS), responsável pela implementação e controle do processo da moratória. Além da Abiove e Anec, o grupo é composto por grandes empresas exportadoras como ADM, Amaggi, Bunge e Cargill, além das organizações da sociedade civil como Conservation International Brasil, Greenpeace, Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, The Nature Conservancy e WWF Brasil.

Em 2008, o compromisso foi renovado e contou com a adesão do Ministério do Meio Ambiente e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). No ano passado, o Banco do Brasil se incorporou ao projeto. A metodologia de monitoramento consiste na utilização dos dados do sistema Programa de Cálculo do Desflorestamento da Amazônia (Prodes) e do Inpe e posterior sobrevoo de todas as áreas no período de plantio da cultura de soja para verificação do uso corrente do solo e a ocorrência de plantios de soja. Para a confirmação das informações são ainda realizados trabalhos de levantamento por terra.

Shimada explica que a área mínima economicamente viável para o cultivo da soja na região do bioma amazônico é de 100 hectares. Assim, todas as áreas desmatadas superiores a este tamanho na área do bioma amazônico têm sido monitoradas desde julho de 2006. Os resultados são significativos. A cobertura da área monitorada aumentou em 217% na safra 2008/2009, passando de 49.809 hectares para 157.896 hectares. O número de polígonos aumentou de 265 para 630, distribuídos em 46 municípios.

Em 2007, o monitoramento da moratória, executado através de sobrevoos às propriedades, não identificou nenhuma área desmatada ocupada com soja. De acordo com o GTS, os dados atuais

do monitoramento indicam que a expansão da produção da soja é muito baixa naquela região, correspondendo a 0,88%. Comprova-se a tese de que não se planta soja em nenhuma nova área de desmatamento. O levantamento dá conta também de que as propriedades de Mato Grosso onde foram detectados os plantios em novas áreas desmatadas já estavam em processo de licenciamento ambiental, o que aponta para a probabilidade de os desmatamentos terem ocorrido de forma legal.

Para o GTS, a comercialização da produção será feita considerando a lista de propriedades que plantaram soja em novas áreas desmatadas e qualquer compra estará condicionada à consulta da mesma. Se a propriedade estiver na lista, a soja não será comprada. Para os pré-financiados que desrespeitaram a Moratória, a produção proporcional à área desmatada será recusada e o acesso desses produtores a crédito na safra 2009/2010 será restringido. Nas compras realizadas por meio de terceiros, o procedimento será semelhante: não será admitido produto oriundo das áreas desmatadas após julho de 2006.

“A moratória trouxe um novo patamar de informações confiáveis que asseguram aos nossos consumidores a origem da soja. Os dados do monitoramento estão disponibilizados no site www.abiove.com.br e estamos abertos a auditoria, tudo em nome da transparência”, afirma o presidente da Abiove, Carlo Lovatelli. “A Moratória da Soja tem sido uma estratégia importante no combate ao desmatamento na Amazônia. A indústria reitera seu compromisso de não adquirir essa produção e esperamos que o Governo também apoie esta iniciativa, operacionalizando os mecanismos de governança necessários para fortalecimento desta iniciativa”, reforça o diretor da campanha Amazônia do Greenpeace, Paulo Adário.



propostos para prevenir eventuais danos ao meio ambiente”, menciona.

Nesse item, além da gestão ambiental da propriedade rural, é importante observar outro pilar do tripé da sustentabilidade, geralmente deixado em segundo plano: a gestão financeira. Para o dirigente do Grupo André Maggi, os insumos agrícolas, incluindo defensivos, fertilizantes e combustíveis, representam parte significativa dos custos de produção. “Num cenário de estreitas margens de rentabilidade, bastante comum na agricultura, é difícil acreditar que um produtor que não observe critérios de eficiência no uso de insumos se mantenha competitivo”, enfatiza. O melhoramento genético, segundo ele, também tem papel fundamental neste aspecto, por meio do desenvolvimento de variedades mais produtivas e resistentes a doenças e pragas, permitindo ao produtor realizar um melhor planejamento agrícola, com redução no volume de defensivos utilizados.

Produtor não é agressor — Na avaliação do agrônomo Edson Pereira Bor-

ges, pesquisador e diretor-executivo da Fundação Chapadão, de Chapadão do Sul/MS, o agricultor não pode ser acusado de ser agressor do meio ambiente. “Há sim a necessidade incessante na busca de alimentos, pelo crescimento populacional, o que nos leva a tomarmos medidas que promovam a substituição da vegetação nativa por uma vegetação que é a base alimentar do homem”, argumenta. Ele salienta ainda que isto poderia ser mudado se houvesse um investimento maciço em pesquisas que buscassem na vegetação nativa uma forma de alimentar a humanidade, e que esta mude seus hábitos alimentares.

Todavia, Borges acredita que isto, a médio prazo, não será possível, devido aos hábitos alimentares do homem. “Temos que conviver harmoniosamente com o ambiente, produzindo alimentos, utilizando técnicas que efetivamente impactem menos no momento desta troca de vegetação. Isto é perfeitamente possível e as nossas atividades caminham nesta direção”, lembra. Infelizmente, para ele irá

O produtor pode buscar a certificação ambiental para demonstrar que a propriedade segue princípios da responsabilidade socioambiental



demorar certo tempo, pois no passado não tão longínquo não havia o conhecimento deste impacto e a orientação governamental era “derrubar para produzir”.

Para Adriana, do Ministério do Meio Ambiente, a implantação das boas práticas tem como objetivo principal garantir a produção de alimentos seguros e com atributos de qualidade que atendam aos

TECNOLOGIAS PARA NUTRIÇÃO

Os produtos BioGain são a mais completa linha de compostos de algas marinhas, aminoácidos, quelatos, ácidos húmicos e fúlvicos, um produto para cada época, desde o tratamento da semente até a pós-colheita.

Desempenho, maior qualidade e produtividade já comprovados nas culturas de soja, milho, algodão, arroz, hortaliças, frutíferas, tubérculos e ornamentais.

Fone: (51) 3341.3225
rigrantec@rigrantec.com.br
www.rigrantec.com.br



Um banho de produtividade



PRODUTOR DE CINCO DÉCADAS DEFENDE O PLANTIO DIRETO NA PALHA

O produtor Herbert Bartz (foto), 72 anos, que planta em Rolândia e em Grandes Rios (ambas no Paraná), acompanhou de perto a evolução da lavoura brasileira nos últimos 50 anos e conta hoje com o apoio da filha Marie Bartz, bióloga, mestre em Agronomia. Como um dos precursores do plantio direto nas lavouras brasileiras, nos anos 1970, é chamado seguidamente a opinar sobre as possibilidades de o produtor reduzir o impacto da agricultura através de boas práticas agrícolas. “Devemos sempre atender aos seus três princípios básicos: o não revolvimento do solo, a manutenção permanente de cobertura (palhada) e as rotações de culturas e de adubação verde. Assim, vamos obter a qualidade desejada”, ensina.

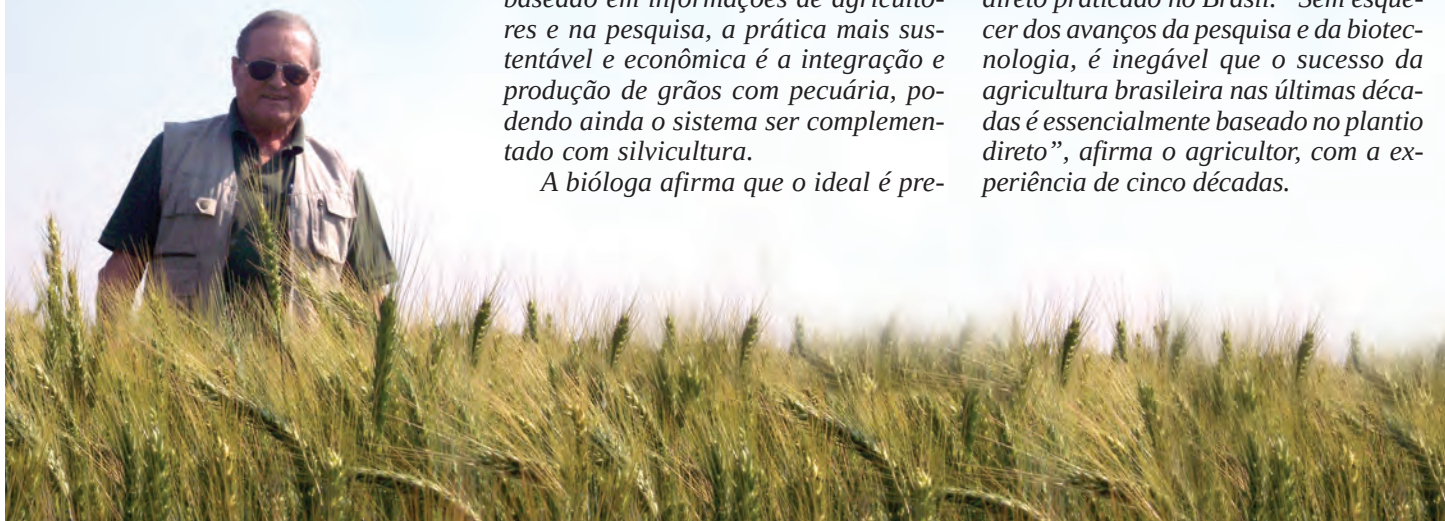
A filha diz que essas práticas enriquecem a terra com matéria orgânica e a vida do solo. Consequentemente, há sequestro de carbono e aumento da fertilidade, o que torna o sistema sustentável. “As boas práticas agrícolas se caracterizam também pela redução de agrotóxicos nocivos e o enriquecimento do solo com matéria orgânica e a atividade biológica ajudam na absorção, decomposição e neutralização destes compostos”, afirma a bióloga.

Bartz ressalta que existe preconceito no sistema de plantio direto devido à utilização de defensivos. “Esquecem que, na agricultura orgânica, apesar de não utilizar agrotóxicos, degrada-se o solo muito mais, devido a não restituição do que se retira e às práticas de cultivo convencional, ambas agressivas ao solo”, aponta. Destaca também que, baseado em informações de agricultores e na pesquisa, a prática mais sustentável e econômica é a integração e produção de grãos com pecuária, podendo ainda o sistema ser complementado com silvicultura.

A bióloga afirma que o ideal é pre-

servar a natureza como está, porém o homem necessita produzir comida para sua sobrevivência. Assim, entende que a forma menos agressiva é a utilização do plantio direto, que naturalmente depende da ética e do conhecimento do agricultor. Ou seja, o produtor que tenta de alguma forma burlar a natureza jamais será bem-sucedido. “Podemos levar em consideração o dito de que até uma faca comum na mão de um criminoso representa perigo de vida, assim como o agricultor com os recursos que possui ao seu alcance”, compara.

Marie lembra que a FAO, organização da ONU que trabalha com alimentação, afirmou, no 1º Congresso Mundial de Agricultura Conservacionista, em 2001, que a prática conservacionista mais recomendada e o exemplo a ser seguido pelo mundo é o modelo do plantio direto praticado no Brasil. “Sem esquecer dos avanços da pesquisa e da biotecnologia, é inegável que o sucesso da agricultura brasileira nas últimas décadas é essencialmente baseado no plantio direto”, afirma o agricultor, com a experiência de cinco décadas.



interesses dos mercados. A identificação e o controle dos diversos fatores, que influenciam a produção, também irão contribuir com o aumento do desfrute do rebanho e com a redução das perdas de matéria-prima e do produto final. “Isso resulta em sistemas de produção mais competitivos, ampliando as possibilidades de conquista de novos mercados para a carne e o couro de qualidade.”

No entanto, ela afirma que o modelo de produção agrícola utilizado por muitos produtores compromete o equilíbrio en-

tre a produção e a preservação do ambiente rural. Ressalva, entretanto, que alguns já utilizam técnicas e práticas conservacionistas em suas atividades produtivas. Cita o uso correto do solo, da água, aplicação racional de insumos e o cumprimento da legislação ambiental. Diante da dicotomia produção e conservação, Adriana entende que o produtor deve empregar as tecnologias disponíveis que promovam o uso racional do solo. “Fazer isso nem sempre implica altos investimentos, pois o Brasil tem o privilégio de ter

instituições, como a Embrapa, que promovem estudos sobre essa temática”, ressalta.

Por isso, a analista defende que a agricultura e o meio ambiente não devem ser encarados como linhas antagônicas. Ou seja, a agricultura deve ser trabalhada de forma sustentável e menos impactante ao meio ambiente. Mas alguns problemas devem ser resolvidos. Sua base são informações da Embrapa de que o manejo inadequado do solo e da pastagem tem sido o fator preponderante no processo



A integração lavoura-pecuária possibilita a intensificação do uso da terra, o que contribui para a diminuição da pressão para incorporação de novas áreas e, portanto, novos desmatamentos

A agricultura provavelmente é a atividade econômica que maiores contribuições pode dar à preservação do meio ambiente

de degradação, com sérios reflexos no meio ambiente. A queda da fertilidade do solo, por falta de reposição de nutrientes, o pastejo excessivo das pastagens, o intenso preparo de solo das lavouras com equipamentos inapropriados e a monocultura têm sido apontados como fatores de manejo importantes de degradação. “Essa degradação tem contribuído para a queda das taxas de infiltração de água no solo, aumento do escoamento superficial, causando erosão e transporte de solo para a

Peças campeãs para
o seu Valtra é AGCO Parts.



Quem tem Valtra e quer que ele continue fazendo bonito no campo da produtividade, precisa continuar usando peças genuínas AGCO Parts. Porque só elas oferecem alta tecnologia, qualidade e garantia de fábrica de 12 meses se forem instaladas nas concessionárias Valtra. Só elas têm baixo custo de manutenção a médio e longo prazo e podem prolongar a vida útil do seu equipamento. Peças genuínas AGCO Parts, o melhor time de peças de reposição para seu Valtra.



O plantio direto permite o uso mais adequado dos recursos naturais e, assim, a continuidade dos sistemas produtivos de forma mais sustentável

calha dos rios”, avalia a especialista.

A adoção de práticas como o plantio direto e integração lavoura-pecuária permite um melhor e mais adequado uso dos recursos naturais, possibilitando uma continuidade dos sistemas produtivos de forma mais sustentável. O sistema de plantio direto evita erosão superficial no solo e promove a infiltração. A técnica contribui para conservar os nutrientes minerais e a matéria orgânica da superfície da terra. Assim, o agricultor terá um solo mais estruturado e, consequentemente, reduzirá o uso de fertilizantes e defensivos, enquanto as pragas e doenças têm menor efeito em plantas bem nutridas.

Integração — As integrações lavoura-pecuária (ILP) e lavoura-pecuária-silvicultura (ILPS) estão começando a ganhar espaço no meio rural, pois o produ-

tor já está visualizando uma rentabilidade maior a médio e longo prazos. Esses sistemas têm o potencial de gerar mais renda uma vez que a pecuária extensiva adota normalmente uma Unidade Animal (UA) ou até menos por hectare e a integração permite até oito unidades animais no mesmo espaço. E promove uma fonte extra, a madeira. A integração reduz os gastos com fertilizantes porque o próprio animal aduba a área com seus excrementos, além de reduzir a área destinada a produção na propriedade. Assim, é possível diminuir a área de exploração, sem comprometer os rendimentos. Pelo contrário, aumentá-los. E o produtor poderá adequar a sua propriedade ao Código Florestal, ou seja, demarcar e isolar a reserva legal e área de preservação permanente.

As duas formas de integração são vistas pelo agrônomo Edson Pereira Borges, da Fundação Chapadão, como as saídas que existem hoje. Mas lamenta que o Brasil recém está se ajustando a ambas. “Para acelerá-las, nos falta um plano agrícola de longo prazo e com juros compatíveis com a realidade que temos no campo”, defende. Lembra que o sistema de integração lavoura-pecuária começou a ser divulgado em 1993, com o primeiro encontro ILP em Maracaju/MS, quando esteve presente o então ministro da Agricultura Antônio Cabrera. “De lá para cá, pouco caminhamos na direção de um plano agrícola que abrace esta causa, levando

qualificação e incentivo para a adoção destas técnicas”, adverte.

Borges admite que algumas instituições, como a Fundação Chapadão, ligada à Federação Brasileira do Plantio Direto na Palha, a Fundação Mato Grosso do Sul, a Embrapa Gado de Corte e a Universidade Federal do Paraná trabalham neste sentido. “Isto é ótimo, mas é um começo. O Governo como um todo e as instituições financeiras (bancos públicos e privados) precisam ter uma linha de crédito a longo prazo que contemple os plantios da soja e do milho, da pastagem, a compra dos animais, a construção de cercas e de redes de água”, ressalta. Ele fala de um custeio e investimento programados para cinco a dez anos, em um único plano, como uma carta de crédito associada ao projeto de desenvolvimento agropecuário ILP e ILPS.

A importância da água na conservação — Para o superintendente do Instituto para o Agronegócio Responsável (Ares), Ocimar Villela, as únicas maneiras de plantar de forma competitiva e conservando o ambiente são por meio do plantio direto, com rotação de culturas, conservação do solo, com a adoção do trans-

porte e manejo adequado de defensivos, manejo adequado de óleo combustível, reciclagem de embalagens e destino correto do lixo. Para ele, é muito importante a manutenção das áreas de preservação permanente porque a água será cada vez mais importante para a sociedade.

Para conseguir isso, Villela defende algumas medidas, como regulagem de implementos de pulverização, dosagem de produtos na medida certa e manejo da água a ser utilizada para pulverização. Ele exemplifica que o local de abastecimento e lavagem de pulverizadores e aviões deve ter piso impermeabilizado. E que os produtores observem ventos dominantes e horários para pulverização. Sugere, ainda, a rotação de defensivos, evitando assim resistência das pragas, doenças ou invasoras. Na avaliação do agrônomo, a integração lavoura-pecuária não é de difícil implantação quando feita por um agricultor. Mas o contrário acaba acontecendo quando o pecuarista faz agricultura para a recuperação de pastagens. “Fica muito difícil, pois o investimento é grande. Além do custo de produção da agricultura, faltam máquinas ao pecuarista, que não tem programas de financiamento com juros

O modelo de produção agrícola utilizado por muitos produtores compromete o equilíbrio entre a produção e a preservação



**Práticas como o plantio
direto e integração lavoura-
pecuária permitem um melhor e
mais adequado uso dos recursos
naturais**

pequenos para adquiri-las.

Projeto Gavião — Para o presidente da Associação de Plantio Direto no Cerrado (APDC) e vice-presidente da Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha, agrônomo Ingbert Döwich, existem no Brasil alguns exemplos de projetos que ligam a agricultura à preservação ambiental. Um deles é uma parceria da APDC com o Fundo Internacional para o De-

seenvolvimento da Agricultura (Fida), organismo da Organização das Nações Unidas (ONU) sediado em Roma, que financia projetos de desenvolvimento e apoio à agricultura no mundo.

Döwich detalha que o Projeto Gavião, financiado pelo governo baiano e pelo Fida, empreendido em 13 municípios da sub-bacia do rio Gavião na região sudoeste da Bahia, atua nas áreas de desenvolvimento produtivo, com assistência técnica e extensão rural, validação de tecnologias e crédito. São atendidas 4 mil famílias de pequenos agricultores. “O seu foco de atuação principal concentra-se na pecuária bovina, caprina e ovina e na cultura da mandioca, tendo como principal instrumento metodológico os Campos de Aprendizagem Tecnológica (CAT)”, informa. São ambientes comunitários onde técnicos da extensão e pesquisa experimentam com os agricultores as tecnologias demandadas pelos sistemas de produção praticados pela agricultura familiar de forma a possibilitar aos agricultores a consciência crítica sobre a

situação em que se encontram.

O projeto iniciado em 1997 tem como eixo central a participação dos agricultores em organizações do seu interesse, como grupos produtivos, associações, centrais de associações, comissões ambientais. O objetivo é atuar na gestão das suas unidades produtivas, microempreendimentos e obras de infraestrutura física, bem como a sua inserção no mercado local e regional. O projeto procura desenvolver a técnica do plantio direto com pequenos produtores da região do Cerrado. “Ele traz uma série de benefícios para os produtores e para a comunidade devido ao aumento da infiltração de água no solo, promovendo um aumento no armazenamento e maior estabilidade da vazão do rio. Também promove redução da poluição dos rios”, exemplifica. Com os recursos oriundos do Fida, a APDC comprou plantadeiras, como uma de plantio direto de tração animal, e matracas adaptadas ao plantio direto. Também promove cursos de iniciação e aperfeiçoamento em plantio direto para técnicos e produtores. ■

Fenasoja

18ª FEIRA NACIONAL DA SOJA 2010

**Somos frutos
desta semente**

30 de abril a 9 de maio de 2010

Parque de Exposições Alfredo Leandro Carlson

Santa Rosa • RS • Berço Nacional da Soja

www.fenasoja.com.br

Realização



Co-Promoção



Patrocínio

Ministério do
Desenvolvimento
Agrário



VIACAO
OURO E PRATA



A MÁQUINA EM PONTO

Conhecer os mecanismos básicos da colheitadeira é fundamental para adequá-la à realização de uma colheita com perdas mínimas. Estima-se que o Brasil desperdice mais de duas sacas de soja por hectare em razão da má regulação

Diego Augusto Fiorese, Programa de Pós-graduação em Engenharia Agrícola do Centro de Ciências Rurais, UFSM, dafiorese@yahoo.com.br, e Arno Dallmeyer, Departamento de Engenharia Mecânica do Centro de Tecnologia, UFSM, arnomaq@gmail.com



TO DE COLHEITA



Escolha do Leitor

A colheita compõe uma importante etapa na produção agrícola de qualquer cultura, sendo que para a produção de grãos existe uma gama bastante diversificada de culturas que são a base agrícola de muitos países, inclusive o Brasil. Embora o país produza muitas outras culturas como mandioca, laranja, café, cana-de-açúcar e outras, nas quais ainda há bastante trabalho braçal, as principais culturas agrícolas são produzidas na forma de grão e já possuem mecanização bastante desenvolvida, desde o plantio até a colheita. De acordo com a Conab, no Brasil a principal cultura em grão produzida é a soja, com ocupação de 45% de toda a área cultivada, seguida do milho (31%), feijão (8%), arroz (6%) e trigo (4%).

Devido a uma maior facilidade de manipulação do produto final (grãos) é possível, a partir de ajustes/regulagens e/ou trocas de mecanismos, realizar a colheita de diversas culturas (milho, soja, arroz, trigo, etc.) com a mesma máquina, as colhedoras combinadas de grãos. O fato de existirem peculiaridades entre as culturas, como densidade e tamanho do grão, porte da planta, altura de inserção de vagens/espigas, sensibilidade do grão ao impacto, entre outros, além da condição da lavoura, como umidade do grão, população de plantas, dossel vegetativo acamado e/ou deitado e demais fatores, implica proceder ações de ajustes da colhedora ao estado em que a cultura se encontra no momento da colheita. Desta forma serão

abordados neste trabalho os procedimentos para a regulação das colhedoras convencionais (tangenciais) a iniciar-se pelo processo de colheita.

Antes de proceder às regulagens dos mecanismos de uma colhedora, é importante entender o processo da colheita, basicamente separado em cinco etapas: corte/despigamento e alimentação; trilha; separação; limpeza; armazenamento e descarga. As culturas que utilizam a plataforma de corte são soja, trigo, aveia e outras. A planta é conduzida pelo molinete em direção oposta ao deslocamento da máquina para ser cortada pela barra de corte. Após cortada, a mesma tomba em cima da mesa da plataforma, e o caracol (sem-fim) transporta o material até o alimentador do cilindro.

Na colheita do milho o procedimento de coleta é diferenciado, sem corte. Como os grãos estão localizados nas espigas e estas possuem um tamanho que possibilita sua separação prévia do restante da planta, antes mesmo do sistema de trilha é utilizada uma plataforma específica (despigadora). A sequência do processo se dá da seguinte forma: as ponteiros divisoras são posicionadas entre as linhas do milho; as correntes recolhedoras auxiliam na condução da planta de milho para dentro da plataforma em direção às facas destacadoras e aos rolos despigadores ("foguetes"); os rolos despigadores puxam o caule da planta para baixo e a espiga é arrancada/destacada nas facas destacadoras

(ou chapas raspadoras); as espigas soltas são conduzidas pelas correntes recolhedoras até o caracol e em seguida ao alimentador do cilindro. A seguir, o procedimento de trilha e separação é o mesmo para os dois tipos de plataforma.

O material (planta/espiga) chega ao cilindro onde é trilhado, objetivando separar o grão, e é lançado sobre o saca-palhas, onde se efetua nova fase de separação. Os grãos, palha e vagens/espigas não trilhados caem sobre o bandejão, onde recebem um fluxo de ar proveniente do ventilador e em seguida caem sobre a peneira superior e, por fim, na peneira inferior. As vagens/espigas não trilhadas são direcionadas à calha de retrilha e transportadas por um elevador até a parte frontal do cilindro. A palha conduzida pelo saca-palhas segue em direção ao picador de palha, ou distribuidor centrífugo ("lancer"), onde é picada (somente com o uso do picador) e lançada ao solo. E o grão trilhado e limpo segue para o tanque graneleiro por um elevador. Finalmente, efetua-se sua descarga ou transferência.

Molinete: velocidade periférica

— Na cultura da soja, os cuidados com o molinete merecem bastante atenção, muito embora os operadores não deem a atenção necessária para tal regulagem. A velocidade periférica

No Show Rural Coopavel 2010 conheça o Vagão Forrageiro Tratador Misturador Ipacol ganhador do Prêmio 2009 Gerdaul Melhores da Terra e conheça também a nova linha de Vagões Tratadores Misturadores Ipacol série DUE ideais para o processamento e corte de fardos cilíndricos e prismáticos.

**O mixer Autocarregável mais eficiente
COM A MELHOR RELAÇÃO CUSTO X BENEFÍCIO**

PREMIADO CATEGORIA DESTAQUE APROVADO PELO USUÁRIO

www.ipacol.com.br

E-mail: ipacol@ipacol.com.br - Fone: (54) 3441.1626 - Veranópolis - RS



ipacol
parceria de sol a sol





Gustavo Meneghetti

Em razão das peculiaridades entre as culturas, devem ser procedidas ações de ajustes da colhedora ao estado em que a cultura se encontra no momento da colheita

plantas enroladas, exceto em condições em que as plantas estão deitadas.

Barra de corte (velocidade, inclinação) — É fundamental que a veloci-

dade da barra de corte consiga cortar o caule sem haver plantas “mastigadas” e arrancadas, principalmente quando a população for bastante adensada. Para que isso não aconteça ainda há outros dois fatores cruciais para o sucesso da função corte. A firmeza dos dedos e/ou contrafacas e o estado de conservação da barra. A inclinação ou ângulo de ataque da barra de corte pode variar de 5° a -6°, a depender do fabricante e do ano da máquina. Ângulo da barra: 6° a -6°; ciclos/min da barra de corte: 500 (1.040 cortes/min) a 600 (1.200 cortes/min).

Sem-fim (caracol) — A altura do caracol varia de acordo com o tipo de cultura e o volume de material colhido, sendo que, quanto maior o volume, maior a “folga” e/ou altura do mesmo em relação à base da plataforma. Outro aspecto que tange a regulagem deste componente é a posição horizontal, sempre tendo como ponto de referência a barra de corte. Neste caso, para culturas de pequeno porte, muito secas e de fácil debulha, deverá ser mais próxima da barra de corte. O inverso (para trás) é recomendado para culturas de porte alto, verdes ou consideradas pesadas.

Canal alimentador — A função crucial do canal alimentador é simples-

recomendada para o molinete é um detalhe pouco observado pelos operadores das colhedoras, principalmente em máquinas antigas, as quais não possuem recursos de regulagem instantâneos, dependendo muitas vezes da troca de polias e ajustes na correia de acionamento.

A velocidade ideal determina a caída imediata da cultura para dentro da plataforma, quando cortada. Em culturas que se mantêm em pé, a velocidade pode ser pouco superior à velocidade de deslocamento, sendo que alguns fabricantes indicam que nesta situação a velocidade pode ser igual à velocidade da máquina. Em condições em que a cultura está deitada, o ideal é que o trajeto da máquina seja contra a cultura, ou seja, o sentido em que a cultura se encontra irá diretamente para dentro da plataforma. No entanto, como o sentido de colheita se alterna ao longo do talhão, a velocidade periférica do molinete deve ser cerca de 20% superior à velocidade de deslocamento da colhedora.

A rotação do molinete situa-se entre 0 e 80 rpm, sendo que, para algumas colhedoras que possuem acionamento hidráulico, a rotação varia de acordo com a velocidade de deslocamento da colhedora, o que permite com que as plantas não sejam danificadas em casos em que há a necessidade de redução de velocidade de des-

locamento.

Ajustes incorretos na velocidade do molinete — Baixa velocidade em relação à máquina: perdas devido ao tombamento da cultura à frente da barra de corte e enrolamento da planta no molinete; Alta velocidade em relação à máquina: o impacto causa debulha e perdas pelo arremesso ao solo da cultura cortada.

Recomendações — Altura: a maior possível; soja: 2/3 da altura do pé; trigo: logo abaixo da espiga; arroz: logo abaixo da panícula. Velocidade: a menor possível, cerca de 15% a 25% acima da velocidade da colhedora, principalmente quando a cultura está muito seca. Nesta condição, com a alta aceleração do molinete, há perdas por bater na cultura e provocar debulha com consequente queda do grão no solo. Inclinação dos dedos/pentes recolhedores: o menor ângulo possível a fim de evitar debulha e



Divulgação

No milho a coleta é diferenciada, pois as espigas são separadas previamente da planta, antes mesmo do sistema de trilha, e é utilizada uma plataforma específica

mente conduzir a massa vegetal recolhida pela plataforma até o cilindro de trilha, utilizando para isso uma esteira. As correntes da esteira devem estar suficientemente tensionadas de forma que as travessas toquem ligeiramente o fundo do canal, permitindo flexibilidade ao admitir volumes variáveis de palha. O canal deve permitir o fluxo de forma constante, para que a unidade de trilha receba a massa vegetal de forma uniforme.

Unidade de trilha (cilindro e côncavo) — As colhedoras convencionais realizam a debulha no cilindro e côncavo de trilha onde a separação do grão e palha chega a 90%. Nesta unidade os grãos são separados pela fricção da massa

vegetal e são conduzidos de forma forçada entre as barras do cilindro e o côncavo, que forma uma base inferior semicircular em relação ao cilindro de trilha. Nesta unidade, as regulações realizadas são a rotação do cilindro e a altura/abertura do côncavo. Obviamente que a colhedora deverá ser preparada antes do trabalho, estando diretamente relacionada com a cultura. Para a colheita de arroz e trigo, bem como culturas com grãos úmidos ou outras que possuem grãos pequenos, deverá ser utilizada uma maior rotação e menor abertura do côncavo, além de ser utilizado arame fino no côncavo.

Para culturas com grãos grandes e secos (milho, soja, girassol) deve ser utilizada menor rotação do cilindro e no côncavo maior abertura juntamente com arame grosso. A rotação do cilindro em todas as culturas deve atingir a máxima velocidade possível, ou seja, adequada para garantir eficiência na debulha sem prejudicar a qualidade do grão (grãos amassados e quebrados). Soja, milho e trigo: 360 a 1.300 rpm (a depender da condição da lavoura); feijão: 150 a 350 rpm (necessita de kit feijão).

A separação de grãos não realizada na própria unidade de trilha acontece

nas peneiras. A regulação (abertura) irá condicionar a quantidade de impurezas conduzidas até o tanque graneleiro bem como a quantidade de ar proveniente do ventilador. A abertura das peneiras consiste na abertura das lamelas e deve ser ajustada a uma abertura que possibilite a passagem do grão sem que este percorra toda a extensão da peneira. A peneira superior mui-

to aberta sobrecarrega a peneira inferior. O inverso sobrecarrega a retrilha e poderá haver excesso de grãos quebrados, bem como a perda na traseira da colhedora. Quando a peneira inferior estiver muito aberta haverá excesso de palha picada (impurezas) no tanque graneleiro.

Em algumas colhedoras é possível regular a altura da peneira superior na



Antes de fazer a regulação dos mecanismos de uma colhedora, é importante entender o processo da colheita, basicamente separado em cinco etapas



www.marini.agr.br



(54) 3316 4100

Pedro Gonçalves Viana Neto, de Primavera do Leste -MT, adquiriu 8 Kit de pulverização MARINI.



AROS, DISCOS, RODADO DUPLO, ALONGADORES DE EIXOS E PNEUS

Rua Deometildes Silveira, 292 - Dist. Industrial Invernadinha - Passo Fundo - RS



As perdas aceitáveis no processo de colheita pelos técnicos é de apenas 0,75 saca por hectare, mas no Brasil chega a 2,1 sacas

Leonardo M. Mittmann

parte posterior, aumentando a inclinação desta. Basta trocar a fixação para furos superiores. Esta regulagem é indicada para colheita de áreas inclinadas. A New Holland oferece como opcional para seus clientes peneiras autonivelantes, as quais trabalham em nível, mesmo em terrenos inclinados.

O ventilador age de forma a fornecer ar para a limpeza de grãos nas peneiras, arrastando junto à corrente de ar as impurezas menores e/ou mais leves que o grão. Fluxo de ar insuficiente ou ainda abertura insuficiente das peneiras impossibilita a limpeza dos grãos, favorecendo a formação de uma crosta no grão. Fluxo de ar excessivo pode carregar grão para fora da colheitadeira. Na colheita da soja, alguns autores recomendam trabalhar com menor volume de ar em função da menor quantidade de palha e grão mais leve, no entanto esta informação não deve ser generalizada, pois com o advento cada vez mais forte da biotecnologia, houve um incremento de variedades transgênicas com características muito similares às variedades convencionais.

A regulagem de rotação do ventilador deve ser realizada conforme os passos a seguir: abrir as peneiras ao

máximo recomendado para a cultura a ser colhida; começar na rotação mínima recomendada; aumentar gradualmente a rotação do ventilador até que saia a maior quantidade de palha sem jogar grão fora, e, igualmente, sem enviá-lo à retilha.

Perdas — Na colheita de grãos, as perdas são variáveis diretamente ligadas ao quesito regulagem. No entanto, questões agronômicas estão ligadas a perdas na colheita, principalmente a umidade do grão. Perdas quantitativas têm apresentado valores baixos, em função da adequada velocidade de colheita e topografia suave, sendo que destas, 62% estão localizados na plataforma e 38% nos mecanismos internos. Dados ainda mais assustadores levantados pela Emater do Paraná indicam que as perdas na plataforma atingem patamares ao redor de 80%. As perdas quantitativas são maiores para o teor de umidade de 25%, decrescendo significativamente à medida que a lavoura vai secando.

As perdas qualitativas (quebrados e amassados) são elevadas na colheita com teor de umidade de 35%, sendo inviável a colheita neste patamar

de umidade. Colheitas com umidade entre 15% e 18% apresentam menores índices de perdas e, aliados a uma correta regulagem da colhedora, os valores ficam próximos de 3% de perda. Na safra 2004/2005 a Embrapa estimou uma perda média de 2,1 sacas por hectare. Desta forma, o Brasil deixou de colher 47 milhões de sacas de 60 quilos de soja. A perda aceitável pelos técnicos é de apenas 0,75 saca por hectare.

Estudos realizados por Portella (2001) na colheita do milho com uma colhedora com 12 anos e 2.600 horas de uso, operando a uma velocidade de 4 km/h, demonstraram que para o teor de umidade do grão de 15% obteve-se a menor perda na plataforma (0,51%), enquanto que para perdas quantitativas de grãos nos mecanismos internos, foi menor com umidade de 18 e 25%. Sendo assim, o ponto de inflexão ficou entre 15 e 18%.

Esta reportagem foi escolhida pelo leitor da revista A Granja, que votou por meio da newsletter Agronews. Aproveite agora e escolha entre as três reportagens que estão em votação a que você prefere ver estampada nas páginas de nossa revista.

Caso ainda não receba a newsletter, cadastre-se no site www.agranja.com

SAFRA GARANTIDA PARA TODOS

Governo, empresas e produtores estão mobilizados para a criação de um sistema eficiente de seguro rural que contemple as partes interessadas

Wady José Mourão Cury, presidente da Comissão de Seguro Rural da FenSeg e diretor técnico da Companhia de Seguros Aliança do Brasil

O mercado de seguro agrícola no Brasil ainda está em formação, atingindo apenas 12% do seu potencial futuro. É um segmento promissor que movimentou, apenas em 2009, cerca de R\$ 540 milhões de prêmios e R\$ 11 bilhões de cobertura. De olho nisso, o Governo deu um passo importante para a consolidação do produto ao abrir espaço para discutir o assunto com agricultores, entidades do setor, seguradoras e resseguradoras.

A ideia do seguro rural surgiu em 1954, com a criação da Companhia Nacional de Seguro Agrícola, que ficou responsável pelo desenvolvimento e promoção do produto em todo o território brasileiro. Dez anos depois, constataram-se as dificuldades na sua operacionalização: os riscos eram grandes demais para as seguradoras e, por isso, o custo muito alto para o produtor.

Em 2004, 50 anos depois da ideia do seguro rural, a Lei de Subvenção ao Prêmio foi aprovada, promovendo o subsídio federal de 50% do valor do seguro. Essa medida foi de extrema importância para o mercado. Enquanto outros seguros não trabalham com riscos catastróficos, o rural fundamentalmente considera este cenário. Um período de seca, por exemplo, não impacta somente uma ou duas plantações, mas uma região inteira. Isso gera a correlação entre os riscos segurados ou não segurados, elemento essencial da natureza catastrófica.

É importante lembrar que o seguro rural, além de dar tranquilidade aos produtores rurais em situações de grandes perdas, pode ser considerado uma proteção ao crédito, uma vez que oferece segurança para que o agricultor honre os seus compromissos. Permite também que o empréstimo bancário seja ampliado mesmo em um momento de crise econômica, já que a instituição tem garantias de retorno do investimento. Outro fato importante do seguro agrícola é o incentivo que ele gera no crescimento tecnológico do agricultor.

Para reforçar as vantagens do produtor e a certeza de um mercado promissor, há a expectativa de que 12 milhões de hectares serão assegurados em 2010, ante 7,5 milhões em 2009. Para 2012, prevê-se que 220 mil agricultores sejam beneficiados, com cerca de R\$ 1 bilhão em prêmios e R\$ 21 bilhões de cobertura, o que deve atrair a atenção de mais seguradoras e resseguradoras. Hoje, por ser um setor de alto risco que exige alta especialização das seguradoras, apenas seis empresas atuam no ramo.

O Governo, atento à importância do seu papel para o desenvolvimento desse segmento, vem reforçando sua política agrícola e, em especial, sua atuação no seguro rural. Esse mercado é dependente, essencialmente, de três fatores: uma política consistente para que a iniciativa privada sinta-se confortável em investir no segmento, subvenção ao prêmio e, finalmente, a capacidade de subscrição. O custo de uma safra gira em torno de R\$ 160 bilhões, o que torna praticamente inviável a cobertura do investimento exclusivamente por meio das seguradoras e das resseguradoras.

Fundo de Catástrofe — Assim, mais uma vez, o Governo entrou em cena e colocou em pauta, no Congresso Nacional, a discussão sobre o fundo de catástrofe, me-

canismo que garante às seguradoras e aos resseguradores a proteção patrimonial e a estabilidade nos resultados em caso de eventos catastróficos, bem como estabelece um programa que gera a certeza da manutenção do seguro rural como um dos principais instrumentos da política agrícola e dá a possibilidade do aumento da oferta do seguro rural, uma vez que a demanda é fomentada pela subvenção. Falta ressaltar, ainda, a importância da capacitação do mercado, por meio do desenvolvimento de um banco de dados e de um sistema de gestão por satélite que permitam o monitoramento a distância dos riscos agrícolas, assim como a capacitação de profissionais que atuarão na gestão dos riscos nas seguradoras e também no indispensável trabalho em campo. Portanto, 2010 é um ano decisivo para o seguro rural. Para a consolidação desse importante instrumento de estabilidade e desenvolvimento da agricultura, é necessário criar um sistema eficiente e confiável de gestão que potencialize as sinergias entre o Governo, a iniciativa privada, os produtores e as entidades do setor. E, hoje, é indiscutível que as partes não meçam esforços para atingir esse objetivo. Colheremos amanhã o que hoje estamos plantando e, com certeza, serão bons frutos. ■



Gustavo Meneghetti

COLHEITA COMEÇA MAIS

Região situada no Centro-Oeste já colhe a soja e mira a diversificação com o algodão adensado

Luís Henrique Vieira

Antecipação da temporada de chuvas normalmente adianta a colheita da soja. Este é o caso da safra deste ano no Centro-Oeste. E os produtores da região chamada de Chapadões, que compreende os municípios de Alto Taquari/MT, Costa Rica/MS, Chapadão do Sul/MS e Chapadão do Céu/GO, já estavam desde meados de janeiro com as colheitadeiras na lavou-

ra. “Esta safra está boa, mas poderia ser melhor. Faltou um pouco de luz por causa das chuvas”, revela o produtor Eduardo Pagnoncelli Peixoto, de Chapadão do Céu. Peixoto planta 2.400 hectares de soja, 748 de milho e girassol (safrinha), 35 de arroz e 25 de feijão. Além disso, também reserva espaço para a produção de sorgo, trigo e nabo – em menor escala. Com a colheita de soja, o

milho safrinha já passou a ser plantado na propriedade de Peixoto na metade de janeiro.

Para o produtor, que inicia o plantio por volta do final de setembro e início de outubro devido ao respeito ao vazio sanitário, a produtividade na região é muito boa, mas eles perdem competitividade em função da má qualidade das estradas. “O rudimentarismo das estra-



S CEDO NOS CHAPADÕES

das brasileiras faz com que o nosso número de clientes seja muito limitado”, lamenta, se referindo à falta de vias pavimentadas de Chapadão do Céu até Goiânia e Brasília. Outra preocupação recorrente da região é sobre os preços. Nesta safra há um clima de apreensão por conta da alta produção em países concorrentes como Argentina e EUA, com safra prevista de 53 milhões de toneladas e 91,5 milhões, respectivamente, segundo o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA).

O agricultor Hilton Henrichsen, de Chapadão do Sul, cultiva soja, milho, feijão e ainda cria gado Nelore. Sua área de plantio é de 1.500 hectares, e outros 830 são ocupados pela pecuária. Para ele, procedente de Lajeado/RS, há cerca de dez anos, o excesso de chuvas prejudicou suas lavouras. “A colheita do feijão foi ruim. Já para a soja, está sendo bem melhor”, descreve o produtor. O gaúcho espera colher o milho em fevereiro e está otimista quanto à produtividade.

Apoio da pesquisa — Na região dos Chapadões, há uma instituição que auxilia em muito os produtores na pesquisa para a prevenção a doenças e pragas e no menor impacto sobre o meio ambiente. A Fundação Chapadão, entidade privada criada em 1997 pelos produtores, ajuda a aperfeiçoar ainda as técnicas de agricultura de precisão e elabora um monitoramento em relação às doenças que podem afetar a soja e pragas oriundas de outras regiões, inclusive de países como Bolívia e Paraguai — países que fazem fronteira com o Mato Grosso do Sul. A ênfase maior é em ferrugem asiática e nematoides.

De acordo com o engenheiro agrônomo Edson Pereira Borges, diretor-executivo da fundação, a entidade atende uma extensão de 400 mil hectares e 400 produtores. Da área total, 250 mil hectares pertencem a produtores que mantêm a instituição. As prefeituras da região também colaboram para a sustentação da entidade.

Uma das atividades da fundação que Borges considera das mais importantes

Eduardo Peixoto, de Chapadão do Céu/GO: chuvas prejudicaram a safra de soja

é a orientação para o cultivo do algodão adensado, nova forma de cultivo que está iniciando na região dos Chapadões. Segundo o pesquisador, devido à forma de cultivo do adensado e técnicas como a do sistema de plantio direto, do vazio sanitário e da agricultura de precisão, os produtores estão reduzindo os gastos em defensivos e fertilizantes. “Isso diminui muito os custos dos produtores da região e ainda protege muito as terras, sendo muito mais amigável ao meio ambiente”, concluiu o pesquisador.

O estímulo ao cultivo de algodão também é uma forma de ampliar a diversidade de culturas da região. “Aqui na região, cerca de 60% é soja, 30% é milho e só 10% é algodão, mas estamos ampliando bastante as atividades”, afirma. Conforme ele, a safra de soja 2009/2010 será menor que a do ano anterior. “Tivemos pouca fotossíntese e chuvas demais no inverno. Ainda assim, a safra atual estará boa.”



Fotos: Valdenir Rezende

O repórter Luís Henrique Vieira viajou à região dos Chapadões a convite da New Holland

GPS



Agricultura de Precisão
Pulverização / Mapeamento
Levantamento de Áreas
Distribuição de Fertilizantes e Calcário

All COMP
Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207
Fone: (51) **2102.7100** - Porto Alegre/RS
alcomp@alcompgps.com.br

MILHO

SAFRINHA COM **PERSO**



ONALIDADE PRÓPRIA

A safrinha, que ganhou este nome porque não era importante no passado recente, já representa 34,55% da área de milho e 33,19% da colheita. E o nível tecnológico dessa segunda safra já é o mesmo da safra principal

José Carlos Cruz e Israel Alexandre Pereira Filho, pesquisadores da Embrapa Milho e Sorgo

Milho safrinha é o milho de sequeiro, semeado de janeiro a abril, após a cultura de verão, que geralmente é a soja precoce na região Centro-Sul brasileira. O termo safrinha tem origem nas baixas produtividades dos primeiros cultivos no estado do Paraná, na década de 1970, que geravam um volume muito pequeno de grãos comparado à safra de verão. Embora o termo safrinha seja pejorativo, não correspondendo ao excelente nível atual de produtividade de parte das lavouras e à sua importância no cenário nacional, o mesmo está consagrado pelo uso e caracteriza um sistema de produção peculiar. De acordo com o levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) de novembro de 2009, a safrinha de milho confirmou naquele ano sua importância para o Brasil com a produção recorde de 16,721 milhões de toneladas, o que corresponde a cerca de 32,8% da safra total, estimada em 50,980 milhões de toneladas de grãos.

O milho safrinha é produzido basicamente nos estados do Paraná, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e, mais recentemente, Minas Gerais. O plantio normalmente ocorre após a colheita da soja precoce e apresenta, como vantagens, a possibilidade do uso mais racional dos fatores de produção (terra, máquinas, equipamentos e mão de obra) em período ocioso do ano, um preço geralmente maior do cereal na safrinha do que na safra normal, menor custo de produção, além

da falta de alternativas mais seguras e rentáveis para a época.

Nos últimos anos, verifica-se que alguns fatores têm induzido o produtor a ampliar a área de cultivo da soja, causando uma redução da área de milho na safra: menor custo por hectare comparativamente ao do milho, o principal concorrente; baixos preços do milho; maior liquidez; cultura mais resistente a estiagem; e cultivo menos oneroso que o do milho. Por outro lado, tem-se verificado um aumento da área do milho safrinha. Um fator que tem contribuído para o aumento da área de milho safrinha é a adoção do sistema de plantio direto na palhada da soja, que permite redução do tempo entre a colheita da lavoura de verão e a semeadura do milho safrinha.

1/3 da área — A importância da safrinha pode ser facilmente constatada pelos números: 34,55% da área de milho da última safra foi plantada na safrinha, correspondendo a 33,19% de toda a produção colhida. Na região Centro-Oeste, a área do milho safrinha representa 82,88% de todo o milho plantado, correspondendo a 77,35% da produção colhida na região. Lá, houve um decréscimo de 28,3 % na área de milho plantada em 2009/10, comparada com a safra anterior, sendo que no Mato Grosso essa redução atingiu 35%.

A safrinha é especialmente importante nos seguintes estados: no Mato Grosso, em 2009, foi plantada em 1,509 milhão de hectares, o que corresponde a 92% de todo o milho plantado no estado, considerando

PIVÔS • CARRETÉIS • TUBOS
CONEXÕES EM AÇO GALVANIZADO

Krebsfer
agora é
KREBS

A Krebs é uma empresa 100% nacional que há mais de 40 anos auxilia o agricultor com sua ampla linha de soluções em irrigação.

A adoção do nome Krebs une sua tradição com uma visão criativa voltada para a agricultura moderna.



19 3119-4000

krebs@krebs.com.br

www.krebs.com.br

safrinha (2008/09) e safrinha (2009); no Mato Grosso do Sul, foram plantados na safrinha 853,8 mil hectares, ou 91% de todo o milho plantado no estado (safrinha mais safrinha). Por outro lado, os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul plantaram, na safra 2009/10, 72 e 26,6 vezes mais soja do que milho, demonstrando que, nessa região, predomina uma enorme monocultura da soja, que não é sustentável e que deverá ser mudada ao longo dos anos à medida que houver maior demanda para o milho na região ou que o escoamento do milho da região se torne mais econômico.

Por ser plantado no final da época normal, o milho safrinha tem sua produtividade de bastante afetada pelo regime de chuvas e por fortes limitações de radiação solar e temperatura na fase final de seu ciclo. A época de plantio é, pois, o principal fator determinante do nível tecnológico da cultura na safrinha, considerando que, à medida que se atrasa o plantio, há uma acentuada queda no potencial produtivo e um aumento substancial do risco de perdas totais ou parciais da lavoura. Associada à época de plantio o mais cedo possível, toda estratégia de escolha e manejo do solo deve levar em consideração propiciar maior quantidade de água disponível para as plantas. Nesse caso, sempre que possível, deve-se optar pelo sistema de plantio direto, pois oferece maior rapidez nas operações, principalmente no plantio realizado simultaneamente à colheita, permitindo o plantio o mais cedo possível. Além disso, um sistema de plantio direto, com adequada cobertura da superfície do solo, permi-

tirá o aumento da infiltração da água no solo e a redução da evaporação, com consequente aumento no teor de água disponível para as plantas. Em algumas áreas de plantio direto, já se constatou aumento do teor de matéria orgânica do solo, afetando a curva de retenção de umidade e aumentando ainda mais o teor de umidade para as plantas. Por outro lado, o milho safrinha, além da produção de grãos, irá produzir a palhada necessária para a maior efetividade do sistema plantio direto, dando-lhe maior sustentabilidade.

Mesmo nível tecnológico — Hoje, nas principais regiões produtoras de milho safrinha, o nível tecnológico utilizado nos plantios mais cedo é semelhante ao nível tecnológico utilizado na safra normal. Como ocorre na safra, hoje, na safrinha, os híbridos simples, que têm maior potencial produtivo, são os mais plantados. À medida que se atrasa o plantio da safrinha, aumentando os riscos climáticos, então o agricultor reduz o nível tecnológico e ocorre um aumento do plantio de milhos híbridos duplos de menor custo. Verifica-se, ainda, uma maior preocupação de plantio de cultivares mais precoces na safrinha, para escapar de provável déficit hídrico no final do ciclo. Pela mesma razão, a densidade de plantio normalmente é menor na safrinha. Geralmente, a densidade de plantio na safrinha é cerca de 20% menor do que na safra.

Também o controle de pragas e doenças deverá ser maior na safrinha quando

esses problemas geralmente são mais sérios. Por outro lado, o controle de plantas daninhas normalmente é mais fácil. Entretanto, deve-se tomar cuidado na escolha dos herbicidas utilizados na safra da soja no verão para evitar o efeito fitotóxico desses herbicidas na cultura da safrinha. Mais recentemente, tem aumentado, com sucesso, a utilização do consórcio de milho com braquiária na safrinha para a produção de palha, melhorando a eficiência do sistema de plantio direto, especialmente na utilização da água disponível no solo ou, ainda, podendo ser utilizado como pastejo na entressafra.

Gerenciamento — Hoje, o planejamento do plantio da safrinha começa com a escolha da cultivar da soja a ser plantada no verão, levando-se em consideração seu ciclo (geralmente superprecoce), a época de plantio e o tipo de solo (normalmente, o que apresenta maior retenção de água disponível para as plantas). Na realidade, o milho safrinha não é apenas um plantio isolado e, sim, parte de um sistema integrado, que necessita ser gerenciado de forma correta, com um planejamento técnico que envolva um sistema de rotação de culturas tanto de verão quanto de inverno e com práticas de manejo integrado que levem em consideração todas suas características. É importante salientar que, à medida que se atrasa a época do plantio, há um aumento na adversidade climática e, normalmente, o agricultor ajusta seu sistema de produção, reduzindo a quantidade de insumo aplicada e utilizando cultivares de menor custo, geralmente híbridos duplos. ☒

O milho safrinha é produzido basicamente nos estados do Paraná, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e, mais recentemente, Minas Gerais



A FEIRA-TERMÔMETRO DE 2010

A 22ª edição do Show Rural Coopavel ocorre de 8 a 12 de fevereiro, em Cascavel/PR

A tradicional feira Show Rural Coopavel, de 8 a 12 de fevereiro, promete mais uma vez ser o termômetro do agronegócio brasileiro neste início de ano. O importante evento, que ocorre no Parque Tecnológico Coopavel, em Cascavel/PR, chega à 22ª edição e tem como um dos principais objetivos apresentar ao produtor e outros profissionais do campo as novidades em tecnologias agropecuárias – de máquinas a técnicas de cultivo. A feira promovida pela Coopavel Cooperativa Agroindustrial, uma das maiores instituições cooperativas do país, mostra a inovação tecnológica de diversas atividades agrícolas, com foco na alta produtividade.

Aproximadamente 4,8 mil experimentos já foram implantados ou estão sendo preparados nas áreas de agricultura, de pecuária e outras diversificações rurais, bem como de orientação ambiental. E como em todos os outros anos, esses experimentos serão apresentados aos visitantes por pesquisadores e profissionais das empresas de pesquisas, produção e comercialização de insumos, aliados ao desenvolvimento das culturas.

Além de ser um evento voltado à agricultura, o Show Rural Coopavel apresenta vários tipos de animais, desde os mais conhecidos e explorados, como gado de leite e de corte, aves e suínos, até os mais exóticos, como o avestruz, o bicho-da-seda e a rã. Há criação de galinha caipira, ovelhas e cabritos, peixes, minhoca e abelha, entre outros. São alternativas que podem ser exploradas em escala comercial, constituindo-se em fonte de renda à agricultura familiar. Para cada uma dessas produções, os profissionais orientam sobre



Divulgação

os diferentes tipos de alimentação para animais, fórmulas nutricionais e manejo dos rebanhos, além da gestão da propriedade alicerçada no controle de custos das atividades sugeridas.

Outro assunto destaque da edição é a nova estação de pesquisas do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar). Nesse espaço serão promovidas discussões sobre a recuperação dos solos degrada-

dos, de fundamental importância tanto pela questão da preservação ambiental quanto pela garantia de continuidade do sistema de produção agrícola. “É uma espécie de escola que estará aberta o ano todo levando informações para profissionais, agricultores e estudantes universitários”, explica Rogério Rizzardi, coordenador do evento.

A edição 2010 do Show Rural Coopavel terá 335 expositores (entre instituições públicas e empresas nacionais e multinacionais de insumos), e a expectativa é de 150 mil visitantes (agropecuáristas, autoridades e profissionais ligados ao setor vindos de toda parte do mundo), além de 3,5 mil profissionais e pesquisadores, que farão palestras e atenderão os visitantes, buscando esclarecer tudo a respeito das tecnologias de produção. ■



De Leo
EQUIPAMENTOS LABORATORIAIS

De Leo, pioneira em equipamentos para laboratório de sementes.



Soprador de Sementes tipo General



Germinador de Sementes



Soprador de Sementes South Dakota



Homogeneizador de Sementes





Consulte nosso site para saber mais sobre outros produtos.

www.deleo.com.br

Porto Alegre - RS
51 3384 6111

Fitossanidade

em destaque



PERCEVEJOS SÃO **AMEAÇA DO COMEÇO** **AO FIM DA SAFRÁ**



As espécies *Oebalus poecilus* e
Oebalus ypsilon atacam os grãos
do arroz

A dificuldade para realizar o controle e a diversidade de espécies transformam os percevejos em pragas perigosas nos arrozais durante todo o ciclo

Thais Fernanda Stella de Freitas, pesquisadora do Instituto Rio Grandense do Arroz

Entre as diversas espécies de insetos-praga que atacam a cultura do arroz irrigado, destacam-se os percevejos. O potencial de dano na produção, tanto na quantidade como na qualidade de grãos, a dificuldade de controle e a diversidade de espécies tornam os percevejos alvo de grande preocupação e de medidas de controle por parte dos produtores. No estado do Rio Grande do Sul, são comuns as espécies *Tibraca limbativentris*, conhecidas popularmente como percevejo-do-colmo ou percevejo-castanho e *Oebalus poecilus* e *O. ypsilongriseus*, sendo estas últimas as espécies que atacam os grãos. Pelos diferentes hábitos alimentares destas espécies, os percevejos podem estar presentes na lavoura praticamente du-

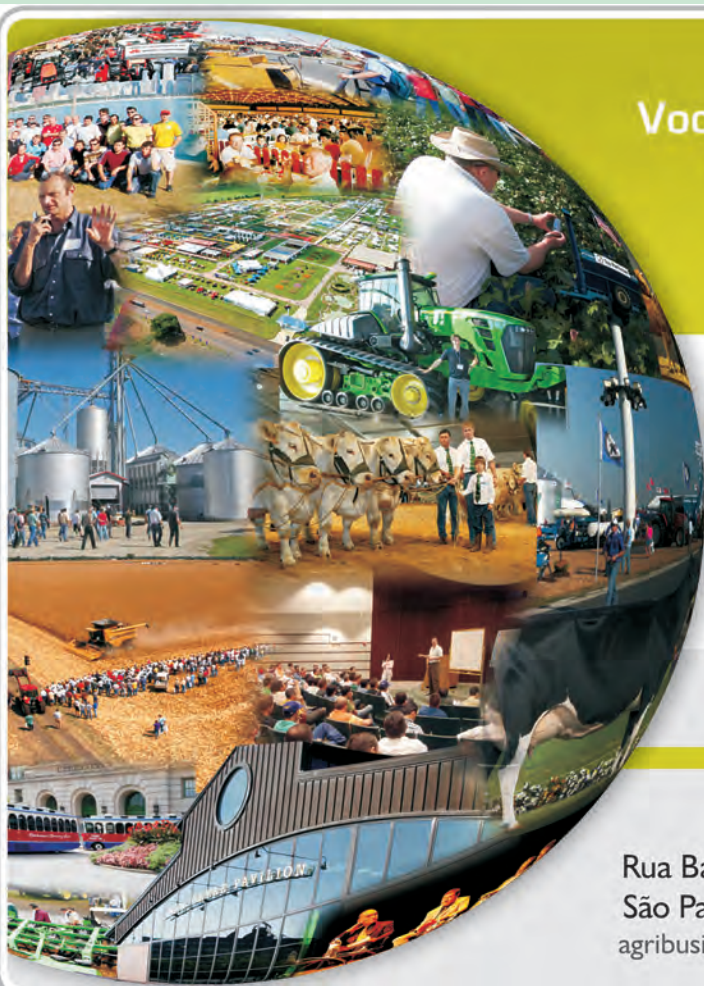
rante todo o período de cultivo do arroz.

O percevejo-do-colmo é o primeiro a aparecer, podendo infestar as lavouras a partir de 20 dias após a emergência das plantas e permanecer causando danos à produção até a fase de enchimento de grãos. Seu hábito alimentar consiste em perfurar as plantas na parte basal do colmo, interrompendo o fluxo de seiva e causando a morte dos tecidos acima deste ponto. Se o ataque ocorrer quando as plantas estiverem no período vegetativo, o sintoma é a morte e enrolamento da folha central, também chamado de “coração morto”. Se ocorrer quando as plantas estiverem na fase reprodutiva, o enchimento de grãos é interrompido, resultando em alta percen-

tagem de grãos chochos, sintoma conhecido por “panícula branca”. Muitas vezes, esse sintoma é confundido com a brusone-do-pescoço, doença causada pelo fungo *Pyricularia grisea*.

Controle — Existem poucos produtos registrados para controle dos percevejos na cultura do arroz irrigado. Mesmo assim, a maior dificuldade de controle não é esta. Para o percevejo-do-colmo, o hábito de alimentar-se na parte basal da planta o faz passar a maior parte do dia nas partes mais baixas do dossel, o que lhe confere certa proteção contra as pulverizações, pois ele fica abrigado sob as folhas das plantas, aproveitando-se de um efeito “guarda-chuva”.

Dessa forma, para aumentar a efici-



Você tem um mundo de motivos para fazer de sua próxima viagem uma atividade produtiva e prazerosa

A **Agritours Brasil** leva você e sua empresa para os mais variados roteiros pelo mundo e para os principais eventos relacionados com Agribusiness, com a experiência de quem atua no ramo há 12 anos. Não deixe por conta do acaso o sucesso de sua viagem. Contrate a **Agritours Brasil** e viaje tranquilo!

AGRITOURS BRASIL
AGRIBUSINESS

Rua Barão do Triunfo, 464 - cj.12 | Brooklin | 04602.001
São Paulo SP Brasil | Tels: 55.11.5093.5225 / 9142.2370
agribusiness@agritoursbrasil.com.br | www.agritoursbrasil.com.br



Segundo Thais, as pulverizações devem ser realizadas no horário de maior exposição do inseto, que costuma ocorrer no período da manhã

ência das pulverizações, o produtor deve realizá-las no horário de maior exposição do inseto, que costuma ocorrer no período da manhã, para facilitar o contato com o inseticida. Em vista dessa dificuldade, o produtor deve realizar o monitoramento da praga com muita atenção, pois a visualização do inseto também é dificultada, e a decisão de realizar controle químico só deve ser tomada após a certificação de uma população de dois a três percevejos/metro quadrado. Pulverizações com populações inferiores, além de não serem economicamente viáveis, causam um grande desequilíbrio ambiental.

Além do percevejo-do-colmo, os percevejos que atacam os grãos também causam danos importantes à produtividade e, especialmente, à qualidade de grãos. O ataque aos grãos ocorre a partir do estágio de grão leitoso, mas a entrada dos insetos na lavoura pode (e costuma) ocorrer antes, pois são muito atraídos por outras plantas, especialmente pelo capim-arroz (*Echinochloa* sp.) Desta forma, o percevejo-do-grão pode ser confundido com o percevejo-do-colmo. Tal confusão não é de se estranhar, uma vez que a forma jovem (ninfas) do percevejo-do-colmo possui manchas amarelas na parte superior, como os adultos das espécies que atacam os grãos.

É importante que o produtor conheça

ça as espécies e saiba diferenciá-las, especialmente nas fases de ninfa, para que não desconsidere a presença de ninfas de percevejo-do-colmo ou realize aplicações desnecessárias de inseticidas, como ao encontrar adultos de percevejo-do-grão antes do florescimento do arroz.

Os grãos atacados têm menor poder germinativo, são mais leves, quebram mais facilmente durante o beneficiamento e, depois de beneficiados, apresentam manchas escuras. A picada do percevejo também pode ser uma entrada para fungos, especialmente para os causadores de manchas dos grãos, como *Alternaria* sp. e *Bipolaris* sp.

Diferente do percevejo-do-colmo, o

É fundamental que o produtor conheça as espécies e saiba diferenciá-las

percevejo-do-grão não costuma ser uma praga muito difícil de controlar. Para sugar os grãos, os insetos passam a maior parte do tempo sobre as panículas, o que facilita o contato com o inseticida escolhido. O nível de dano econômico também é de dois a três percevejos/metro quadrado.

Controle com fungos — Preocupados com o impacto ambiental, muitos pesquisadores vêm realizando trabalhos com fungos entomopatogênicos no controle de percevejos. Para o percevejo-do-grão, a pulverização de soluções de conídios de *Aspergillus flavus*, e para o percevejo-do-colmo, *Metarhizium anisopliae* e *Beauveria bassiana* têm sido eficientes. Uma evidência da eficiência destes fungos é a facilidade de se encontrar percevejos contaminados no período de hibernação.

Algumas práticas de manejo são importantes para a redução da população de percevejos durante o cultivo de arroz. A limpeza das áreas próximas às lavouras, como bordaduras, canais, estradas, etc., são fundamentais para reduzir os sítios hibernantes. Manter as áreas roçadas impede que os percevejos encontrem abrigo para passar o período de inverno junto à lavoura e estejam dentro dos quadros de arroz tão logo a temperatura comece a subir. Para o percevejo-do-colmo, por exemplo, sabe-se que a planta *Andropogon* sp., conhecida como “rabo-de-burro”, é o abrigo preferido. Vale ressaltar que a aplicação de inseticidas sobre a vegetação espontânea no período da hibernação, prática conhecida como “cheirinho” de inseticida, é ineficiente, assim como a queima destas áreas. 



CONHECER PARA E

Os nematoides atacam a maioria das espécies, provocam danos quantitativos e qualitativos e geram perdas anuais estimadas em 12% à agricultura mundial



Fundação MT

Pedro Luiz Martins Soares e Jaime Maia dos Santos, professores e consultores de Nematologia, Unesp/Fcav, Campus de Jaboticabal
Departamento de Fitossanidade – Laboratório de Nematologia
pedrolms@fcav.unesp.br – jmsantos@fcav.unesp.br

Parte I

Os nematoides parasitos de plantas são vermes microscópicos e quase transparentes, medem de 0,3 a 3 milímetros e são difíceis de serem vistos a olho nu. Eles são animais aquáticos que são encontrados na água do solo, entre as partículas de areia e argila. A maioria das espécies de nematoides causa lesões em partes subterrâneas das plantas, tais como raízes (cenoura e as principais culturas cultivadas), bulbos (alho e orna-

mentais), tubérculos (batata) e rizomas (bananeira). Algumas delas podem causar alterações em partes aéreas, como caules (palmáceas em geral), folhas (diversas ornamentais) e sementes (forrageiras em geral). Nas partes subterrâneas, as galhas são os sintomas típicos da infecção causados por espécies de *Meloidogyne*, também conhecidos como nematoides de galha. Outras espécies de nematoides causam diferentes tipos de lesões

escuras (necroses) nas partes subterrâneas, mas essas lesões também podem ocorrer nas partes aéreas.

As lesões nas raízes causam comprometimento à absorção e ao transporte de água e nutrientes, resultando em danos ao crescimento e à produção, que, em casos extremos, inviabilizam o desenvolvimento da cultura. Todas essas alterações nas partes subterrâneas resultam em danos que depreciam o produto colhido, no caso

VITAR E CONVIVER



Plantas com sintomas de deficiência nutricional e, geralmente, menos desenvolvidas que as das áreas em volta são o principal alerta do ataque de nematoides

de raízes e tubérculos. Além dos danos diretos causados pelos nematoides, pode ocorrer a interação deles com outros micro-organismos da rizosfera, em especial fungos de solo como espécies de *Fusarium*, *Phytophthora*, *Ralstonia*, *Rizoctonia*, *Verticillium*, etc., causando doenças complexas. O parasitismo do nematoide facilita a penetração e aumenta a predisposição da cultura aos outros patógenos, levando, na maioria das vezes, à redução do estande, aumentando ainda mais as perdas na cultura. Também a alta infecção das raízes pelos nematoides, associada à ocorrência de um veranico, pode levar à

morte de plantas.

Eles causam perdas quantitativas e qualitativas. As perdas quantitativas dizem respeito à redução que essas pragas causam à produção. As perdas qualitativas, por outro lado, estão relacionadas às alterações na qualidade do produto colhido, tais como tubérculos (deformados, muitas vezes imprestáveis para a comercialização), frutos “in natura” (menores), sementes (tamanhos e germinação menores), plantas ornamentais (hastes e flores menores, além da desuniformidade na floração), além de outras. As perdas variam em função das condições edafoclimáticas (tipo de solo, temperatu-

ra, precipitação, etc.), cultura, cultivar, espécie do nematoide, entre outras. As perdas causadas pelos nematoides são difíceis de ser quantificadas.

Entretanto, eles causam perdas anuais médias à produção agrícola mundial estimadas em 12%, correspondendo a bilhões de dólares de prejuízo. Com efeito, no contexto do aquecimento global, a importância econômica dos nematoides é cada vez maior. Isso porque, em dias mais quentes, as plantas transpiram mais e necessitam de maior capacidade de absorção e transporte de água pelo sistema radicular. Entretanto, os danos causados pelos nematoides comprometem a capacidade das raízes para o desempenho dessas funções, resultando em prejuízo ainda maior ao desen-

All COMP
Equipamentos de Precisão

GPS

Mapeamento e cálculo de área com GPS

GARMIN

Vendas, cursos e treinamento.

(51) 2102.7100
Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
vendas@allcompgps.com.br
www.allcompgps.com.br

volvimento e produção das culturas.

Espécies atacadas — Praticamente todas as espécies de plantas cultivadas sofrem danos causados por, pelo menos, uma espécie de nematoide. Algumas culturas, inclusive, são hospedeiras e sofrem danos causados por várias espécies e uma espécie de nematoide pode atacar várias culturas diferentes. Diversas plantas invasoras também são hospedeiras de diferentes espécies de nematoides, sendo de fundamental importância o seu controle na lavoura.

Diferentes espécies de nematoides podem ser encontradas parasitando uma cultura. Entretanto, somente algumas estarão causando danos/perdas à cultura, sendo conhecidas como as espécies de importância econômica ou espécies-chave para a cultura em questão. Por exemplo, a cultura da soja, no Brasil, atualmente, sofre perdas causadas pelos nematoides de galha (*Meloidogyne javanica* e *M. incognita*), o nematoide de cisto da soja (*Heterodera glycines*), uma das espécies dos nematoides das lesões radiculares (*Pratylenchus brachyurus*) e o nematoide reniforme (*Rotylenchulus reniformis*). Esses são os nematoides-chave para a cultura. Em outras regiões do mundo, outras espécies de nematoides também são consideradas pragas-chave da cultura.

Para a cultura do milho, os nematoides de importância econômica são *M. javanica*, *M. incognita*, *P. brachyurus*, *P. zaei* (nematoide das lesões radiculares). Espécies de *Trichodorus* e *Paratrichodorus* são encontradas, ocasionalmente, causando danos à cultura. Recentemente, confirmou-se que a cultura do milho também hospeda o nematoide reniforme



(*Rotylenchulus reniformis*). Embora esse nematoide não cause danos expressivos à cultura, após a colheita, a densidade da população do nematoide que permanece no solo poderia comprometer o desenvolvimento da cultura subsequente.

As espécies de importância econômica para a cultura do algodão são *R. reniformis*, *M. incognita* (Raças 3 e 4) e *P. brachyurus*. Como referido anteriormente, muitas das espécies de nematoides citadas são comuns às culturas mencionadas. As espécies de nematoides citadas, principalmente as de galha, das lesões radiculares, e o nematoide reniforme estão amplamente distribuídos no Brasil e apresentam ampla gama de hospedeiros, entre os quais estão muitas espécies cultivadas, além de várias espécies de plantas daninhas. Também, existem casos de ocorrer mais de uma espécie em uma mesma área, o que acaba limitando a utilização dos métodos de manejo, notadamente o mais comum deles que é a rotação de culturas.

Os nematoides não se disseminam pelos seus próprios recursos. Sementes, mudas, o trânsito de máquinas e veículos, implementos, aração e gradagem em áreas in-



As lesões nas raízes causam comprometimento à absorção e ao transporte de água e nutrientes, resultando em danos ao crescimento e à produção

festadas, água de enxurradas e o transporte de solo (aderido a pneus e calçados), além de outros materiais infestados, são as principais vias de dispersão

de muitas espécies no talhão ou de uma propriedade para outra. A irrigação com água de escoamento superficial armazenada, assim como de riachos e rios, também pode disseminar nematoides.

Sintomas — Os sintomas do ataque de nematoides no campo se manifestam na forma de manchas/reboleiras na cultura e raramente estão na área toda, devido à baixa mobilidade desses micro-organismos no solo. Plantas exibindo sintomas de deficiência nutricional e, geralmente, menos desenvolvidas que as das áreas em volta, são o principal alerta. As plantas sob severo ataque da praga, em geral, apresentam necroses de raízes, menores massas de radículas, de folhas e de frutos que as plantas não atacadas.

Entretanto, baixos níveis de produtividade, podem ser devidos aos nematoides. Portanto, a confirmação definitiva da presença de nematoides requer amostragem de solo e raízes e análises laboratoriais. Deve-se percorrer a área, para coletar amostras simples de solo e raízes em um balde, com auxílio de um enxadão, nas reboleiras em que as plantas apresentem os mesmos sintomas. A seguir, misturar bem e formar uma amostra composta de aproximadamente um litro de solo e 100 gramas de raízes. Acondicionar em um saco plástico, fechar, identificar e enviar o mais rápido possível para um laboratório de nematologia. A partir do conhecimento da distribuição de uma dada espécie do nematoide presente em uma área é que se poderá adotar um programa de manejo. 

A confirmação definitiva da presença de nematoides numa plantação requer amostragem de solo e raízes e análises laboratoriais



ARYSTA INICIA 2010 COM NOVO CEO

Wayne Hewett acaba de assumir como novo presidente e CEO da Arysta LifeScience Corporation. Como parte do já anunciado plano de sucessão de executivos, Hewett substituiu Chris Richards, que assumiu a presidência do Conselho Executivo da Companhia. “A Arysta LifeScience está muito bem preparada para aproveitar as inúmeras oportunidades de crescimento”, comenta Hewett.



Wayne Hewett

MONSANTO CELEBRA RECORDE DE PROJETOS

A Monsanto Company, cujo CEO é Hugh Grant, anunciou no início de janeiro avanços importantes no desenvolvimento de novas pesquisas em biotecnologia, voltadas às culturas do milho, algodão, soja e canola. Dentre os 11 projetos em andamento durante 2009 – um recorde na história da empresa –, estão os primeiros produtos que beneficiarão diretamente a dieta dos consumidores e dois dos maiores lançamentos comerciais da companhia.



Hugh Grant

DOW COMEMORA PROGRAMA PORTAS ABERTAS

Ao finalizar as edições do Programa Portas Abertas do ano passado, a Dow AgroSciences recebeu 40 clientes finais das regionais do Sudeste e do Sul. “Durante as visitas, apresentamos quem somos, o que fazemos e principalmente como fazemos, quais são as nossas metas, bem como as tecnologias em desenvolvimento”, explica Fabiano Romero, especialista em desenvolvimento de mercado.



Dow AgroSciences

Fotos: Divulgação

SYNGENTA CRIA O PROJETO A PROVA F1

Os departamentos de marketing e vendas da Syngenta criaram um projeto inovador intitulado A Prova F1, que tem como objetivo promover a tecnologia Syngenta de Crop e Seeds por meio de um road show nos principais mercados de milho e soja do Brasil. Iniciado em janeiro, o Caminhão Tecnológico passará por 141 municípios para disseminar os conceitos desta ação por meio dos próprios colaboradores Syngenta de diversas áreas. Na foto, a equipe de concepção e gestão do projeto.



Equipe Syngenta

MUDANÇA DE SEDE PARA GERENTE COMERCIAL DA IHARA

O agrônomo Alessandro Gazzinelli assumiu em janeiro a gerência comercial da Ihara na região sul de São Paulo, leste do Paraná, Santa Catarina (com exceção do extremo oeste do estado) e norte do Rio Grande do Sul. O gerente de divisão comercial distrital já ocupava o cargo, porém atendendo os clientes do Mato Grosso e Rondônia. Gazzinelli é graduado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e pós-graduado em Gestão do Agronegócio pela FGV.



Alessandro Gazzinelli

DUPONT APRESENTA O PRÊMIO NO PR



Jorge Artuzi

A DuPont Brasil Produtos Agrícolas apresentou no Dia de Campo da Cooperativa C.Vale, em Palotina/PR, no mês passado, o seu

recém-lançado inseticida Prêmio. Desenvolvido com base na molécula Rynaxypyr, Prêmio reúne atributos que estão surpreendendo agricultores, técnicos, pesquisadores e distribuidores de agroquímicos em todo o mundo, segundo o coordenador de Desenvolvimento de Mercado da DuPont, Jorge Artuzi.

FMC TEM NOVOS INTEGRANTES NO MARKETING

A FMC Agricultural Products reforça sua equipe de marketing para atender a crescente demanda. A empresa passa a ter mais dois profissionais liderando a estratégia de marketing para produtos. Flávio Centola passa a ocupar o cargo de coordenador de Produtos Fungicidas e Kedilei Roncato Duarte assume a posição de gerente de Portfólio de Herbicidas.



Flávio Centola e Kedilei Duarte

A CRUZADA DO SINDA ILEGALIDADE

Quase 500 toneladas de defensivos falsificados, pirateados e contrabandeados já foram apreendidas

Até oito anos atrás, estimava-se que os defensivos ilegais – falsificados, pirateados ou contrabandeados – causassem prejuízos de R\$ 70 milhões a R\$ 100 milhões, entre perdas para as indústrias e para o Governo (em

impostos). Mas este número se aproxima de R\$ 500 milhões. Por isso, há alguns anos o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindag) iniciou, com o apoio das autoridades, uma ampla e exitosa cam-

panha contra os produtos ilegais. Em síntese, nos últimos oito anos, quase 500 toneladas de agrotóxicos ilegais foram apreendidas no Brasil. Há mais de 550 suspeitos respondendo a processos.

A Polícia Federal já deflagrou várias



AG CONTRA A



A Polícia Federal já deflagrou várias operações especiais para reprimir o comércio ilegal de agrotóxicos

operações especiais para reprimir o comércio ilegal de agrotóxicos. Incontáveis apreensões desses produtos têm ocorrido também pela ação das Polícias Civil, Militar, Rodoviária Federal e Estadual, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e Receita Federal nos principais estados produtores agrícolas do Brasil. O Ibama já aplicou mais de R\$ 11 milhões em multas a agricultores infratores.

A partir de 1998 foram realizadas as primeiras apreensões de agrotóxicos ilegais no Brasil, em pequenas quantidades, em poder de agricultores, em regiões próximas à fronteira do Paraguai – o chamado comércio formiga. Os agricultores atravessavam as fronteiras e adquiriam os produtos para uso próprio. Depois de 2000 este comércio cresceu levando as empresas a buscarem o apoio das autoridades para combater a prática ilegal, quando foi escolhido o Sindag como ponto focal, por estar em suas atribuições este perfil de ação. Foi criada, em 2001, a Comissão Contra os Agrotóxicos Ilegais, com a finalidade de coordenar as ações da campanha de

prevenção e combate ao uso e comércio de agrotóxicos ilegais. De 2001 a 2005 a campanha focou mais no trabalho de educação dos agricultores alertando que a aquisição e aplicação de defensivos agrícolas sem registro no Brasil era crime e os infratores poderiam ser punidos pelas autoridades brasileiras. A partir de 2005 o foco foi o trabalho das autoridades policiais e fiscalizadoras.

Riscos para todos — Os agrotóxicos ilegais têm origem desconhecida. Em muitos casos, a “fabricação” destes produtos não obedece aos rígidos padrões de segurança e sanidade. Por isso, os produtos contrabandeados e/ou pirateados oferecem riscos potenciais ao meio ambiente, ao trabalhador rural e ao consumidor de alimentos. Na Ásia, em fabriquetas de fundo de quintal, no Brasil e nos países vizinhos, há registros dessas fabriquetas. A falsificação de marcas de renome produzidas pela indústria nacional de defensivos é outra prática recorrente do crime organizado, incluindo a falsificação de bulas, rótulos, embalagens e outros itens. 

Como desconfiar? Tão perigosos quanto a falsificação de medicamentos para tratamento de saúde, a falsificação, a pirataria e o contrabando de agrotóxicos colocam em risco a saúde das lavouras, do consumidor de alimentos e do meio ambiente.

- Olho no preço: preço muito baixo é suspeito;
- Os “vendedores” não são credenciados;
- Exija nota fiscal e receituário agrônomo;
- Não acredite em histórias dando conta de que esse ou aquele produto é fabricado em outros países, mas igual aos usados no Brasil;
- Olho nas embalagens: sempre há margem para identificação de um produto falso. Em caso de dúvidas, consulte o fabricante do produto verdadeiro.

Como reconhecer?

Regiões: os agrotóxicos ilegais são encontrados nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Minas Gerais, São Paulo, Tocantins, Piauí e Pará.

Embalagens: atenção ao idioma utilizado nos rótulos dos produtos: é o espanhol. As embalagens são do tipo sacos plásticos, metalizados ou caixas de papel cartão, com peso líquido aproximado de 10 gramas a 200 gramas.

Culturas agrícolas: as mais visadas são soja, milho, arroz, trigo, algodão e frutíferas.

Como denunciar sem medo?

A campanha nacional contra os agrotóxicos ilegais mantém um serviço Disque-Denúncia, criado para dar suporte à ação das autoridades, que já recebeu quase 11 mil chamadas de denunciante nos últimos sete anos. O número é 0800-940-7030 e a ligação é gratuita. As denúncias são repassadas diretamente às autoridades policiais. As ligações do DD têm sido responsáveis pelos bons resultados da campanha. O DD não utiliza identificadores de chamada ou “binas” e não solicita ao denunciante que se identifique – a denúncia é anônima.

O MELÃO QUE FAZ JU

Luís Henrique Vieira

O Rio Grande do Norte já era reconhecido pelo cultivo de melão, afinal, é o maior estado produtor do país, com 165 mil toneladas/ano. No entanto, agora vislumbra um futuro ainda mais promissor para alguns produtores. Os 20 agricultores da comunidade de Pau Branco, integrantes da Cooperativa de Desenvolvimento Industrial Potiguar (Coodap), sediada em Mossoró, obtiveram uma certificação inédita para o melão no mundo – concedida pela Fair Trade Foundation, da Inglaterra, no fim de 2009. E reitera-se: nenhum outro melão do planeta desfruta desta certificação.

Fair trade, ou “comércio justo”, é uma certificação emitida por alguma organização ligada à International Trade Association, que possibilita a exportação

de produtos agrícolas de países em desenvolvimento para países desenvolvidos com um preço diferenciado para melhor. Entre os pré-requisitos para receber esta certificação estão a utilização da agricultura orgânica, a prática do preço justo e o não uso do trabalho escravo, de crianças ou barato, e visar sempre à sustentabilidade econômica e ambiental.

O valor pago ao produto comercializado fica muito acima do praticado dentro do Brasil. Na exportação para a Inglaterra, o produtor potiguar recebe o dobro do que ganharia no Brasil, ou R\$ 1 pelo quilo. Quem paga a diferença é o consumidor consciente, que se dispõe a desembolsar mais ao saber que a diferença vai beneficiar os pequenos. Na gôndola do supermercado brasileiro o melão é comercializado a R\$ 2,50/quilo,

enquanto os dois supermercados ingleses que se beneficiaram com o certificado, Asda e Morsons, vendem a 2,50 euros ou R\$ 7 por quilo.

A região não era capacitada, nem tinha recursos para agricultura irrigada. O Sebrae/RN investiu R\$ 70 mil para possibilitar a certificação e a prefeitura de Mossoró entrou com R\$ 7 mil. Como contrapartida à prefeitura, a cooperativa se comprometeu a investir 10 centavos de dólar de cada quilo vendido de melão em projetos sociais no município. Outro compromisso é comprar microcomputadores com acesso à internet para uso da comunidade. De quebra, foram exportadas 250 toneladas de melão para o Reino Unido em dezembro.

O Sebrae/RN capacitou os agricultores da região, que em média possuem cinco hectares de propriedade cada. Segundo Ubiratan Carvalho, um dos produtores e gerente de negócios da Coodap, o apoio do Sebrae foi essencial, com feiras, capacitações e acesso a mercados. “O apoio foi importante principalmente em termos de conhecimento. Aprendemos a gerir e a melhorar a qualidade dos nossos produtos através da fruticultura irrigada. Aprendemos também o que é sustentabilidade”, afirma Carvalho.

Para o transporte do melão, o trabalho de logística é feito por uma empresa inglesa de *trading* e custeado pela fundação Fair Trade. As frutas saem do porto de Natal e seguem de navio em contêineres refrigerados. Apesar do longo período de transporte, de 15 dias, isso não chega a afetar a qualidade do produto. Após fazer visita aos clientes



Ubiratan Carvalho é um produtor associado da Coodap e um dos beneficiados com o certificado

STIÇA AO PRODUTOR

da Inglaterra, a presidente da Coodap e também produtora, Maria do Socorro, confirmou a qualidade do melão nas prateleiras dos supermercados. “A fruta chegou lá com perfeição e a viagem foi muito linda. Parecia um sonho”, contou. Ela credita boa parte desse rendimento ao que foi ensinado nas capacitações. “Tomamos uma série enorme de cuidados. É feito o tratamento pós-colheita e um rigoroso processo de seleção, evitando o envio de frutas com pancadas ou arranhões, aspectos que podem comprometer a qualidade das outras frutas”, explicou.

O antes e o depois — De acordo com Maria, a situação da pequena comunidade de Pau Branco era muita sé-

ria antes da certificação, no fim do ano de 2008. A cooperativa encontrava-se no vermelho. Em função da crise mundial, alguns produtores tiveram que parar a produção porque não conseguiam vender. Ainda em 2009, a Coodap começou a exportar para a Holanda. Agora, com o certificado e exportando em grande quantidade para a Inglaterra, o cenário mudou completamente. “Com a exportação eu acredito que muita gente que foi para o sul volte para Mossoró. Muita gente deixou de plantar nos últimos anos para trabalhar na construção civil. Agora vale a pena voltar”, disse a presidente da cooperativa.

Na Inglaterra, todos os produtos certificados como “comércio justo” são

embalados com informações a respeito das comunidades de onde eles vieram e como eles são produzidos, o que poderá ajudar os produtores de Pau Branco no futuro. Do outro lado do Atlântico, o resultado também é comemorado. “O certificado de comércio justo vai dar muito acesso para o pequeno agricultor brasileiro ao mercado britânico. Antigamente isso era visto como impossível. O comprometimento das redes significa que os consumidores estão satisfeitos”, afirma Harriet Lamb, diretor-executivo da Fair Trade Foundation. De acordo com a organização, o contrato provavelmente deve se expandir até 2012 devido à alta aprovação dos consumidores ingleses ao melão brasileiro. 

Expoagro Afubra 2010

A maior feira do Brasil voltada à agricultura familiar.



3, 4 e 5 de março

BR 471 - Km 143 Rincão del Rey - Rio Pardo / RS

Informações:

(51) 3713-7700 - www.afubra.com.br

Patrocínio:



Apoio:

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



Entrada
gratuita
Venha participar!

ESSA REALIDADE VAI DURAR?

Nos últimos 40 dias do ano de 2009, os argentinos testemunharam incrementos nos valores do gado, com aumento de 25% para vacas para cria e de até 45% nas categorias indicadas para o abate. Também houve melhoras de cerca de 30% para novilhos e vacas destinados à exportação e para carneiros e carneiras de inverno. A dúvida é: até quando esses preços serão praticados? Inicialmente, não parece possível que um setor da economia usufrua de uma melhora substancial em sua produtividade com uma política econômica intervencionista como a aplicada na Argentina.



Fotos: Divulgação

PERDAS COM AS CHUVAS

Depois de tanto esperar pelo término de 12 meses de seca, agora o setor produtivo vê alarmado os excessos do El Niño em boa parte das principais regiões produtivas da Argentina. O problema é que as chuvas torrenciais se generalizaram a partir de novembro e há zonas alagadas no coração do Pampa Umido. A Associação Argentina de Consórcios Regionais de Experimentação Agrícola (Aacrea) comunicou que as áreas de soja intermediárias e tardias semeadas no fim de novembro e durante dezembro serão totalmente perdidas em muitos campos no sul de Córdoba, sul de Santa Fé e noroeste de Buenos Aires. As lavouras que não estão nas zonas alagadas aparecem pálidas, amareladas e com plantas baixas pela falta de dias ensolarados. Essa situação mostra que é essencial manter as discussões e buscar soluções sobre as mudanças climáticas, já que essa realidade afeta a produção mundial de alimentos.

MERCADO FIRME

Em janeiro iniciou um período-chave para os produtores de leite. É o mês em que terminaram as compensações outorgadas pelo Governo e o próprio mercado deverá ficar encarregado de manter os preços pagos ao produtor, pelo menos, nos níveis atuais. Tudo indica que certas circunstâncias em torno da atividade devem permitir deixar de lado o suporte oficial sem que se repitam fatos traumáticos de um passado recente da cadeia leiteira argentina. As razões para essa aparente tranquilidade estão na percepção de que não há excesso de leite no mercado. Claramente, há mais intenção de negócios do que volume de matéria-prima, uma capacidade industrial ociosa e uma redução estacional da produção. Todos esses fatores devem significar preços firmes.



TRIGO

A safra do cereal não deve passar das 7,5 milhões de toneladas, e as possibilidades de exportação seguem seriamente limitadas. A persistência do intervencionismo faz com que muitos produtores pensem em buscar alternativas para o trigo no inverno de 2010.

SOJA

No começo de janeiro, o plantio já ocupava em torno de 90% dos 19 milhões de hectares estimados. Na mesma época, apareceram os problemas resultantes das fortes chuvas. Segue a expectativa dos produtores sobre as produtividades que serão obtidas.

LEITE

Em dezembro, os preços aumentaram em torno de 10% em comparação com novembro. Os compradores do oeste bonaerense gratificam os produtores com contundência, já que, semana após semana, cresce o interesse da indústria e cada litro de leite “vale ouro”.

CARNE

Os preços em alta são consequência de uma produção em declínio devido à última seca que afetou o país. O temor é de que essa realidade também deva impactar negativamente as exportações de carne.

A BATALHA CONTINUA

O ano de 2009 foi marcado por uma série de conflitos entre os ruralistas e o Governo argentino. Convocados pela Mesa de Enlace (entidade que reúne as principais associações de produtores), homens do campo de diferentes regiões do país foram até Buenos Aires no mês de dezembro para manifestar suas opiniões. Eduardo Buzzi, presidente da Federação Agrária Argentina, ensaiou uma equação econômica. “O resultado da política Kirchner é menos trigo, menos leite, menos vacas, menos fretes e menos trabalho para todos”, disse o dirigente. O presidente da Sociedade Rural Argentina, Hugo Biolcati, avisou que “é preciso manter a pressão e recordar aos legisladores que assumiram um compromisso com o povo por um país melhor, mais republicano, mais federal”. Todos pedem a volta dos mercados de livre oferta e demanda e uma redução da pressão fiscal sobre o setor.

O SPD NO SEQUESTRO DE CARBONO

Josiléia Acordi Zanatta e Júlio Cesar Salton, pesquisadores da Embrapa Agropecuária Oeste

O Sistema Plantio Direto (SPD), iniciado no Sul do Brasil na década de 1970 com o principal objetivo de controlar a erosão hídrica, a partir de 1990 ampliou a área de aproximadamente 1 milhão de hectares para os atuais 25 milhões (Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha, 2009). Foi a solução encontrada para garantir a sustentabilidade da produção agrícola, que estava severamente comprometida pelas altas taxas de perda de solo verificadas, as quais foram reduzidas em mais de 90%, juntamente com a redução da contaminação dos recursos hídricos com sedimentos agrícolas.

Os benefícios ambientais promovidos pela adoção do SPD com qualidade, relacionados principalmente com a conservação do solo e da água e a redução das operações agrícolas, são relativamente bem conhecidos pelos agricultores no Brasil. Segundo o levantamento realizado pelo Rally da Safra 2009, 95% dos agricultores entrevistados, num total de 350, indicaram a conservação do solo como o principal motivo para a adoção do SPD, seguido

pelo aumento da produtividade e pela economia em relação a sistemas tradicionais citados por 65% e 21% dos entrevistados, respectivamente.

De fato, estes aspectos por si já seriam argumento suficiente para a utilização do SPD pelos agricultores. No entanto, ainda são confiados a este sistema a melhoria da qualidade do solo, prin-

cipalmente pelo aumento do estoque de matéria orgânica que se relaciona com o armazenamento de água, a capacidade de troca de cátions (CTC), a atividade biológica responsável pela reciclagem dos nutrientes no solo e também o sequestro de carbono, importante mecanismo na redução das emissões de gases de efeito estufa, responsáveis pe-



Fotos: Divulgação

Espécies volumosas como as de pastagem são culturas que proporcionam elevado aporte de resíduos vegetais ao solo

Tecnologia AGRIMEC maximizando a produtividade da sua lavoura

Carreta Graneleira

Força e resistência para transportar sua colheita com segurança e rapidez. Modelos com capacidade para 120, 140, 175 e 200 sacas.



Rolo Faca Arroeiro

Serve para acamar a palha do arroz, evitando o rebrote e a consequente disseminação do arroz vermelho, bem como, para decompor mais rapidamente os restos culturais da planta.



Plaina Niveladora Multilâminas

Com exclusivo conjunto de lâminas que faz duplo serviço em uma única operação: preparo mínimo do solo e aplainamento. Disponível em sete modelos conforme a potência do trator.



Distrito Industrial - Santa Maria - RS - (55) 3222.7710 - www.agrimec.com.br

las mudanças climáticas globais.

Neste contexto, a Embrapa Agropecuária Oeste vem conduzindo há 15 anos, em Dourados/MS, um experimento de campo com sistemas de manejo, destacando-se entre

eles o sistema plantio direto com lavoura e pecuária, que se chama de integração lavoura-pecuária. Na Tabela 1 verifica-se o incremento do carbono do solo (aumento do teor de matéria orgânica do solo, o MOS) nos sistemas em plantio direto em relação ao sistema com preparo do solo. O aumento do teor de carbono no solo é um indicador de qualidade ambiental.

Para formar a matéria orgânica do solo, o carbono na forma de CO_2 é retirado da atmosfera e, portanto, tem reflexo direto na redução da quantidade de gases causadores do efeito estufa. A taxa de acúmulo de carbono do SPD com lavoura foi de 0,21 tonelada de carbono/hectare/ano, o que corresponde à retirada de 11,5 toneladas de CO_2 /hectare da atmosfera no período de 15 anos. Quando este sistema é combinado com pastagem, as taxas de acúmulo de carbono no solo são significativamente maiores. Os sistemas integrados garantem a retirada anual de 2,4 toneladas de CO_2 /hectare.

Compensação — As mudanças no uso da terra no Brasil, entre 1975 e 1995, emitiram à atmosfera o equivalente a 46,4 milhões de toneladas de CO_2 ou 12,7 milhões de toneladas de carbono. A adoção do SPD tem capacidade de compensar esta emissão, se utilizado em substituição ao preparo convencional do solo. O tempo necessário para esta ação ainda pode ser reduzido pela melhoria da qualidade do SPD executado. Considerando que os atuais 25 milhões de

A partir de 2012 o plantio direto na palha poderá vir a ter os créditos de carbono gerados pelo acúmulo do elemento no solo comercializados



hectares em SPD no Brasil atingissem a taxa de sequestro de C mínima de 0,21 tonelada/hectare/ano, em três anos, as emissões prévias de CO_2 citadas anteriormente seriam totalmente neutralizadas, gerando a partir daí créditos de carbono.

Entretanto, este benefício parece estar comprometido quando se avalia a qualidade do SPD executado nas diferentes regiões do Brasil. A difusão do SPD de Norte a Sul do Brasil incorporou aspectos preocupantes com relação ao emprego cada vez mais comum de sucessão de culturas com baixa adição de resíduos e gradagens frequentes para incorporação de sementes ou calagem. Neste caso, o SPD passou a ser sim-

plesmente a semeadura sem o revolvimento do solo, ignorando os seus princípios básicos que são a mínima mobilização do solo, rotação de culturas e cobertura do solo permanente (viva ou morta). Com base nos dados levantados pelo Rally da Safra 2009 verifica-se que a cobertura média do solo foi de apenas 33% na média das lavouras amostradas. Sendo este valor muito baixo, suscita-se a dúvida se realmente o SPD, que promove todos os benefícios mencionados, incluindo o sequestro de carbono no solo, está sendo adotado na sua plenitude pelos produtores.

O SPD com qualidade refere-se àquele sistema de manejo com mínima mobilização do solo e que inclui rotação de culturas, o que garante elevada adição de resíduos vegetais ao solo, cobrindo-o na maior parte do período. Os resíduos vegetais adicionados ao solo garantem os fluxos de carbono e energia no solo, fazendo com que a atividade biológica recicle e acumule

TABELA 1 — ESTOQUE E TAXA DE ACÚMULO DE CARBONO NO SOLO EM DIFERENTES SISTEMAS DE MANEJO

Sistema de manejo do solo	Estoque de carbono	Taxa acúmulo de carbono
	Toneladas/hectare	Toneladas/hectare/ano
Preparo convencional	52,1	—
Sistema plantio direto	55,3	0,21
Integração lavoura-pecuária (fase lavoura)	62,6	0,70
Integração lavoura-pecuária (fase pastagem)	61,7	0,64

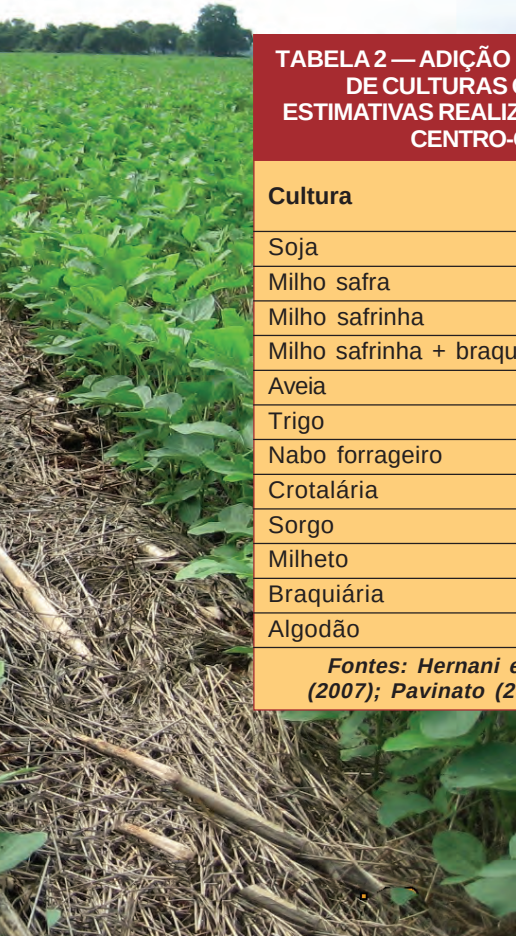


TABELA 2 — ADIÇÃO DE MATÉRIA SECA DE CULTURAS OBTIDAS EM ESTIMATIVAS REALIZADAS NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Cultura	Adição de MS (kg/ha/ano)
Soja	4.490
Milho safra	6.146
Milho safrinha	6.144
Milho safrinha + braquiária	9.776
Aveia	2.850
Trigo	2.130
Nabo forrageiro	4.220
Crotalária	4.415
Sorgo	6.564
Milheto	6.000
Braquiária	13.450
Algodão	4.800

Fontes: Hernani et al. (1995); Ceccon (2007); Pavinato (2009); Zanatta (2009)

nutrientes no solo que serão posteriormente disponibilizados às culturas em sucessão.

O conteúdo de matéria orgânica no solo geralmente é o atributo do solo que indica o rumo do sistema à sustentabilidade ou à degradação. A matéria orgânica foi escolhida como atributo indicativo da qualidade do solo devido à estreita relação desta com as propriedades químicas, físicas e biológicas do solo e por ser de fácil análise e interpretação. Estudos indicam que no Sul do Brasil, para manter os estoques de matéria orgânica no solo sob SPD e garantir os benefícios deste sistema, é necessário adicionar 5,4 toneladas de carbono por hectare ao ano. Como o carbono representa apenas 40% da composição dos resíduos vegetais, isto equivale à necessidade anual de aporte de 13,5 toneladas de matéria seca de resíduos vegetais. Para o sistema de preparo do solo com revolvimento, este valor seria de 21 toneladas/ha/ano.

Como estes valores são dependentes do clima, observa-se que na Região Centro-Oeste a necessidade de adição de resíduos para manter os estoques de

matéria orgânica no solo sob SPD é maior, aproximadamente 6,3 toneladas de carbono por hectare ao ano, ou seja, 16 toneladas de resíduos vegetais. É possível atingir estes níveis de adição de resíduos na região e quais combinações de culturas são necessárias para atingir este valor? Na Tabela 2 tem-se a adição média das culturas mais empregadas na Região Centro-Oeste. A este valor pode-se acrescentar entre 20% e 30% sobre o valor para adição pelas raízes. To-

davia, fica evidente que a simples sucessão de soja no verão combinada ao trigo, ou à aveia, ou ao sorgo, ou ao milheto, não é capaz de manter os estoques de matéria orgânica do solo devido à baixa adição de resíduos vegetais. É preciso planejar rotações de culturas que visem não somente à produtividade das culturas, por meio da sanidade dos cultivos e da ciclagem de nutrientes, mas também esquemas de rotação que maximizem a adição de resíduos vegetais.

Outro fator que preocupa é o uso frequente da grade de discos para práticas como a semeadura de culturas de inverno e a incorporação superficial do calcário. Ambas as situações são injustificáveis sob o aspecto de técnica de cultivo. O uso da grade, ainda que superficial, afeta diretamente a camada de solo que ar-

mazena as maiores quantidades de carbono (0-5 centímetros) no SPD. A grade promove a ruptura de agregados, expõe o carbono lábil anteriormente protegido do ataque microbiano, permitindo que os fluxos de CO₂ sejam exponencialmente aumentados. Em Cruz Alta/RS, Pes (2009) verificou que, em apenas 21 dias, 65% do carbono adicionado pelos resíduos vegetais retornaram à atmosfera pelo uso da grade. Com isto, o potencial do sequestro de carbono no solo em plantio direto será tanto menor quanto maior a frequência com que o solo sofre perturbações externas.

O SPD, a partir de 2012, poderá vir a ter os créditos de carbono, gerados pelo acúmulo deste elemento no solo, computados e comercializados. Portanto, deve-se trabalhar para garantir um SPD de qualidade não somente pelo aspecto econômico, mas também pelos ganhos ambientais que esta técnica pode representar. Não se deve esquecer que o aumento da temperatura média global poderá promover reduções bastante significativas na produção agrícola nacional. Contribuir para a mitigação deste fenômeno pelo uso do SPD com qualidade não acarretará maiores custos de produção, mas poderá preservar o futuro das safras agrícolas do país. 



Segundo Josiléia, o conteúdo de matéria orgânica geralmente é o atributo do solo que indica o rumo do sistema à sustentabilidade ou à degradação

AÇÚCAR E ÁLCOOL

ETANOL DEIXA DE SER COMPETITIVO EM SÃO PAULO

Fábio Rübenich - fabio@safras.com.br

O preço do álcool combustível (etanol hidratado), na semana de 3 a 9 de janeiro, segundo levantamento da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), ficou em R\$ 1,842 por litro na média no Brasil, disparando 3,77% na comparação com o patamar da semana anterior, de R\$ 1,775 por litro, entre 27 de dezembro e 2 de janeiro. Em São Paulo, o etanol subiu para R\$ 1,767 por litro, em média, entre 3 e 9 de janeiro, ante R\$ 1,670 na semana anterior, disparando no comparativo semanal 5,8% e assim deixando de ser mais vantajoso que a gasolina, cujo preço na semana foi de R\$ 2,481 o litro, segundo a ANP. O fato é inédito na história recente brasileira e dificilmente haverá uma redução nos preços do etanol, pelo menos até o início da safra, entre abril e maio.

A diminuição da adição à gasolina a partir de fevereiro poderá atenuar a pressão de demanda pelo etanol. Conforme

Preço do açúcar no interior de São Paulo

(R\$/saca de 50 kg)

julho	41,37
agosto	44,61
setembro	54,68
outubro	56,95
novembro	56,02
dezembro	57,77
janeiro	68,86

o último relatório de acompanhamento de safra da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica), até 1º de janeiro, o volume de cana moída havia crescido 5,95% no Centro-Sul, na comparação com o mesmo período do ano anterior, atingindo 496,987 milhões de toneladas. Já a produção de açúcar cresceu 8,21%, totalizando 27,42 milhões de toneladas. A produção de etanol, no entanto, recuou 6,88%, atingindo 21,504 bilhões

de litros, contra 22,092 bilhões de litros no mesmo período anterior, devido à queda de 27,56% na produção de anidro, enquanto a de hidratado aumentou 4,97%, chegando a 15,7 bilhões de litros. Segundo a Unica, o crescimento da moagem na segunda quinzena de dezembro em relação ao mesmo período de 2008 é resultado de um elevado número de usinas que processaram cana nesse período, o que é atípico.

ALGODÃO

PREÇOS INICIAM 2010 EM ALTA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

Os preços do algodão em pluma mantiveram a tendência de alta nas primeiras semanas de 2010. A aceleração do indicador interno foi mais aguda, claro sinal da consistência do suporte do algodão em seus fundamentos. Aqueles compradores com necessidade imediata da pluma estiveram mais flexíveis às pedidas de produtores, levando a uma forte alta na semana. Boa parte dos vendedores, em posição confortável, manteve-se retraída e observando o cenário para fibra nacional e internacional. Nos primeiros quinze dias de janeiro, a média de preço do algodão saiu da casa dos R\$ 1,36/libra-peso para o intervalo dos R\$ 1,40 até R\$ 1,41/libra-peso. Com isso, a média parcial de janeiro, R\$ 1,37, já é 2,71% superior ao mês de dezembro de 2009. O relatório de janeiro de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), divulgado dia 12, estimou a produção norte-americana

Média dos preços do algodão em pluma

(R\$/@ CIF São Paulo Pgto. 8 dias)

julho	39,07
agosto	38,71
setembro	38,52
outubro	39,99
novembro	41,49
dezembro	44,22
janeiro	46,00

de algodão em 12,40 milhões de fardos para a safra 2009/2010, ante 12,59 milhões no relatório anterior. As exportações em 2009/2010 foram previstas em 11 milhões de fardos, mesmo volume do relatório passado. O consumo interno do país foi mantido em 3,40 milhões de fardos em 2009/2010. Baseados nas estimativas de produção, exportação e consumo, os estoques finais norte-america-

nos foram previstos em 4,30 milhões de fardos para a temporada 2009/10, contra 4,50 milhões no relatório anterior. O USDA estimou a produção global de algodão em 102,71 milhões de fardos para 2009/10. As exportações mundiais de algodão foram estimadas em 33,66 milhões de fardos para 2009/10. A estimativa para o consumo mundial é de 114,36 milhões de fardos para 2009/10.

SOJA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

TRANSGÊNICOS AVANÇAM BEM NO BRASIL

O novo levantamento para a safra 2009/10, realizado em todo o país por Safras & Mercado, desta vez identificou junto aos produtores brasileiros um bom avanço na utilização de variedades geneticamente modificadas. De acordo com o relatório, de uma área total cultivada no país de 23,044 milhões de hectares, segundo a estimativa divulgada na última publicação de 2009, 15,688 milhões foram semeados com soja Roundup Ready, resistente ao herbicida glifosato, ainda a principal variedade transgênica de soja cultivada no mundo. A representatividade da transgenia no setor é de 68%, contra os 59% revisados da safra passada, que envolveram 12,806 milhões de hectares. Esse incremento de 9 pontos percentuais sobre o ano que passou foi significativo e com perfil bastante diferente do observado na safra passada. Naquele momento pesaram alguns fatores negativos, e o avanço da soja transgênica no país foi de apenas 3 pontos percentuais, desde os 56% de 2007/08.

Avaliando a evolução do processo, é possível observar o avanço consistente na utilização da tecnologia no Brasil, tanto anteriormente, como depois da libe-

Soja em Cascavel/PR (R\$/60 kg)	
julho	47,47
agosto	47,76
setembro	46,69
outubro	45,97
novembro	45,28
dezembro	42,70
janeiro	41,31

ração oficial do uso comercial dessas variedades em 2005. E desta vez voltando a ganhar ritmo. Se tomarmos a safra 2003/04 como referência, que foi a primeira com levantamento realizado por Safras, o aumento da área já está em 460% sobre os 2,800 milhões de hectares semeados com variedades GM naquele ano, quando a representatividade ainda estava em 13%.

Com isso, lentamente o processo de avanço da biotecnologia vai acontecendo no país, seguindo a corrente observada em todo o mundo. O levantamento realizado pelo International Service for the Acquisition of Agri-biotech Applications (ISAAA) indicou que a área

semeada com grãos transgênicos já havia atingido 125 milhões de hectares em 2008, experimentando novo crescimento em 2009. Com a liderança dos EUA, seguido da Argentina e do Brasil, já são agora 25 países adotando os diversos tipos dessas tecnologias. Na Europa, onde as restrições ao consumo de produtos transgênicos são maiores, já existem cultivos oficialmente liberados na Eslovênia, Polônia, Romênia, República Tcheca, Alemanha, Espanha e Portugal. Na soja, o levantamento apontou participação próxima de 65% da área total cultivada em 2008, com esse montante devendo ter subido para cerca de 70% em 2009.

É TEMPO DE PRODUZIR

USE PROSOLO. O PRIMEIRO INSUMO DA SUA LAVOURA.

PROSOLO

O calcário da Mônica.

0800 9794962

MILHO

INÍCIO DE ANO COMERCIAL 2010/2011 PRESSIONADO

Arno Baasch - arno@safras.com.br

O mercado brasileiro de milho tende a iniciar o ano comercial 2010/11, a partir de fevereiro, bastante pressionado. De acordo com o analista de Safras & Mercado Eduardo Sarmiento, a existência de bons volumes de milho da safra velha no país, que ainda precisam ser escoados para ceder espaço à entrada da safra nova de milho e soja, deve favorecer um cenário baixista para os preços do cereal no mercado interno. Prevista para iniciar na maioria dos estados produtores a partir de fevereiro, a colheita deve contribuir para manter os compradores afastados do mercado, à espera de cotações mais baixas para o cereal. “O ritmo de negócios tende a ser lento, apenas com compras pontuais até fevereiro”, relata.

Sarmiento afirma que no cenário exportador o Brasil ainda apresenta um câmbio muito desfavorável, o que tende a manter o ritmo de negócios

Média dos preços do milho	
(R\$/saca 60 kg – Centro-Sul)	
julho	18,13
agosto	16,91
setembro	16,57
outubro	18,73
novembro	21,80
dezembro	16,67
janeiro	16,93

bastante lento, a menos que o Governo intervenha no mercado com a realização de leilões. “Havia uma sinalização para janeiro, mas ao que tudo indica somente após a metade de fevereiro a política de apoio à comercialização pode ser retomada”, comenta.

Além disso, as previsões de safra muito favoráveis em países como Estados Unidos e Argentina, por

exemplo, tendem a contribuir para uma redução dos preços no cenário internacional, dificultando ainda mais as exportações brasileiras, bem como a sustentabilidade dos preços internos. “Talvez a melhor solução de momento seja o vendedor negociar o cereal agora, antes da colheita, pois o comprador tem em mente que o preço tende a cair ainda mais daqui para frente.”

CAFÉ

PRODUTORES CONTESTAM SAFRA RECORDE

Fábio Rübenich - fabio@safras.com.br

A primeira estimativa da produção de café (arábica e conillon) da safra 2010 da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) aponta que o Brasil poderá colher entre 45,89 milhões e 48,66 milhões de sacas de 60 quilos. Se confirmado o intervalo superior, esta será a maior colheita da história, superando em 0,37% a do ciclo 2002/03, que foi de 48,48 milhões de sacas. A nova projeção, em relação às 39,47 milhões de sacas produzidas no ano passado, mostra um crescimento entre 16,3% e 23,3%. “O principal motivo do incremento é a bionalidade positiva da cultura, com ocorrência de colheita cheia”, apontou a Conab. “Outro fator a favor na temporada atual é o regime de chuvas regulares na primavera, coincidindo com a fase de floração nas regiões produtoras”, segundo o levantamento.

Os cafezais devem ocupar uma área produtiva de 2,101 milhões de hectares, com aumento de 3,9% sobre a safra de

Preço para bica corrida do sul de Minas	
(Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/saca de 60 kg)	
julho	243,30
agosto	254,81
setembro	254,50
outubro	262,71
novembro	272,30
dezembro	282,30
janeiro	281,50

2009, que foi de 2,092 milhões. A expansão se deve ao acréscimo de 8,2 mil hectares que estavam em formação no período anterior. Minas Gerais também concentra a maior plantação, com 1 milhão de hectares (48% do total). A pesquisa de campo foi realizada no período de 23 de novembro a 4 de dezembro. O estado brasileiro de maior destaque, em termos quantitativos, é Minas Gerais, que neste ano tem variação positiva entre 16,7% e

24,4% (de 3,32 milhões a 4,85 milhões de sacas). O Conselho Nacional do Café (CNC), em nota assinada por seu presidente, Gilson Ximenes, sugeriu “cautela ao se fazer determinado tipo de comentário sobre o tamanho da safra”. O CNC acredita que o intervalo superior da estimativa não será alcançado, “uma vez que nossos cafezais não receberam os tratos culturais adequados devido à descapitalização da maioria dos produtores”.

ARROZ

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

PREÇOS MANTÊM-SE SUBINDO NO BRASIL

O plantio da lavoura orizícola do Rio Grande do Sul está praticamente encerrado. Foi um período de plantio incomum, especialmente para aqueles produtores que semeiam mais tarde. O cenário de pesadas precipitações que iniciaram na primavera e se estenderam até o verão prejudicou os trabalhos. Ainda havia em meados de janeiro agricultores em plantio e até mesmo efetuando replantio, especialmente nas áreas atrasadas e/ou onde as adversidades climáticas foram mais severas. Nesse sentido, assim como no Uruguai, alguns preferiram não plantar a arriscar a semear fora da janela recomendada. Essa situação deve levar a uma redução de área em relação à expectativa inicial, assim como a produtividade nas áreas atingidas, principalmente na região central do estado do Rio Grande do Sul. Segundo avaliação da Emater/RS, de maneira geral, a situação da lavoura de arroz é boa, com umidade e insolação adequadas. As reservas de água são excelentes na grande maioria das zonas de produ-



julho	27,82
agosto	27,06
setembro	27,78
outubro	27,72
novembro	26,55
dezembro	26,55
janeiro	30,20

ção. A lavoura já apresenta 9% da área do estado em floração.

Os negócios seguem acontecendo na ausência de leilões. Nesse sentido, os preços continuam subindo no mercado interno. A média do Rio Grande do Sul, para a saca de 50 quilos, encerrou a semana de janeiro negociada a R\$ 31,55, com alta acumulada, ao longo da semana, de aproximadamente 4%. Os preços seguem pressionados pela recuperação das cotações in-

ternacionais bem como pela expectativa de redução da oferta dentro do Mercosul. No Uruguai, os arrozeiros receberão US\$ 11,77, como preço provisório, pela saca de 50 quilos, conforme o valor acertado na Assembléia Anual Ordinária da Asociación Cultivadores de Arroz (ACA). Os cultivadores de arroz já têm creditados em suas contas os US\$ 11,77 a cada saca de arroz em casca, como preço provisório da safra passada.

TRIGO

Juliana Winge - juliana.matte@safras.com.br

MERCADO SEGUE NA DEPENDÊNCIA DE PEP

O mercado interno de trigo segue de lado, com negócios apenas pontuais, que ocorrem apenas devido à necessidade de alguns produtores de fazer caixa. No geral, praticamente não existe interesse de compradores e vendedores em comercializar pelos referenciados do mercado privado, ainda mais na iminência da ocorrência de mais um leilão de PEP. No Rio Grande do Sul a indicação nominal continuava em meados de janeiro a R\$ 410/t, enquanto no interior do Paraná era de 470/t.

Do lado do vendedor, o interesse pelo PEP ainda é alto, pois, para ele, a rentabilidade oferecida é mais atrativa. Para termos uma ideia, tomando como base o trigo pão tipo 1, o preço mínimo é de R\$ 530/t. Pela paridade de importação para competir com o trigo hard norte-americano no abastecimento dos moinhos paulistanos, o produtor paranaense teria que vender seu produto a R\$ 461/t. Já para fazer frente ao trigo argentino, o preço FOB interior do Paraná seria de R\$ 454/t. No lado



julho	533,91
agosto	496,24
setembro	468,10
outubro	477,37
novembro	474,50
dezembro	473,50
janeiro	470,00

do comprador, a aquisição via PEP também é vantajosa, pois o moinho que pagar R\$ 530/t pelo trigo pão ao produtor do Paraná receberá um prêmio de R\$ 94/t. Assim, após o pagamento do prêmio, o preço FOB interior do estado seria de R\$ 436/t, ou seja, inferior à paridade com o produto argentino. Esses números voltam a justificar a inexistência de comercialização extra-PEP. Pelo menos 30% do trigo produzido no Brasil na safra 2009/10, cuja co-

lheita terminou em dezembro, será transformado em alimento para frangos e suínos em outros países. Segundo estimativas conservadoras, o excesso de chuvas no segundo semestre do ano passado no Sul deteriorou a qualidade de 2 milhões das 5 milhões de toneladas produzidas. Com o cereal abaixo dos padrões mínimos de processamento estabelecidos pelos moinhos brasileiros, o mercado de rações passa a ser uma forte alternativa de escoamento.



Váldimir Rezende

NEW HOLLAND APRESENTA COLHEITADEIRA DE DUPLO ROTOR

A New Holland apresentou no mês passado a sua colheitadeira de dois rotores, a nova axial CR9060, para os produtores de Chapadão do Céu/GO e região. A novidade, que antes era trazida da Bélgica, agora está sendo fabricada no Brasil, em Curitiba/PR. A máquina é destinada a produtores de grandes áreas que demandam

colheitadeiras axiais de alta produtividade. A colheitadeira é a primeira com duplo rotor já produzida e é considerada top de linha pela fabricante. “Esta máquina foi desenvolvida para atender uma demanda dos consumidores. Percebemos que eles necessitavam de maior qualidade de grãos. É isso que essa máquina oferece”,

afirma o gerente de Marketing da New Holland, Eduardo Nunes. Com a nacionalização, os produtores terão financiamento a juros mais baixos, por meio da linha de crédito da Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

COOPLANTIO FATURA 16% A MAIS

Apesar da conjuntura mundial conturbada do ano passado, a Cooplantio - Cooperativa dos Agricultores de Plantio Direto, encerrou o ano batendo a meta inicial de faturamento, ao atingir R\$ 340 milhões. O montante representa crescimento de 16% frente a 2008, quando somou R\$ 294 milhões. Nem mesmo a valorização do real, que reduz a competitividade brasileira para exportação, atrapalhou os resultados da cooperativa. Para 2010, as perspectivas são ainda mais positivas. Segundo o presidente Daltro Benvenuti, a estimativa é aumentar o faturamento em mais de 40%, chegando a R\$ 500 milhões. “Isto vai depender do comportamento da moeda norte-americana”, argumenta. Outro aspecto comemorado pelo dirigente foi a criação de novos postos de trabalho. “Há dois anos, tínhamos 22 funcionários. Agora, somos 122 colaboradores diretos”, relata.

SENAR/RS PREVÊ AUMENTAR EM 25% OS ATENDIMENTOS

Em 2010 o Senar/RS estará disponibilizando aos produtores 25 novos cursos gratuitos nas áreas de promoção social e qualificação profissional para as famílias rurais. Os treinamentos são voltados para fruticultura, bovinocultura, tecnologias de precisão e nutrição. As novas oportunidades devem aumentar em 25% a capacidade de atendimento do Senar/RS aos gaúchos. Para isso, 80 novos técnicos estarão sendo cadastrados como instrutores para atender aos treinamentos, totalizando 320 profissionais. Outro foco do Senar serão as atividades sociais, principalmente voltadas para a saúde da mulher do campo, além de atividades culturais, como o teatro itinerante no meio rural. A previsão é de que sejam realizados mais de 5 mil eventos no ano, entre atividades de formação e promoção social, através dos mais de 180 cursos e treinamentos do Senar.



Divulgação

ALL INVESTE R\$ 100 MI PARA SAFRA 2010

A ALL—América Latina Logística deu início aos preparativos para o transporte da safra 2010. Os investimentos, avaliados em R\$ 100 milhões, começaram no terceiro trimestre de 2009 e contemplam aumento na capacidade de ativos, melhorias tecnológicas, incrementos em via permanente e adequação das linhas e infraestrutura. No Rio Grande do Sul, está prevista para o início de março a reativação do trecho operacional de Santa Rosa. Em 2009, foi concluída a primeira parte de uma linha de 900 quilômetros que liga a cidade de Giruá ao Porto de Rio Grande. Em Santos/SP, a empresa deve remodelar toda a linha principal da margem direita, além de realizar melhorias e aumento de capacidade nos terminais Copersucar, corredor de exportação e Terminal 39. Para possibilitar aumento de volume e ganhos de produtividade, as linhas do Terminal de Alto Araguaia terão seu layouts readequados. Será também construído um tombador, aumentando a capacidade de recepção da mercadoria.

PARCERIA ENTREGA PLANTADEIRAS SEMEATO

Uma parceria da prefeitura de Machadinho/RS com o banco Banrisul e a Semeato realizou o desejo de 12 agricultores felizes novos proprietários de semeadoras da empresa, entregues numa grande festa realizada na cidade com autoridades e a população. Os modelos adquiridos foram SAM 200 e SHM 11/13 Roto, por meio do Programa Mais Alimentos. Os integrantes da Semeato presentes ao evento foram Jeferson Pedro, representante de Vendas Trainee, Vagner Neuhaus, representante de Vendas, e Vanderlei Lírio, gerente de Vendas da Regional Sul. Segundo testemunho deles, foi emocionante ver a felicidade estampada nos rostos dos clientes, que se abraçavam, emocionados, pela conquista.



Divulgação

ANDEF LANÇA NOVO SITE



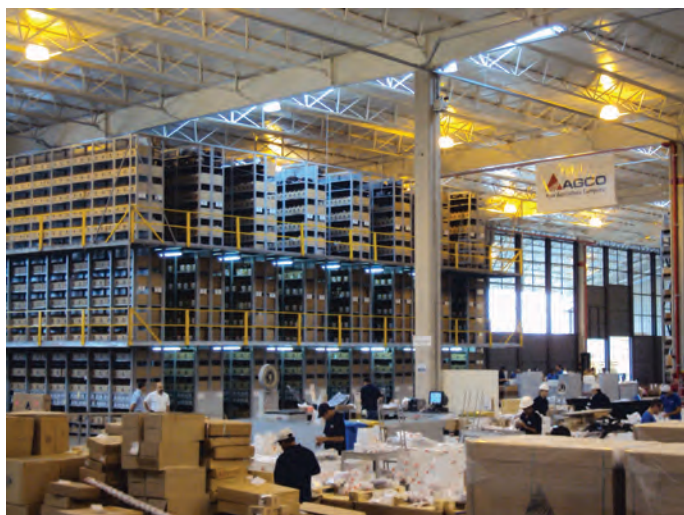
A Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) lançou sua nova *homepage* (www.andef.com.br). As mudanças não apenas concluem o projeto de reforma da identidade visual, iniciada em 2009 com a recriação da logomarca. O novo site reafirma a visão da Andef de pleno relacionamento com o público interessado em informações sobre defesa vegetal. Do ponto de vista do design, o destaque começa logo na página de introdução, inovadora no uso dos recursos de computação gráfica. As três folhas, características do logotipo da entidade, ganharam animação para enfatizar os temas prioritários na missão da Andef: ciência e inovação; educação e treinamento do homem do campo; e contribuir com a sustentabilidade. Recursos de internet foram incorporados para a melhor prestação de serviços aos usuários da rede. As mudanças organizaram as informações e facilitaram o acesso a novos conteúdos.

AGCO TEM NOVA UNIDADE DE NEGÓCIOS

Comprometida com a qualidade e a confiabilidade de suas peças, a AGCO conta com uma nova unidade de negócios em Jundiaí/SP: é a AGCO Parts, responsável

pela reposição de peças genuínas para todas as marcas do grupo. O grande Centro de Distribuição, com capacidade de estocagem de 80 mil itens, atendendo todas as

concessionárias das marcas Massey Ferguson, Valtra e Challenger da AGCO no Brasil, Américas do Sul e Central e Caribe. No total, são cerca de 375 pontos de venda no mercado interno e mais de 40 no externo. Conforme Uwe Kolbe, diretor da AGCO Parts, a novidade representa uma melhoria em logística para a agilidade no atendimento aos clientes. “Atendemos as necessidades de acondicionamento e transporte, que variam de acordo com as características de cada peça, contemplando toda a linha de tratores, colheitadeiras, *sprayers*, pulverizadores e retroescavadeiras das marcas AGCO”, explica Kolbe.



Divulgação

ANOTE AÍ

O 15º Dia de Campo Copercampos, dias 9, 10 e 11 de março, em Campos Novos/SC, apresentará novidades e informações do agronegócio a produtores, clientes e visitantes de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Paraguai. A difusão de tecnologias é um dos principais objetivos do evento que deverá receber mais de 8 mil pessoas. O Campo Demonstrativo, localizado às margens da BR-282, está recebendo investimentos para atender bem os visitantes e as empresas participantes. Informações (49) 3541-6079, marketing@copercampos.com.br e www.copercampos.com.br.

A quarta edição do Encontro Regional de Plantio Direto na Palha ocorre em Campinas/SP, na Rodovia Mario Batista Mori - SP 141, km 38, no dia 25 de fevereiro. Haverá palestras com o consultor Manoel “Nonô” Henrique Pereira, um dos precursores do plantio direto no Brasil, e também sobre a tecnologia de aplicação de defensivos no sistema plantio direto, a integração lavoura-pecuária no sudoeste paulista e as tendências mercadológicas para o agronegócio pós-crise, entre outras. Mas informações no link www.aptaregional.sp.gov.br/eventos e pelo telefone (15) 3251-4230.

A Expodireto Cotrijal, feira que ocorre de 15 a 19 de março, em Não-Me-Toque/RS, é um evento internacional de agronegócios, informações e tecnologia. Em 2010 serão cerca de 300 expositores e mais de 150 mil visitantes. As principais atrações são a exposição de máquinas e equipamentos e as oportunidades para realização de contatos para exportação, visto que muitos estrangeiros e empresas estarão presentes. Além disso, serão realizadas palestras sobre diversos assuntos relacionados à agricultura e pecuária. O evento é promovido pela cooperativa Cotrijal.

PETROBRAS VAI FAZER PESQUISA NA ANTÁRTIDA

A Petrobras fará pesquisas sobre o uso de biocombustíveis sob baixíssimas temperaturas na Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), da Marinha Brasileira na Antártida. Segundo Paulo Roberto Costa, diretor de abastecimento da companhia, a pesquisa vai testar o uso de biodiesel e etanol sob as situações de clima mais rigorosas do planeta. O acordo, que prevê investimentos de R\$ 3 milhões, terá duração de quatro anos e tem como objetivo a implantação de um novo sistema de recebimento de combustíveis “contínuo, rápido e seguro contra vazamentos” na EACF. Em contrapartida, a empresa vai realizar no local as pesquisas de combustíveis renováveis. De acordo com Costa, as pesquisas com combustíveis renováveis que serão realizadas na Antártida visarão, inicialmente, apenas ao uso no local, mas admite que nada impede que os produtos a serem desenvolvidos possam ser deslocados para outros mercados, como para aquecimento na Europa. “Mas vamos agora apenas iniciar os testes. Não há previsão de substituição dos combustíveis hoje usados lá para esses biocombustíveis”, afirmou.

Fotos: Divulgação



DELTA ENERGIA VAI INVESTIR EM RIO BRILHANTE/MS



Uma reunião em Campo Grande entre o governador do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli (foto), o prefeito de Rio Brilhante, Donato da Silva, o deputado federal Geraldo Resende (PMDB/MS), e representantes da Delta Energia resultou no anúncio da fábrica de biodiesel da empresa no município de Rio Brilhante. A Delta Energia pretende investir cerca de R\$ 25 milhões para

obter faturamento anual de R\$ 330 milhões, gerando 85 empregos diretos e 200 indiretos. “Os representantes afirmaram que o empreendimento deverá estar operando ainda este ano, já que o governador André Puccinelli se comprometeu a viabilizar, em tempo recorde, todas as condições de responsabilidade do Estado”, disse o deputado Resende. A área escolhida pela empresa deve ser de três ou quatro hectares.

EMPRESÁRIOS DO MT QUEREM MAIS TECNOLOGIA

O estado do Mato Grosso possui 17 empresas que geram biodiesel e todas utilizam gordura animal como principal matéria-prima. No entanto, segundo Marco Coelho, assessor do Sindicato das Indústrias do Biodiesel de Mato Grosso, um dos grandes problemas é que 80% do sebo produzido em MT vai para fora do estado. A questão dos impostos é dada como principal razão. “Mas isso ainda estamos discutindo para encontrar uma equação que seja boa para o estado, frigoríficos e produtores”, diz Coelho. Para Adriano Saies, proprietário da SSIL, empresa fabricante de biodiesel, as indústrias do setor ainda estão em desenvolvimento e demandam novas pesquisas, pois não há controle da tecnologia da produção. “É possível dobrar a produção apenas investindo em tecnologia”, promete Saies.

CEARÁ PROMETE MAIS DE R\$ 12 MI PARA BIODIESEL

Para incentivar o mercado de produção de oleaginosas, a Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado do Ceará promete investir R\$ 12,8 milhões no apoio à produção, beneficiamento, processamento e comercialização. Com isso, 31.824 agricultores serão beneficiados pelo programa, que só com o subsídio à comercialização fará um investimento em torno de R\$ 315 mil. Além disso, o Governo do Estado promete garantia de compra ao preço mínimo de R\$ 1 por quilo para mamona em baga e girassol. Segundo o secretário Camilo Santana, o Ceará é capaz de crescer bastante na área de produção de oleaginosas, como mamona, girassol e algodão, independentemente do produto final a que elas se destinem. “Nós apoiamos o programa porque acreditamos na potencialidade do estado em relação a esse tipo de produção”, justifica Santana.

CAMINHÕES DA LINHA WORKER DA VOLKS

A linha Worker da Volkswagen Caminhões reúne modelos de caminhões já consagrados por tudo aquilo que sempre oferecem ao mercado: veículos sob encomenda (*taylor made*) com baixo investimento inicial, versatilidade de aplicações, opções de motorização, ótimo valor de revenda e cabine confortável. Esta linha é composta por veículos que têm tradição e trazem responsabilidade de preservar o conceito Volkswagen Caminhões.

Volkswagen do Brasil - Rua Volkswagen, 291 - Jabaquara - São Paulo - CEP 04344-901 - www.vwcaminhoeseonibus.com.br



Fotos: Divulgação

NOVO SOPRADOR DA HUSQVARNA

Fabricado pela Husqvarna, o soprador de folhas manual 125BVx é um produto com conceito revolucionário que, além de economizar tempo com facilidade ao limpar o caminho coberto pelas folhas, substitui o uso da água nesse processo. O equipamento é fácil de manobrar graças à saída de ar alinhada à empunhadura, possui formato compacto, pouco peso, além de um kit adicional de aspiração com alta potência.



Husqvarna - Rod. Anhanguera, km 33 - Unidade Empresarial 12 - Fone: 0800 77 323 77 - www.husqvarna.com.br



TROPICAL FAZ A MAIOR PICAPE DO BRASIL

A F-MAXX, a maior picape do Brasil, é o quarto veículo fabricado pela Tropical Cabines. A principal diferença é a fabricação a partir do chassi do caminhão Ford Cargo 815e, agora podendo ser 0km. Anteriormente era sob chassi do caminhão Ford F-12.000, que foi descontinuado pela Ford. O interior é todo personalizado com

bancos, painel, forro e forração das portas nas cores bege e creme, seguindo padrões dos veículos americanos.

Tropical Cabines - BR 163, km 278,7 - Marechal Cândido Rondon/PR
CEP: 85960-000 - Fone: (45) 3254.2118
www.tropicalcabines.com.br

THECH DESENVOLVE O PROXITANE 1512-AL

Durante o processo de fabricação de fécula, polvilho, sagu e tapioca da matéria-prima mandioca, as possibilidades de contaminação duplicam, favorecendo o aparecimento de microrganismos, como os fungos. Há 13 anos no mercado, a Thech Desinfecção desenvolveu o Proxitane 1512-AL, produto biodegradável usado para prevenir a entrada de doenças que atacam os ambientes de beneficiamento.



Thech Desinfecção - Av. Fagundes Filho, 191 - Ed. Dallas - Cj. 142 - Vila Monte Alegre - São Paulo - CEP: 04304-010 - Fone: (11) 5581.0709 - www.thech.com.br



SISTEMA IRRIGA DA FOCKINK

A Fockink oferece o Sistema Irriga, pelo qual o produtor que adquirir pivôs da empresa não somente terá os equipamentos instalados, como também receberá, de forma gratuita, três anos de consultoria e assessoria técnico-científica completa para manejo de irrigação. O sistema consiste em uma determinação prática e eficiente de quando irrigar e quanto de água aplicar, também denominada de Programação de Irrigação.

Grupo Fockink - Avenida Presidente Kennedy, 3.280 - Panambi/RS - CEP 98.280-000 - Fone: (55) 3375.9500 - www.fockink.ind.br

AQUI, A MÁQUINA QUE VOCÊ PROCURA

Levantamento exclusivo da revista **A Granja**, por meio do Deper – Departamento de Pesquisa e Estatística Rural, lista os preços dos principais tratores e colheitadeiras do mercado de máquinas agrícolas. As informações são fornecidas pelas respectivas empresas

e/ou concessionárias com valores médios formados pelas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Os valores podem variar de acordo com a região, acessórios, tipos de pneus, etc. No caso de máquinas usadas, a variação também ocorre segundo o estado de conservação.



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
4100 4x2	15 cv	32.053	23.514	22.339	21.222	20.161	19.153	18.194	17.285	16.421	15.600	14.820
4100 4x4	15 cv	38.646	28.352	26.934	25.588	24.308	23.093	21.938	20.841			
4100 GLP4x2	15 cv	34.978	25.660	24.377								
4118 4x4	18 cv	41.790	30.658	29.127	27.669	26.285						
4230 4x2	30 cv	48.734	35.753	33.965	32.267	30.653	29.121	27.665	26.281	24.967	23.719	22.533
4230 4x4	30 cv	50.964	37.389	35.619	33.743	32.056						
4230 4 Cargo 4x4	30 cv	51.139	37.477	35.603	33.823	32.132						
5075 4x2	75 cv	84.067	64.272	61.058	58.005	55.105	52.350	49.732				
5075 4x4	75 cv	93.232	71.279	67.715	64.329	61.113	58.057	55.154				
5085 4x2	85 cv	91.462	69.926	66.430	63.108	59.953	56.955	54.108				
5085 4x4	85 cv	99.580	76.133	72.326	68.710	65.274	62.011	58.910				
BX 6110 4x4	105 cv	122.157	92.469	87.845	83.453	79.280						
BX 6150 4x4	140 cv	157.418	117.992	112.092	106.488	101.163	96.105	91.300	86.735	82.398	78.278	74.364
BX 6180 4x4	168 cv	172.852	129.560									

Case IH												
Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
Farmall 80 pla*	80 cv	87.116										
Farmall 80 cab*	80 cv	97.129										
Farmall 95 pla*	95 cv	93.124										
Farmall 95 cab*	95 cv	103.138										
Maxxum 110 pla*	110 cv	116.063										
Maxxum 110 cab*	110 cv	126.425										
Maxxum 125 pla*	125 cv	127.346										
Maxxum 125 cab*	125 cv	138.047										
Maxxum 135 pla*	135 cv	139.292										
Maxxum 150 cab*	150 cv	150.265										
Maxxum 165 pla*	165 cv	161.290										
Maxxum 165 cab*	165 cv	167.019										
Maxxum 180 pla*	180 cv	172.343										
Maxxum 180 cab*	180 cv	178.072										
MXM Maxxum 135 4x4 cab	137 cv		148.000	118.400	106.560	101.232	96.170	91.361	86.793	82.454	78.331	74.414
MXM Maxxum 150 4x4 cab	149 cv		165.000	132.000	125.400	114.130						
MXM Maxxum 165 4x4 cab	170 cv		181.000	144.800	137.560							
MXM Maxxum 180 4x4 cab	177 cv		198.000	158.400	150.480							
Magnum 220 4x4 cab	220 cv	249.937	199.950	189.952	180.454	171.431	162.860	154.717				
Magnum 240 4x4 cab	240 cv	291.483	233.186	221.527	210.450	199.928	189.931	180.435				
Magnum 270 4x4 cab	270 cv	309.039	247.231	234.869	223.126	211.969	201.371	191.302				
Magnum 305 4x4 cab	270 cv	350.000										



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
5303 4x2	57 cv	50.500	40.400	38.380								
5303 4x4	57 cv	55.300	44.240	42.028								
5403 4x2	65 cv	53.400	42.720	40.580								
5403 4x4	65 cv	63.200	50.600	48.100								
5403 4x2	75 cv			45.360	43.092	40.937	38.891					
5403 4x4	75 cv			51.300	48.700	46.290						
5600 4x2	75 cv							36.946	35.099	33.344	31.677	30.093
5600 4x4	75 cv							43.983	41.784	39.695	37.710	35.825
5603 4x2	75 cv	61.200	48.900									
5603 4x4	75 cv	72.800	58.240									
5605 4x2	75 cv	69.900	55.920	53.100	50.400	47.900	45.500	43.200				
5605 4x4	75 cv	75.700	60.500	57.500	54.655	51.900	49.300	46.800				
5700 4x2	85 cv							48.222				
5700 4x4	85 cv							51.750				
5705 4x2	85 cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.244	53.432	50.760				
5705 4x4	85 cv	88.000	70.400	66.880	63.536	60.359	57.341	54.474				
6300 4x4 Syncroplus	100cv							59.426	56.455	53.632	50.951	48.403
6300 4x4 Syncroplus/Cabinado	100cv							69.852	66.359	63.041	59.889	56.895
6300 4x4 PowerQuad	100cv							66.203	62.893	59.748	56.761	
6300 4x4 PowerQuad/Cabinado	100cv							67.203	63.843	60.651	57.618	
6405 4x4 Syncroplus	106cv					74.283	70.569	67.040				
6405 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv					87.315	82.949	78.802				
6405 4x4 PowerQuad	106cv					82.754	78.616	74.685				
6405 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv					92.921	88.275	83.862				
6415 4x4 Syncroplus	106cv					78.193	74.283					
6415 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv	114.000	91.200	86.640	82.308	91.911	87.315					
6415 4x4 PowerQuad	106cv	134.000	107.200	101.840	96.748	91.911	87.315					
6415 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv	127.000	101.600	96.520	91.694	87.109	82.754					
6600 4x4 Syncroplus	121cv	143.000	114.400	108.680	103.246							
6600 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv							76.243	72.431	68.809	65.369	62.101
6600 4x4 PowerQuad	121cv							87.795	83.405	79.235	75.273	71.510
6600 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv							82.597	78.467	74.544	70.816	
6605 4x4 Syncroplus	121cv							94.149	89.441	84.969	80.721	
6605 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv							73.110				
6605 4x4 PowerQuad	121cv					81.008	76.958	93.282	88.618	84.187		
6605 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv					87.759	83.371	93.759	89.044	84.187		
6615 4x4 Syncroplus	121cv					100.033	95.031	100.033	95.031	90.280		
6615 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv	132.000	105.600	100.320	95.304	90.538	86.012					
6615 4x4 PowerQuad	121cv	152.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044					
6615 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv	143.000	114.400	108.680	103.246	98.083	93.179					
7500 4x4 PowerQuad	140cv	163.000	130.400	123.880	117.686	111.801						106.211
7500 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv								89.387	84.918	80.672	76.638
									100.561	95.533	90.756	86.218

* crepeir optional

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
7505 4x4 PowerQuad	140cv					104.257	99.044	94.092				
7505 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv					117.289	111.424	105.853				
7515 4x4 PowerQuad	140cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744						104.257
7515 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	180.000	144.000	136.800	129.960	123.462	117.289					
7715 4x4	182cv	220.000	176.000									
7810 4x4 Importado	200cv								124.950			
7815 4x4 Importado	200cv				166.600							
7815 4x4	202cv	245.000	196.000									
8300 4x4 Importado	240cv											143.848
8400 4x4 Importado	260cv									167.777	159.389	151.419
8410 4x4 Importado	270cv						195.687	185.903	176.608			
8420 4x4 Importado	280cv			228.240	216.828	205.987						
8430 4x4 Importado	310cv	317.000	253.600									

Land Track

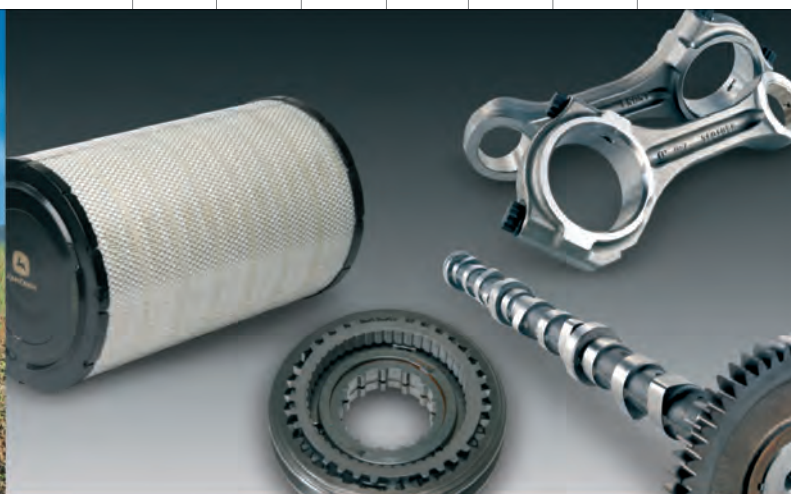
Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
LT 2804 YTO	28 cv	36.530										
LT 5504 YTO	55 cv	69.920										

Landini

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
Mistral DT 50 4x4	47cv	62.000	49.600									
Technofarm R60 4x2	58cv	62.800	50.240									
Technofarm DT 60 4x4	58cv	68.900	55.120									
Technofarm DT 75 4x4	68cv	77.000	61.600									
Rex DT 80 4x4	75cv	87.000	69.600									
Globalfarm 100 4x4	97cv	98.500	78.800									
LandPower 140 4x4 plat.	140cv	146.100	116.880	111.036								
LandPower 140 4x4 cab.	140cv	161.400	129.120	122.664								
LandPower 165 4x4 plat.	165cv	150.400	120.320	114.304								
LandPower 165 4x4 cab.	165cv	165.400	132.320	125.704								

Massey Ferguson

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
MF 235 4x2	50cv								27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x2	50cv								27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x4	50cv								30.085	28.580	27.151	25.794
MF 250 XE 4x2 Advanced	50cv	50.000	40.000	38.000	36.100	34.295	32.580	30.951				
MF 250 XE 4x4 Advanced	50cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x2 Advanced	55cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x4 Advanced	55cv	58.000	46.400	44.080	41.876	39.782	37.793	35.903				
MF 265 4x2	65cv								38.548	36.621	34.790	33.050
MF 265 4x4	65cv								40.577	38.548	36.621	34.790
MF 265 4x2 Advanced	65cv		52.440	49.818	47.327	44.960	42.713	40.577				
MF 265 4x4 Advanced	65cv	69.000	55.200	52.440	49.818	47.327	44.961	42.713				
MF 272 4x2	73cv								44.013	41.812	39.721	37.735
MF 272 4x4	73cv								47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 4x2	75cv								44.013	41.812	39.721	37.735
MF 275 4x4	75cv								47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 Advanced 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903				
MF 275 Advanced 4x4	75cv	85.000	68.000	64.600	61.370	58.301	55.386	52.617				
MF 5275 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903	46.458	44.135		
MF 5275 4x4	75cv		64.600	61.370	58.302	55.386	52.617	49.986	47.487	45.113		
MF 283 4x2	83cv								49.584	47.105	44.749	42.512
MF 283 Advanced 4x2	83cv	89.000	71.200	67.640	64.258	61.045	57.993	55.093				



Suporte ao cliente John Deere.
**Garantindo maior desempenho e
disponibilidade operacional do seu produto.**



JOHN DEERE

www.JohnDeere.com.br

ESCOLHA SEU TRATOR

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
MF 5285 4x2	85cv	83.000	66.400	63.080	59.926	56.929	54.083	51.379	48.810	46.370		
MF 5285 4x4	85cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 290 4x2	85cv	92.000							46.000	43.700	41.515	39.439
MF 290 4x4	85cv								51.255	48.692	46.258	43.945
MF 290 Advanced 4x2	85cv	92.000	73.600	69.920	66.424	63.102	59.948	56.950				
MF 290 Advanced 4x4	85cv	98.000	78.400	74.480	70.756	67.218	63.857	60.664				
MF 5290 Export 4x2	88cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 5290 Export 4x4	88cv	100.000	80.000	76.000	72.200	68.590	65.161	61.902	58.807	55.867		
MF 292 4x2	102cv								49.000	46.550	44.223	42.011
MF 292 4x4	102cv								60.169	57.161	54.303	51.588
MF 291 Advanced 4x4	105cv	104.000	83.200									
MF 292 Advanced 4x2	105cv		82.080	77.976	74.077	70.373	66.855	63.512				
MF 292 Advanced 4x4	105cv	108.000	86.400	82.080	77.976	74.077	70.373	66.855				
MF 5310 4x4	105cv	112.000	89.600	85.120	80.864	76.820	72.980	69.331	65.864	62.571		
MF 297 4x4	110cv								63.512	60.336	57.320	54.454
MF 297 Advanced 4x4	120cv	117.000	93.600	88.920	84.474	80.250	76.238	72.426				
MF 298 4x4	120cv	130.000										
MF 5320 4x4	120cv	126.000	100.800	95.760	90.972	86.423	82.102	77.997	74.097	70.392		
MF 610 4x4	110cv										57.320	54.454
MF 620 4x4	120cv										57.941	55.044
MF 630 4x4	130cv										70.392	66.873
MF 299 4x4	130cv								77.997	74.097	70.392	66.873
MF 299 Advanced 4x4	130cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663				
MF 650 HD 4x4	138cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663	82.330	78.214	74.303	70.588
MF 660 HD 4x4	150cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044	94.092	89.387		
MF 680 HD 4x4	173cv	190.000	152.000	144.400	137.180	130.321	123.805	117.615	111.734	106.147		
MF 6350 HD 4x4	190cv	200.000	160.000	152.000	144.400							
MF 6360 HD 4x4	220cv	230.000	184.000	174.800	166.060							
MF 7140 Cabinado	140cv	210.000										
MF 7150 Cabinado	150cv	246.000										
MF 7170 Cabinado	170cv	253.000										
MF 7180 Cabinado	180cv	257.000										

New Holland

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
4630 4x2	63cv											28.000
4630 4x4	63cv											37.000
5030 4x2	75cv											29.000
5030 4x4	75cv											38.000
5630 4x2	80cv											31.000
5630 4x4	80cv											40.000
7630 4x2	105cv											35.000
7630 4x4	106cv	108.000	75.000	67.000	61.000	55.000	52.000	50.000	48.000	45.000	42.500	41.000
7830 4x4	112cv											45.000
8030 4x4	122cv	117.000	78.000	70.000	62.000	56.000	53.000	52.000	49.000	46.000	44.000	43.500
TT 3840 Std	55cv	66.000	46.400	41.700	37.500							
TT 3840 F	55cv	68.000	46.500	41.900	37.900							
TT3880 F	75cv	75.000	52.500									
TT4030 Std	75cv	75.000										
TL 60 4x2 E	62cv	68.000	52.800	46.000	44.000							
TL 60 4x4 E	62cv	75.000	68.000	48.000	46.000							
TL 65 4x2 E	61cv					36.000	35.000	33.000	32.000			
TL 65 4x4 E	61cv					45.000	43.000	40.500	39.000			
TL 70 4x2	71cv									30.000	28.000	26.000
TL 70 4x4	71cv									33.000	31.500	30.000
TL 75 4x2 E	75cv	78.000	48.000	44.000	41.000	39.000	37.000	35.000	33.000			
TL 75 4x4 E	75cv	84.000	59.000	54.000	49.000	46.000	45.000	44.000	43.000			
TL80 4x2	81cv									29.000	27.500	26.500
TL 80 4x4	81cv								43.000	41.000	39.000	37.000
TL 85 4x2 E	90cv	80.245	64.000	47.000	44.000	42.000	39.000	37.000	35.000			
TL 85 4x4 E	90cv	89.000	68.000	60.000	54.000	50.000	48.000	47.000	45.000			
TL 90 4x2	90cv									37.000	35.000	33.000
TL 90 4x4	90cv									43.000	40.000	39.000
TL 95 4x2 E	98cv			49.000	56.000	43.000	40.000	38.000	36.000			
TL 95 4x4 E	98cv	100.000	72.000	65.000	56.000	51.000	49.000	48.000	46.000			
TL 100 4x2	101cv									36.000	34.000	33.000
TL 100 4x4	101cv									43.000	41.000	39.000
TS 90 4x4 Canavieiro	91cv			75.000	69.000	64.000	59.000	55.000	50.000	46.000		
TS 100 4x4	105cv				54.000	52.000	48.000	46.000	44.000	42.000		
TS 110 4x4	109cv			65.000	55.000	53.000	49.500	47.000	44.000	43.000		
TS 120 4x4	120cv			65.000	56.000	54.000	51.000	48.500	46.500	45.000		
TS 6000 Canavieiro	91cv	105.000	73.000									
TS 6020 4x4	111cv	120.000	84.000									
TS 6040 4x4	132cv	134.000	90.000									
TM 110 4x4	110cv										42.000	38.000
TM 120 4x4	120cv										41.000	39.000
TM 130 4x4	130cv										41.000	39.000
TM 135 4x4	137cv			85.000	75.000	70.000	63.000	58.000	55.000	51.000		
TM 135 4x4 E	137cv			83.000	73.000	68.000	62.000	57.000	54.000	50.000		
TM 140 4x4	140cv										48.000	45.000
TM 150 4x4	149cv			90.000	78.000	72.000	65.000	59.000	56.500	54.000		
TM 150 4x4 E	149cv			90.000	76.000	71.000	64.000	58.000	55.000	53.000		
TM 165 4x4	165cv			94.000	89.000	82.000	75.000	69.000	63.000	58.000		
TM 180 4x4	177cv		127.000	112.000	96.000	81.000						
TM 7010 4x4 SPS	141cv	189.886	100.000	90.000								
TM 7010 4x4 Plat	141cv	146.154	100.000									
TM 7010 4x4 Exitus	141cv	163.432	100.000									
TM 7020 4x4 SPS	149cv	208.230	110.000	99.000								
TM 7020 4x4 Plat	149cv	166.656	110.000									
TM 7020 4x4 Exitus	149cv	183.394	110.000									
TM 7030 4x4 SPS	168cv	227.707	122.000									
TM 7030 4x4 Plat	168cv	188.425	122.000									
TM 7030 4x4 Exitus	168cv	204.590	122.000									
TM 7040 4x4 SPS	180cv	243.034	133.000	120.000								
TM 7040 4x4 Plat	180cv	205.554	133.000									
TM 7040 4x4 Exitus	180cv	221.269	133.000									
T 7040 4x4 Importado	200cv	270.000	270.000									
T 7060 4x4 Importado	223cv	301.050	301.050									

Tramontini

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
T3230-4	32cv	45.429										
T3230-4 Série Brasil	32cv	52.240										
T3230-4 Fruteiro 4x4	32cv	43.726										
T5045-4 Fruteiro 4x4	50cv	52.400	41.900									
T5045-4 Série Brasil	50cv	65.230										
T5045-4 4x4	50cv	50.000	40.000									
TTA 18 4x4	18cv	37.877	35.980	34.180	32.470	30.846	29.300					

Valtra

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
585 4x4	47cv	54.000										
685 4x2	61cv	63.000	50.400	47.880	45.486	43.211	41.051	38.999	37.049	35.196	33.436	31.765
685 C	61cv	71.700	57.360	54.492	51.767	49.179	46.720	44.384	42.165	40.057	38.054	36.151
700 4x4	73cv	96.850	77.480	73.606	69.926	66.429	63.108	59.953	56.955	54.107	51.402	48.832
785 4x2	75cv	70.000	56.000	53.200	50.540	48.013	45.612	43.332	41.165	39.107	37.152	35.294
785	75cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.243	53.432	50.760	48.222	45.811	43.520	41.344
800 4x4	80cv	100.100	80.080	76.076	72.272	68.658	65.226	61.964	58.866	55.923	53.127	50.470
885 4x2	84cv									37.152	35.294	33.529
885	84cv									53.127	50.470	47.947
900 4x4	86cv	103.400	82.720	78.584	74.655	70.922	67.376					
985 4x2	103cv									55.610	52.829	50.188
985	103cv									58.881	55.937	53.140
1180	118cv									64.756	61.518	58.442
1280 R	126cv	159.400	127.520	121.144	115.087	109.332	103.866	98.673	93.739	89.052	84.599	80.369
1380	135cv									65.973	62.674	59.541
1580	145cv									78.861	74.918	71.172
1680	150cv									83.242	79.080	75.126
1780	160cv	187.250	149.800	142.310	135.195	128.434	122.013	115.912	110.117	104.611	99.380	94.411
1880	180cv									86.985	82.636	78.504
BF 65 4x2	65cv	63.000	50.400	47.880								
BF 65	65cv	66.000	52.800	50.160								
BF 75 4x2	75cv	68.000	54.400	51.680								
BF 75	75cv	72.050	57.640	54.758								
BH 145	145cv	149.000	119.200	113.240	107.578	102.199	97.089	92.235	87.623			
BH 165	165cv	155.700	124.560	118.332	112.415	106.794	101.455	96.382	91.563			
BH 180	180cv	189.950	151.960	144.362	137.144	130.286	123.772	117.584	111.705			
BH 185 i	185cv	205.950	164.760									
BH 205 i	210cv	239.000										
BL 77 4x2	77cv	80.000	64.000	60.800								
BL 77	77cv	85.000	68.000	64.600								
BL 88 4x2	88cv	84.000	67.200	63.840								
BL 88	88cv	91.000	72.800	69.160								
BM 100 4x4	100cv	111.250	89.000	84.550	80.323	76.306	72.491	68.867	65.423			
BM 110	110cv	119.200	95.360	90.592	86.062	81.759	77.671	73.788	70.098			
BM 120	120cv	122.350	97.880	92.986	88.337	83.919	79.724	75.738	71.951			
BM 125 i	125cv	124.650	99.720	94.734	89.997	85.497	81.223	77.161	73.303			

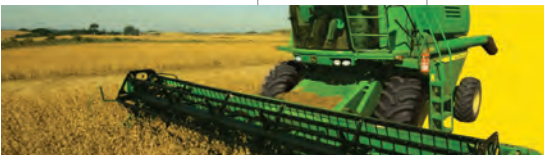
Yanmar

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
1030 Standard 4x2	26cv	43.300	31.304	29.739	28.251	26.839	25.497	24.222	23.011	21.860	20.768	19.729
1030 Standard 4x4	26cv	48.800	35.263	33.500	31.825	30.234	28.722	27.286	25.922	24.626	23.394	22.225
1145 Standard 4x4	39cv	55.800	41.494	39.419	37.448	35.575	33.797	32.107	30.501			
1145 Standard 4x4 TDFI	39cv	57.400	42.693	40.558	38.530	36.604	34.773	33.035	31.383			
1050 Turbo Completo 4x4	50cv	59.900	43.235	41.073	39.019	37.069	35.215	33.454	31.781	30.192	28.683	27.249
1050 Turbo Básico 4x2	50cv	52.300	35.940	34.143	32.436	30.814	29.273	27.810	26.419	25.098	23.843	22.651
1155 Standard Completo 4x4	55cv	67.500	47.588	45.209	42.949	40.801	38.761	36.823				
1155 Standard Completo SR 4x4	55cv	71.000	50.428	47.907	45.511	43.236	41.074	39.020				
2060 Standard Completo 4x4	55cv	71.100	49.520	47.044	44.692	42.457	40.334	38.318	36.402	34.582		
1175 Completo 4x4	75cv	75.200										

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Case IH

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
2366	Axial											
2388	Axial						350.892	333.347	316.680	285.804	271.514	257.938
2388 - Extreme	Axial				410.400	389.880						
Axial-Flow - 2388	Axial	600.000	480.000	456.000								
Axial-Flow - 2399	Axial	650.000	520.000	494.000								
Axial-Flow - 8010	Axial	850.000	680.000									



JOHN DEERE

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
1165	4 - Saca-palhas		197.280	187.416	178.045	169.143	160.686	152.652	145.019	137.768	130.880	124.336
1175 Arrozadeira/Esteira/19 pés	5 - Saca-palhas	310.000	248.000	235.600	223.820	212.629	201.998	191.898	182.303	173.188	164.528	156.302
1175 Básica/16 pés	5 - Saca-palhas	274.000	219.200	208.240	197.828	187.937	178.540	169.613	161.132	153.076	145.422	138.151
1175 Básica/Cabinada/16 pés	5 - Saca-palhas	303.000	242.400	230.280	218.766	207.828	197.436	187.564	178.186	169.277	160.813	152.772
1175 Hydro/19 pés	5 - Saca-palhas	314.000	251.200	238.640	226.708	215.373	204.604	194.374	184.655	175.422	166.651	158.319
1175 Hydro/Cabinada/19 pés	5 - Saca-palhas	334.000	267.200	253.840	241.148	229.091	217.636	206.754	196.417	186.596	177.266	168.403
1185 Hydro/Cabinada/19 pés	6 - Saca-palhas									177.266	168.403	159.983
1185 Hydro/Cabinada/23 pés	6 - Saca-palhas									198.475	188.551	179.124

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
1450 Arrozera/Cab/Hydro/Esteira	5 - Saca-palhas		302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Hydro/Cabinada/18 pés	5 - Saca-palhas	378.000	302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Tração/Plataforma/20 pés	5 - Saca-palhas	386.000	308.800	293.360	278.692	264.757	251.520	238.944	226.996			
1550 Hydro/Cabinada/20 pés	6 - Saca-palhas	445.000	356.000	338.200	321.290	305.226	289.964	275.466	261.693			
1550 Hydro/Cabinada/22 pés	6 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900	308.655	293.222	278.561	264.633			
9650 CTS - Arrozera - Importada	Axial								211.177	200.618	190.587	181.058
9650 STS 25 pés	Axial	635.000	508.000	482.600	458.470	435.547	413.769	393.081				
9650 STS 30 pés	Axial	645.000	516.000	490.200	465.690	442.406	420.285	399.271				
9660 CTS - Arrozera - Importada	Axial					420.285	399.271	379.307				
9670 STS - Arrozera - Importada	Axial	550.000										
9750 STS 30 pés	Axial	690.000	552.000	524.400	498.180	473.271	449.607	427.127				

Massey Ferguson

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
5650	5 - Saca-palhas					194.940	185.193	175.933	167.137	158.780	150.841	143.299
5650 Advanced	5 - Saca-palhas	300.000	240.000	228.000	216.600							
6855	6 - Saca-palhas											136.134
6855 Hydro	6 - Saca-palhas									209.000	198.550	188.623
MF - 32 Advanced	5 - Saca-palhas	380.000										
MF - 34	5 - Saca-palhas					292.410	277.790	263.900	250.705			
MF - 34 Advanced	5 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900							
MF - 38	6 - Saca-palhas	500.000	400.000	380.000	361.000	342.950	325.803	309.512	294.037			
MF - 9790 - ATR	Axial	690.000										

New Holland

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
TC - 55 15 pés	4 - Saca-palhas			225.000	204.000	185.000	168.000	151.000	139.000	127.000	115.000	105.000
TC - 57/5070 17 pés	5 - Saca-palhas	340.000	280.000	260.000	232.000	209.500	188.000	169.000	158.000	150.000	142.000	135.000
TC - 57/5070 20 pés	5 - Saca-palhas	360.000	290.000	262.000	233.000	210.000	189.000	170.000	161.000	153.000	145.000	138.000
TC - 59 19 pés	6 - Saca-palhas		337.000	310.000	275.000	247.000	222.000	200.000	190.000	180.000	171.000	162.000
TC - 59 23 pés	6 - Saca-palhas		344.000	315.000	283.000	255.000	230.000	207.000	196.000	186.000	177.000	168.000
TC - 5090 19 pés	6 - Saca-palhas	421.000										
TC - 5090 20 pés	6 - Saca-palhas	440.000		350.000								
TC - 5090 25 pés	6 - Saca-palhas	450.000										
CS - 660 30 pés	6 - Saca-palhas	500.000		370.000	320.000	300.000						
CR - 9060 30 pés	Duplo rotor	650.000										
CR - 9060 35 pés	Duplo rotor	680.000										

Valira

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
BC - 4500	5 - Saca-palhas	320.000	256.000									
BC - 7500	Axial	650.000										

ESCOLHA SUA COLHEDORA DE ALGODÃO

Case IH

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
420 Cotton Express 4x4	264cv	US\$ 298.000	US\$ 238.000									
620 Cotton Express 4x4	368cv	US\$ 368.000	US\$ 294.000									
625 Cotton Express	370cv	US\$ 503.000	US\$ 402.000									



JOHN DEERE

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
9970	253cv	US\$ 300.000	US\$ 240.000	US\$ 216.000	US\$ 194.400	US\$ 180.000	US\$ 162.000	US\$ 145.800	US\$ 131.220	US\$ 129.000	US\$ 127.000	US\$ 125.000
9996	355cv	US\$ 400.000	US\$ 320.000									

Montana

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
2805 Cotton Blue	280cv	520.000										

ESCOLHA SUA COLHEDORA DE CANA

Case IH

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
A7000/Pneu	335cv	950.000										
A7700/Esteira	335cv	1.150.000										



JOHN DEERE

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
CHT 3510/Esteira	332cv	920.000										
CHW 3510/Pneu	332cv	890.000										

Santal

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
Amazón 2000 4x2	336 HP							245.000	233.00	221.000	210.000	199.000
Santal Tandem 6x4	336 HP	800.000	640.000	608.000	578.000	549.000						

Star

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
StarMag CC701	234cv	580.000										



METALÚRGICA

SÃO JOSÉ

Fone: (55) 3616-0221 - Celular: (55) 9999-0358
www.metalsj.com.br - e-mail: volnei@metalsj.com.br
 São José do Inhacorá - RS

16

anos


Distribuidor de Adubo Orgânico


Roçadeira


Plataforma Basculante


Arado Subsolador


Plantadeira Manual para Fumo


Para Choque


Toldo


Carrinho para Tarro de leite 30 e 50 litros


Distribuidor de Uréia


Arado Subsolador


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores

Visite nosso site www.metalsj.com.br

REDUZA SEUS GASTOS COM MANUTENÇÃO

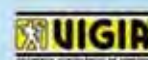
Em 2009, clientes como: Walmart, Engemix, Golden Mix, Aços Finos Piratini, Termolar, Tanac, Tectrans, Sulbras / Unidão, FG entre outros, utilizando as soluções da RELUB, usufruíram de enormes economias e contribuíram muito para a preservação do meio ambiente.



“Após começarmos a usar o Otimizador de Combustível da Relub nunca mais tivemos problemas com bicos e bombas injetoras em nossa frota”

Anderson Souza- Coord. Manutenção Golden Mix

Distribuidor:



Conheça 10 razões para a sua empresa adotar os filtros de microfiltração e Otimizadores de combustível da RELUB em seus equipamentos. Acesse:

www.relub.com.br



Rua : Corrêa Lima, 1.575 - Porto Alegre - RS
 CEP : 90850-250
 Fones: (51) 3233.3787/ 3233.6954



Qualidade e Resistência

Fones:

75 3202-1161

75 3202-1162

75 3202-1166

Fios e Cordas de Sisal

Fios Agrícolas para fenação

Fios de sisal

Cordas de sisal

sisalandia@sisalandia.com.br

www.sisalandia.com.br



Av. Luiz Eduardo Magalhães, 107, Centro, Retiroândia - Bahia

EM 2010 NÃO PERCA TEMPO E NEM DINHEIRO, ACELERE OS RESULTADOS !

Anuncie no **AGROGUIA** da Revista A Granja - Fone : (51) 3233-1822 -
agroguia@agranja.com



A CABIFORT

Adentra no ramo do mercado de cabines para :

- Tratores • Guindastes • Máquinas Fora De Estradas • Fechamento De Empilhadeiras
- Carenagens Para Guindastes • Plataformas

NOSSO LEMA É:

"PENSOU CABINES PARA TRATORES, GUINDASTES
E MÁQUINAS FORA DE ESTRADA LEMBROU CABIFORT".

Para fazer a diferença no ramo desta atividade, proporcionando maior conforto, segurança e qualidade. Há mais de 4 anos e meio no mercado com experiência de 8 anos em projetos e desenvolvimentos nesta área.

Cabifort Indústria e Comércio de Cabines Ltda. Rua: Egidio Antônio Marcarini n.1269 Bairro: Pioneiro
Cep: 95042-590 Caxias do Sul/RS. Fone: (54) 3217-90-65 www.cabifort.com.br cabifort@cabifort.com.br
Localização : Pavilhão ao lado do Sest Senat



Anuncie no AGROGUIA ligue: (51) 3233.1822
agroguia@agranja.com



Conheça o novo site do Brasil agrícola
www.agranja.com

Clique e descubra o mundo de informações

Agroguia | Currículos On-Line | Matérias Atualizadas
Revista A Granja | Revista AG | Cotações | Previsão do Tempo |
Produtos e Serviços | Agro Oportunidades | Agenda de Eventos

Faça a sua assinatura on-line

RATOS?
MORCEGOS?

EX-RATTER

TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
CONTRA RATOS E MORCEGOS

Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa:
sem similar no Brasil.

BRASTÉCNICA
Tel.: (35) 3292-1889
Fax.: (35) 3292-1320
Caixa Postal 101 - Cep 37130-000
Allenas - MG
btc@brastecnica.com.br
www.brastecnica.com.br



17 anos

- Fábrica de esteiras transportadoras
- Transporte de sacarias e fardos em geral
- Esteiras com módulo de carga (pesagem)
- Projetos Especiais
- Esteiras Planas
- Esteiras Fixas
- Esteiras Roletada
- Esteiras em "V"
- Esteiras com Balança.

ESTEIRA ARTICULADA

TORSOL METALÚRGICA

Endereço: Av. Senador Alberto Pasqualini, 1900 - Três de Maio - RS - CEP: 98.910-000 Fone: (55) 3535.2047 - torsolmetal@terra.com.br - www.torsolmetal.com.br




Fabricamos misturadores de ração e sal: Vertical, Horizontal, Tipo Y, em aço carbono e inox
Fábrica de Ração: Creep Feeding, Moinho Granjeiro. Caixa d'água, Forrageira e Silos.

Fábrica de ração

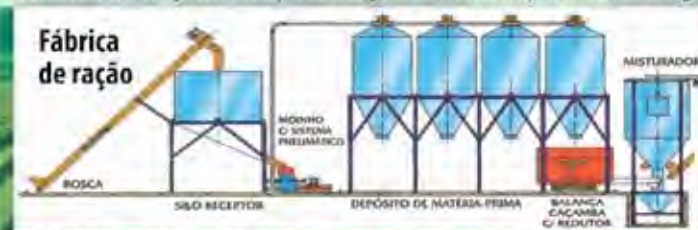
ROSCA, SILO RECEPTOR, MOINHO O SISTEMA PRELIMINAR, DEPÓSITO DE MATERIA-PRIMA, BALANÇA, CAÇAMBA, C/ REDUTOR, MISTURADOR

Misturador Horizontal, Misturador Vertical, Misturador Y

MÁQUINAS PEREIRA

45 Anos De Tradição

End: Av: Brasília, 5662 - Vila Yara - Londrina-PR - CEP: 86.027-020 - Fone: (43) 3325-4275 / 3325-5217 Fax: (43) 3334-2364
www.maquinaspereira.com.br - E-mail: mqpereira@sercomtel.com.br - mqagricolas@hotmail.com





Uma imagem fala mais do que mil palavras...

BIOSUL® FERTILIZANTES

(54) 3231-7600
falecom@biosul.com - www.biosul.com









TUDO EM SISAL

- fios agrícolas (baller twine)
- fios naturais
- fios tingidos
- cordas
- telas
- tapetes e carpetes



CONHEÇA TAMBÉM...
Valente Tapetes e Carpetes de Sisal.







APAEB
SISAL - BAHIA

Rodovia Luiz Eduardo Magalhães, Km 02
Bairro Petrolina - Valente - Bahia - Brasil
CEP 48890-000 - Fone: (75) 3263-2341 - Fax: (75) 3263-2342
CNPJ 63.104.020/0004-75 - INDÚSTRIA BRASILEIRA
Site: www.apaeb.com.br - E-mail: vendas@apaeb.com.br
Escritório São Paulo: (11) 3379-3815 - comercial@apaeb.com.br

BRAS CAB

brascab@brascab.com www.brascab.com

Bras Cab do Brasil - Rua Ilina Pacheco Secundino de Oliveira, nº 195 Setor Industrial I - CIC
CEP 81460-032 Fone: (41) 3268-0706 e Fax (41) 3268-0707 - Curitiba - PR - Brasil



Bras Cab do Brasil - Fabricação de Cabinas e componentes para máquinas agrícolas e de construção.



Quer comprar ou vender
uma propriedade no
campo ou na cidade?

Anuncie no **AGROGUIA!**

Fone (51) 3233.1822 - e-mail: agroguia@agranja.com

Tecnologia para o monitoramento climático e suas tendências. proporciona ao agricultor segurança e eficácia do preparo do solo à colheita.



Estação Meteorológica Digital

Transmissão radiocontrolada de temperatura, umidade, pressão atmosférica, chuva, velocidade e direção do vento, data logger com memória de 3.000 conjuntos de dados e cabo USB para conexão com PC. Acompanha sensores externos e software.

Para mais informações consulte-nos!



Pluviômetro Digital

Transmissão sem fio (máx. 100m);
Escala de indicação - 24 horas de 0-1.000mm;
Escala de indicação - total de 0-10.000mm;
Função de alarme programável;
Temperatura (interna);
Volume de chuva.



Data Logger / Clima Logger

- Transmissão sem fio por até 5 transmissores (até 100m);
- Faixa de temperatura int. de 0+60°C ext. de -30+70°C;
- Faixa de umidade int./ext. 0 a 99% UR;
- Alarme, hora formato 12/24h, calendário e correção de dados;
- Registro de até 1.650 conjunto de dados;
- Máxima e mínima;
- Conexão com PC (RS-232).

Consulte
personalização

Pluviômetro

- Escala de 150mm
- Com suporte



Av. Eduardo Prado, 1670 - Porto Alegre
Tel.: (51) 3245-7100 - Fax: (51) 3248-1470
vendas02@incoterm.com.br
www.incoterm.com.br

Tradição que você precisa.
Qualidade que você merece.



Sementes forrageiras Seedco

Tecnologia e qualidade para obter muito mais produtividade.

As melhores sementes forrageiras importadas de Cornichão, Alfafa, Trevo Branco, Trevo Vermelho, Azevém ou Aveias é SEEDCO.

- Produzidas na Argentina, Austrália e Estados Unidos;
- Sementes com alta Tecnologia: peletizadas, inoculadas e tratadas com fungicidas;
- Desenvolvimento Genético com programas em: Milho-Pipoca, Sorgo Forrageiro, Milho Silageiro e Girassol Confitero; Forrageiras de Inverno: Alfafa, Trevo Branco, Trevo Vermelho, Cornichão, Azevém e Aveias;
- Sementes Legais no Brasil de acordo com a Legislação do Comércio de Sementes e Mudas do Ministério da Agricultura.

Farm@D

www.seedco.com.br

Seedco do Brasil Agricultura Ltda.
Av. Missões, 98 • Navegantes • CEP 90230-000
Porto Alegre / RS • +55 51 4063.8270
comercial@seedco.com.br



seedco
brasil

AGROPECUÁRIAS

Agrofronza – Produtos Stoller, Manah e Supra. Agropecuária em geral. Fone / fax.: (55) 3542-1052 E-mail : zeferino@terra.com.br Av. Osvaldo Teixeira, 1.349 Tucunduva/RS CEP: 98930-000

INOCULANTES E FERTILIZANTES

Total Biotecnologia – Inoculantes para a agricultura. Fone: (41) 3347.1211 Fax.: (41) 3347-1550 E-mail totalquimica@totalquimica.com.br Site: www.totalbiotecnologia.com.br Rua Emílio Romani, 1.190 - Cidade Indl Curitiba/ PR CEP: 81460-020

PRODUTOS DA LAVOURA

Bioace Fruits – Produto natural rico em ac. cítrico, próprio para fruticultura. Pode ser usado da muda à pós-colheita, certificado pela Ecocert. Herbotec do Brasil contato@herbotecbr.com.br Fone (11) 3625 -1355 São Paulo/SP.

SEMENTES EM GERAL

Grão de Ouro Com. e Transportes de soja, milho, sorgo, milheto e farelo de soja – Da Bahia p/ Pernambuco, Paraíba e Bahia. Fones: (77) 3611-4796 / 9115-9888/9135-5164

Permita que a rentabilidade da sua lavoura seja superior! Conheça os híbridos de milho Prezzotto para grão e silagem. Fone: (49) 3441-8800 Xanxerê/SC.

SERVIÇOS

Agros Assessoria Agrônômica Ltda. Projetos ambientais e agropecuários, georreferenciamento. Fones: (53) 3243-2332 / 9975-0336 E-mail : agrosassessoria@

brturbo.com.br Rua Duque de Caxias, 954 Dom Pedrito/RS. CEP: 96450-000

A Safras & Cifras atende produtores rurais em todo o Brasil, nas áreas de organização de negócio e sucessão familiar, estruturação tributária e fundiária. Fone (53) 32271010 Site: www.safrasecifras.com.br Pelotas/RS.

Consórcio- Adquirir já a sua colheitadeira e o seu trator - Novos ou seminovos, sem juros e sem taxa de adesão. Fone : (43) 9172-5332 com Jácomo ou no fone: (43) 9974-5844 com Guerra.

Sempre Verde Ltda. Georreferenciamento, projetos agropecuários e assistência técnica. Fones: (43) 3557-1518 / 9979-0634 (Calil) E-mail: sempreverde@brturbo.com.br Rua Expedicionário, 87 Arapoti/PR. CEP: 84990-000

Schuhrobert Topografia e Agropecuária Ltda. Licenc. ambiental, Sisleg – reserva legal, georreferenciamento rural e urbano, projetos, assistência tec. e loteamento. Fone: (45) 3378-5389 E-mail: schuhrobert@brturbo.com.br Rua Raimundo Leonardi, 861 Toledo/PR. CEP: 85900-110

Terplanta - Planejamento e Assistência Rural Ltda. Especializada em projetos técnicos agropecuários e assistência técnica. Fone/fax: (55) 3742-2536 Cel. (55) 9999-1244 terplanta@terra.com.br Palmeira das Missões/RS.

TFB Advocacia – Direito rural – Pagamento indevido do funrural (Busque 10 anos p/ trás) – Defesas em execuções e/ou revisionais de securitização/Pesa Contato c/ André Bessow - fones

(51) 3724-2155 / 9956-3355. E-mail andre@tfbadvocacia.adv.br Rua Sete de Setembro, 842, Cachoeira do Sul/RS.

Vansetto e Vitorello Agro Projetos Ltda - Agroplan. Elaboração de Projetos Agropec. e Asses. Resp. tec.: Engº Agríc. Andréia Vitorello Fone:(54) 9956-6290 E-mail: agroplan@tolrs.com.br Rua Vasconcelos 1071, Centro - Campinas do Sul - RS CEP: 99660-000

TRATORES E IMPLEMENTOS

Comércio de máquinas agrícolas. Fone: (51) 3671-4522 c.a.schedler.maquinas@hotmail.com Rua Belarmino Schinepp, 298 - Olaria Camaquã/RS. CEP: 6180-000

Conquista Maq Agrícolas - Dracena/SP. Revenda. Tratores e microtratores da marca Tramontini e implem. novos e usados. Peças e assistência téc. Regiões: Tupã, Dracena e Presidente Prudente. Fone: (18) 3822-3171 ou faça-nos uma visita.

Trator marca Case mod. MX 135 ano 98 c/ cabine original, pneus traseiros duplados, ótimo estado. Valor R\$ 60.000.00 Fone: (46) 8803.9141 Coronel Vivida/PR.

OUTROS

Agrofertil - Matriz: Independência, 95 Passo Fundo fone (54)3581-1986 Filiais: Rodovia BR 285 Km 250 Água Santa fone:(54) 3504-3035, BR 285 Km 274 Mato Castelh. Fone: (54) 3615-0065 e BR 285 Km 235 Caseiros fone:(54) 9923-2243.

Ampla Tintas Ltda. Trabalhamos com diversas marcas : Suvinil, Coral, Sherwin, Willians, Killing e Eucatex. Fone: (54) 3228-1590 Matriz : Rua

Angelina Michelon, 1195 Caxias do Sul - RS

Borrachas Urano Ltda. Fone /fax: (51) 3341-6900 / 6918 E-mail: vendas@borrachasurano.com.br Site: www.borrachasurano.com.br Av. Tancredo Neves, 330 Cachoeirinha/RS.

Cairofrio Comércio de Peças p/ Refrigeração Ltda. Fone : (11) 3224.5555 caiofrio@caiofrio.com.br www.cairofrio.com.br Alameda Glete, 676 São Paulo/ SP. CEP: 01215-001

Insuagro Insumos Agrícolas Ltda. Fertilizantes, agroquímicos e compra de cereais Fone: (46) 3535-1353 E-mail: luizinho_rebonato@hotmail.com Rua Leopoldo Preilleper, 467 Verê/PR. CEP: 85585-000

Martiplan C. Martinelli & Cia Ltda Fone / fax.: (45) 3268-1589 martinelliaudio@bol.com.br Av. Arnaldo Busato, 790 - Cx Postal 95 Santa Helena/PR. CEP: 85892-000

Sultrigo Com. de Trigo e Repres. Ltda. Distribuição de farinha de trigo e derivados. Fones: (73) 3294-3677 / 9986-2243 c/ Antônio E-mail: sultrigo@hotmail.com Praça Independência, 574 Itamaraju/BA CEP: 45836-000

VENDO

Enfardadeira Nogueira AP 41 N
Com entrega técnica.
FRETE LIVRE para até
100 Km de Eldorado do Sul / RS.
Tel: (51) 8406-2261
Expogranja

Agro Spray CABINES

Tecnologia em cabines agrícolas, florestais, rodoviárias e transformações agrícolas

Atuando há mais de cinco anos em todo território nacional a Agro Spray Cabines e Transformações Ltda. abriu as portas em janeiro de 2003, para atender seus clientes com honestidade, humildade, respeito e com o que existe de melhor no mercado de fabricação.

CONVENIO
CARTÕES:
BNDES E
AGRONEGÓCIOS.

A Agro Spray é uma empresa que atua na fabricação de cabines para:

- Tratores;
- Colheitadeiras;
- Pá Carregadeiras;
- Tratores de Esteira;
- Moto Niveladoras;
- Retroescavadeiras e etc.

Nossa empresa trabalha com técnico especializado na fabricação de Máquinas de Pulverização de Lavouras, adaptadas em tratores. Ambos, de quaisquer marcas e modelos!

Com a opção do cliente - Ar condicionado ou Ar climatizado



Agro Spray Cabines e Transformações Ltda. Av. Carlota Fontanari, 1170 - Centro- Engenheiro Beltrão - PR CEP: 87270-000
Fones : (44) 3537-3132 / 3537-1100 / 3537-1170 / 9977-2720. ceara@agrospray.com.br / vendas@agrospray.com.br / adriana@agrospray.com.br - www.agrospray.com.br

PODER... É FAZER A ESCOLHA CERTA !

✓ ANUNCIE NO AGROGUIA (51) 3233-1822 agroguia@agranja.com

RAI TEL
COMBATA DEFINITIVAMENTE RATOS E MORCEGOS COM O REPELENTE ELETRÔNICO

Tecnologia de ponta.
Não afeta animais domésticos
Equipamento ecologicamente correto
Disponível em cinco modelos 300, 700, 1000, 1200 e 1500 m²

Ecotech Projetos Eletrônicos Ltda.
Rua: Solônio, 264 - sala: 303- Bairro: Prado - Belo Horizonte - MG
CEP: 30.410-000 - Tel: (31) 3313-7191
Site: www.ecotechprojetos.com.br

Manutec
Máquinas e Equipamentos Agroindustriais

Empilhadeira para sacaria
Sugador de grãos
FERTILIZADOR ESPECIAL PARA LINHAS DE SEMENTES
MOTOR DE VEICULO para Trator

IJUI - RS
Rua José Gervasio, 831
94 - RS
(51) 3359-7260
manutec_sul@manutec.com.br
www.manutecbrasil.com.br

FENOSUL COMERCIAL AGRÍCOLA LTDA

Equipamentos e peças para fenação e silagem.

Distribuidor exclusivo **CISNEL**
para o Rio Grande do Sul
e Santa Catarina

CISNEL
COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE SISAL NORDESTE LTDA
WWW.CISNEL.COM.BR

Fone: (54) 3330-1262 / (54) 3330-1660 | www.fenosul.com.br

Topázio
CABINES AGRÍCOLAS, TRATORES E COLHEITADORA

Cabines Especiais para Pulverização

Fabricamos vidros de reposição para cabines originais; vidros curvos sob medida e vidros especiais (blindagem, vidro de segurança ou lexan).

SOLICITE O SEU ORÇAMENTO

Fone (18) 3375.7201 / Fax: (18) 3375.1097 - cabinestopazio@yahoo.com.br - www.cabinestopazio.tk Pedrinhas Paulista - SP

VICIADOS ANÔNIMOS



Morando na fazenda com as filhas estudando na cidade distante cerca de duas horas, bolei um clube de bêbados, lugar onde o cavalheiro pudesse beber e comer bem, a preços razoáveis, numa roda de amigos. Fixei em 40 o número de membros e fui o primeiro presidente da Academia Rio Branco, maneira elegante de dizer que o sujeito não estava num botiquim, mas na Academia. Proibi a entrada de mulheres para evitar que os acadêmicos levassem as suas namoradas, com os ciúmes e as brigas inevitáveis. Ninguém sabia o número do telefone fixo, evitando o controle das santas domésticas de bobs nos cabelos.

Nosso fornecedor trazia o uísque do Aeroporto do Galeão, 12 ou 15 litros de cada vez, adquirido das tripulações dos aviões. E o negócio funcionava à maravilha, quando descobri que o fornecedor fazia parte de um grupo de Alcoólicos Anônimos, que se reunia em Juiz de Fora uma vez por semana.

Fiz-lhe ver o contrassenso de um AA fornecer os uísques de um clube de bêbados, e ele, emocionado, me passou um sabão: “Sou alcoólatra, vivia na sarjeta. Os senhores bebem socialmente e são todos bem-sucedidos na vida. O senhor não sabe o que é o alcoolismo”. Meti a viola no saco, porque os acadêmicos, com exceção do modesto produtor de leite que lhes fala, eram todos muitíssimo bem-sucedidos, constituindo a nata dos empresários da região.

Decorridos tantos anos, penso fazer outro clube, o PLA, sigla dos Produtores de Leite Anônimos, gente que, mesmo afastada da produção de leite nos trópicos, sonha voltar a mungir meia dúzia de vaquinhas. Ou dez dúzias, tanto faz.

É o meu caso. Na primeira oportunidade, volto à roça para tirar um leite-

nho suficiente para pagar as contas rurais do final do mês. Escrevendo para fora, ganho bem e posso fumar meus charutinhos, no intervalo das cervejas holandesas com 7,9% de álcool por volume, que me deixam na maior felicidade. A roça atual conta com a internet para mandar as matérias. Produzindo 1.200 litros/dia, com 100 vaquinhas, sei que pago as contas. O resto é pura curtição.

Veja o leitor que não sonho com médias diárias de 30 ou mais quilos, hoje perfeitamente possíveis, para não complicar minha vida. E o clima deve ser o do cerrado, porque detesto frio. Nos anos todos em que morei na roça, o pior trabalho que vi foi o dos vateiros, que passavam o dia inteiro dentro d’água abrindo valetas. As retroescavadeiras, felizmente, acabaram com a terrível profissão.

Em matéria de pavor, resta a produção de leite no oeste do Canadá. Um amigo meu esteve naquela região como juiz numa exposição de gado. Acho que em Calgary, a maior cidade da província de Alberta. Logo de saída, um susto: 40 graus abaixo de zero! Como é possível viver no oeste do Canadá?

Vi na tevê bela reportagem sobre uma fazenda de leite. O fazendeiro, agasalhado, controla do escritório todo o movimento rural. Vacas, bezerras, novilhas têm chips que informam ao computador, em tempo real, tudo que acontece na fazenda. Estábulo com piso de pneus reciclados, passagens regulares pelos pedilúvios para tentar evitar problemas nos cascos. Alimentação, cios, produção nas várias ordenhas, movimentação das vacas ao longo dos dias – tudo controlado pelos computadores. Presumo que a produtividade seja muito alta; perdi a parte do programa que deve ter explicado a produtividade, mas o restante foi de assustar: muito pior do

que abrir valetas na munheca.

O máximo de frio suportável é o da Campanha Gaúcha, mesmo assim por causa da simpatia e da hospitalidade do seu pessoal. Quando lá estive durante oito dias, nas terras generosas de Dom Pedrito, gostei do ritual do vinho, pão quente e fatias de carne de ovelha pela manhã, antes de sair a cavalo fumando meu charutinho. Era inverno, mas dava para andar pelas coxilhas, ainda que maldizendo eventual pampeirito. Voltei virgem de chimarrão, mas já conhecia o tereré do Pantanal do MS, tomado sozinho ao cair da noite na fronteira com o Paraguai.

Tenho larga experiência em cima de cavalos crioulos chilenos, argentinos e gaúchos. Ainda recentemente, circulei

Na primeira oportunidade, volto à roça para tirar um leiteinho suficiente para pagar as contas rurais do final do mês

pela roça a cavaleiro de um mestiço de hanoveriano com crioulo argentino, animal imenso, 1m71 de cernelha, compatível com o ginete que beira 1m90. Coisa curiosa: só me lembro dos cavalos que me deixaram saudades – e foram muitos. Dou razão a Winston Churchill, quando escreveu que nenhuma hora passada em cima de um cavalo é uma hora perdida.

Na recaída leiteira, que julgo inevitável, penso comprar dois cavalos com as virtudes do mestiço de 1m71. Na posse dos dois primeiros, sei o que vai acontecer: mais um, mais outro, ferrador, arreios, cabeçadas, pelegos. Já vi esse filme...

